

PORQUE AMAMOS
LIVROS

REVISTA

conexão

Literatura



Dezembro/2020

Nº 66

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DESEJAMOS UM
FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO

CONFIRA

ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS



SUMÁRIO

DEZEMBRO DE 2020

- Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03
O claustro e a janela caleidoscópica, pág. 05
Dicas de livros, pág. 10
Poemas do autor italiano Antonio Di Bianco, pág. 11
Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 10: Eu tenho tanto amor pra dar, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 20
O maior trem do mundo - Português Amoroso, por Mayanna Velame, pág. 28
Literatura: 100 anos de uma diva literária: Clarice Lispector, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 31
ENEM 2021, por Regiane Harich, pág. 36
Resenha: O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era, por Regiane Harich, pág. 41
Poemas, por Telma de Sousa Lopes, pág. 45
Cultura Política Brasileira: Mudança ou Tradição, por Marcos Ferreira, pág. 49
Artigo científico: Gestão educacional, pedagógica e escolar: (inter)cruzamentos teórico-práticos?, por Marcos Pereira dos Santos, Emerson Luiz Nass e Miriam Malherbi Reusing, pág. 54
Entrevista com o autor Fábio Mariano, pág. 65
Entrevista com a autora Alessandra Cysneiros, pág. 69
Entrevista com o autor Daniel Adjafre, pág. 75
Entrevista com o autor José Manoel Bertolote, pág. 79
Entrevista com o autor Everton Ilkiu, pág. 83
Entrevista com o autor Lucas Gregorio, pág. 88
Entrevista com o autor Luis Torcato, pág. 93
Entrevista com o autor Max Moreno, pág. 97
Entrevista com o autor Policarpo, pág. 100
Entrevista com a autora Priscila Moreira Gouveia, pág. 103
Entrevista com a autora Simone Fontarigo, pág. 106
Conto: "A Garota da Sala ao Lado", por Mollero Tomé, pág. 110
Conto: "No meio do estranho", por Edilson do Rosário Jorge de Ngunza, pág. 114
Conto: "O menino e a concha", por Roberto Schima, pág. 117
Conto: "Succubus", por B. B. Jenitez, pág. 125
Conto: "Luz das galáxias", por Míriam Santiago, pág. 131
Conto: "Um vento cortando a tempestade", por Roberto Schima, pág. 134
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 155

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com
Mayanna Velame - Colunista

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale
Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe
- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



ademirpascale

EDITORIAL

Chegamos em nossa última edição de 2020 completando 66 edições. Estamos no ar desde 2015 e a cada edição buscamos melhorar, trazendo informações sobre o mundo da literatura com entrevistas com escritores, contos, poemas, crônicas e dicas de livros. Esse ano não foi muito fácil para ninguém, mas nós brasileiros somos fortes e já suportamos muitas coisas até aqui. 2021 será um novo ano, carregaremos nossas energias e continuaremos nossas vidas sempre em busca de superações e novos objetivos.

Nós da Revista Conexão Literatura desejamos um Feliz Natal e um Próspero ano Novo.

Para saber como participar da nossa edição de janeiro de 2021, seja com conto, crônica ou poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

— *conexão* —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br

*Bendita seja a data que une
a todo mundo numa conspiração
de amor. — Hamilton Wright Mabi*



Ademir Pascale
Editor-chefe





O CLAUSTRO E A JANELA CALEIDOSCÓPICA

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Crônica

Na última semana de março de 2020, o gerente chegou no nosso setor de trabalho, uma baia ampla, arejada e acarpetada, localizada no 11º andar de um prédio do Setor Bancário Sul de Brasília, com vista ancha e panorâmica para a Esplanada dos Ministérios de lado; para o eixo monumental de outro e sob outro ângulo, para o vale de múltiplas pistas paralelas do Eixo Rodoviário Sul, e decretou:

— Todos vocês, independente de idade, estão liberados para o trabalho de home office, por determinação da direção, em virtude das regras de isolamento social decretadas pelo governo do Distrito Federal face à pandemia da COVID-19.

Logicamente, a totalidade dos analistas sabia o conceito de home office, mas poucos, ou quase ninguém ali, havia experimentado esta moderna forma de trabalho. Após arrumação e ajustes dos materiais cibernéticos que nos possibilitaria empreender tal forma de labor em nossa própria residência, em dois ou três dias, nós já estávamos nos vendo, nos comunicando e interagindo profissional e afetivamente através de janelas virtuais; pequenas janelas; múltiplas janelas; janela de comunicação; janela de passagem de tarefas; janela de instruções; janela de desenho de projetos; janela de construção de aplicativos, etc.

O mês de março findou; o mês de abril chegou, o outono chegou, mas de todas as janelas, a janela física do meu gabinete, que se tornou escritório de trabalho, começou a ganhar protagonismo, pois se tornou o elo principal entre o meu estado de confinamento e o mundo exterior, com o detalhe adicional de que a minha mesa de trabalho fica a meio metro de distância da mencionada janela.

O outono passava e, sempre que o trabalho permitia, eu ouvia o noticiário da TV mencionando a curva crescente de contaminados pelo novo coronavírus, o incremento de mortes, o descaso de autoridades em relação à praga, o negacionismo de setores importantes da sociedade, o entra e sai de ministros da Saúde e eu olhava a janela, peremptoriamente, e via que o tempo quente e chuvoso, característico de fim de verão, cedia lugar ao clima ameno e isento de chuva.

O tempo passava; os dias passavam; o inverno chegou; a chuva desapareceu de vez. As janelas do meu computador continuavam com as mesmas características, mas a minha janela física, de vidro e esquadrias de aço, me pedia que eu a mantivesse fechada, pois o ambiente externo não estava mais solar; o céu ficou desprovido de nuvens e ganhou um cinza predominantemente apático, sem vida. O clima também me impeliu a usar casacos, pois apesar da janela estar cerrada, os graus centígrados geralmente acusavam números inferiores a 12 graus. E a TV, que sempre estava ligada na sala, me repassava notícias nada alvissareiras, tanto no plano médico e sanitário, quanto no âmbito político. No auge do inverno, os âncoras de televisão berravam que atingíamos o pico do

índice de contaminação e o número de mortes batia todos os recordes. Preocupava-me, ademais, com isso, visto que possuo parentes em profusão em vários estados da federação. No prisma político, as notícias, além de serem desanimadoras, beiravam a insanidade, pois o líder maior da República questionava a Constituição e ameaçava as instituições com a decretação de um golpe de estado em plena pandemia. Segundo fontes seguras, consta-se que generais e outras figuras sombrias se reuniram na calada de uma noite invernosa e por pouco o ato inconstitucional não foi promulgado. Inclusive da minha janela, nessa fatídica noite, e vislumbrei lampejos de fogos que explodiam nas bandas da Praça dos Três Poderes, que vim saber, no dia seguinte, tratar-se de uma manifestação de fascistas, apoiadores do líder insatisfeito com a lei vigente, que protestavam contra a Corte Suprema do país, disparando fogos em direção às dependências da sede do judiciário nacional.

Os dias passavam, o frio persistia, as pessoas nas quadras lá embaixo escasseavam, os números da praga agora estagnavam, ainda bastante altos, num platô longo e perigoso. Pessoas morriam; amigos morriam; três parentes morreram, o golpe felizmente não aconteceu, o clima político arrefecia, por motivos diversos, mas a rotina triste, sombria, desmotivadora perdurava e dominava tudo.

Setembro, a estação das flores, finalmente chegou e com ele uma massa de ar quente, insuportável, pairou de vez sobre a cidade. Escancarei a janela, abri portas, tirei camisa, só falei ficar nu. Sentia agora que os trinados das aves voltavam, em especial o canto mavioso dos sabiás. O céu, antes sombrio, voltou a ficar solar. Lá fora, o ambiente de repente ficou agitado: pessoas falando alto, vendedores de pamonha anunciando o seu produto a plenos pulmões, prestadores de serviço de conserto doméstico, fofoqueiras de plantão, enfim, a vida parecia voltar ao normal.

O calor no fim da primavera já não era mais quente; era tórrido. Beirava os 40 graus. Não adiantava mais escancarar as portas e a janela. Recorri ao aparelho portátil de refrigeração de ar, que deixava sempre na sala, e o remanejei para o meu escritório improvisado. Primeira vez durante os quatro, cinco meses de clausura que eu tive que

fechar literalmente a janela e a cortina, pois o ar portátil, para funcionar com eficácia, não permitia que deixasse os raios ardentes do sol atravessassem os vitrais para passagem de luz.

Fiquei quase duas semanas em completa escuridão. Via apenas a luz do meu computador. Com a chegada de outubro, o calor arrefeceu, as cortinas puderam ser recolhidas, a janela voltou a ficar aberta, a insanidade oficial retrocedeu, as vozes democratas retornaram às ruas e o chiado das cigarras puderam ser ouvidos após dois anos de ausência. E a notícia de que os testes de vacinas contra a peste estavam em estado bastante avançados, era por demais auspiciosa.

Agora, enquanto encerro estas linhas, a janela está semicerrada, o clima está instável, nem tanto quente, nem tanto frio. A chuva fina e ocasional credencia a aproximação lenta de um verão carregado de augúrios, de bons augúrios pela nossa vontade, pelo aparecimento de uma vacina que comece a expulsar o vírus letal da face da terra.

O verão se aproxima lentamente. Imagens variadas, sob efeito ou não da luz, continuarão a aparecer na minha janela caleidoscópica. Até quanto tempo ficarei trabalhando nesta condição, não sei. Apenas espero que coisas fiquem melhores para todos nós e para que pessoas como eu, ciosas com o bem-estar e com a saúde, possam viver a vida além de uma simples janela; possam andar, trabalhar e se locomover livremente, com saúde e liberdade.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

DICAS PARA LEITURA



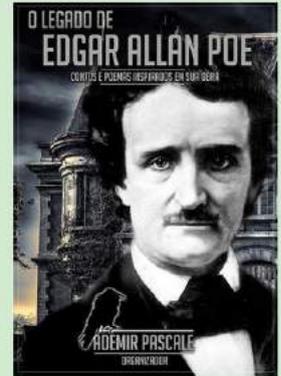
Histórias para ler e morrer de medo
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



Histórias para ler e morrer de medo - Volume II
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



O Legado de Edgar Allan Poe
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



Tempo de Amar
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



Helsing - Caçadores de Monstros
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



Noites Sombrias
Ademir Pascale

[Acesse](#)

“Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito.”
– William Blake

A Lua de Barranquilla

por Antonio Di Bianco

A lua de Barranquilla
Uma noite irei te buscar
porque já não serás tu.
Me verás vir de longe
o suficientemente rápido como para misturar-me com a lua.
Uma noite deixarás de sonhar comigo,
porque estarei justo aí, em frente a ti,
e então segurará minha mão
porque já não serás tu.
Talvez pensarás que é um sonho,
mas será somente a lua.
Esta lua de Barranquilla
que me embalou tanto,
porque é minha mesma lua.
Cheia de segredos,
revelará a verdade do meu amor
e tu então as criarás.
Porque já não serás tu.
E eu que te amei tanto,
com esse amor tão forte,
típico dos filmes.
E eu que venho do nada,
como um vulcão,
te dei todo meu coração,
todo meu amor,
toda minha alma,
tudo de tudo de mim.



Permanecerei aí contigo, sob a lua
Como um guerreiro que lança o machado,
seguir sendo o que é.
Permanecerei sob a lua contigo,
todas as vezes,
que a vida te trazer de novo a mim.
Ou todo o tempo
que encherei o espaço dentro de teu coração.
E sucederá, porque te conheço.
Tu somente buscas esta lua
e estarei contigo
com todo meu amor.
Sempre teu.
Busque sempre,
essa mesma lua de Barranquilla.

Algumas Pessoas

por Antonio Di Bianco

Algumas pessoas podem estar em teu coração,
mas não em tua vida,
à todos aqueles que,
acreditava que me amavam tanto como eu os amava,
aos amigos demasiadamente ocupados para me ver,
à aqueles que se deteram sem continuar o caminho juntos,
à aqueles que encontraram a estação mais próxima
ou o ônibus mais barato;
a todos os amores que jamais floresceram
e à aqueles murchos.

Como um inverno primaveral
no coração

lhes dou minha bênção,
lhes concedo meu perdão.

Porque de todas formas estaremos sempre juntos,
inclusive longe,

Presos em nossas vidas.

Espalhados entre os pedaços de coração e as estrelas
de um tempo sem rumo
que conduz ao calor de uma casa,
que pensávamos conhecer.

Como professores que já aprenderam.

E aos que a destruição já não faz efeito.

Lhes deixo partir.

Esqueço os beijos que não pude dar
sob o sol estival.

Esqueço todos os grandes e pequenos sofrimentos.



Assim o farei, por meu coração que se eleva de novo
Sem nunca se acomodar para ter um alento.

Verás que serei mais forte do que antes,
mas nem tudo está perdido, eu também partirei agora.
Voltarei a colocar minhas coisas na mala.

O mundo sem aqueles como eu é mais frio.

Mas se um dia.

Voltes a pensar em mim,

Apenas feches os olhos e imagines aí,

como um de muitos,

uma presença silenciosa que enriquece a tudo o que rodeia.

Imagines que me abraças

Sentirei esse abraço.

Sem rancor.

Lhes deixo partir.

Te Busquei

por Antonio Di Bianco

Te busquei, quanto te busquei,
nas noites vivas de Sevilla,
na magia de São Francisco,
nas cores de Amsterdam,
nas ruas de Londres.

Te busquei voltando à casa,
e te busquei partindo.

Mudei de forma e de idioma,
para te encontrar onde não acreditava que estivesse

Rezei para te encontrar,
me perdi pelas coisas do mundo,
para que você pudesse cruzar comigo.

Mas você não estava.

Estava agradecido por tua ausência e parti.

Cada dia,
cada noite,
cada amanhecer,
cada pensamento é para ti,
estou pronto
para amar-te.

O Destino dos Apaixonados

por Antonio Di Bianco

Eu Gostaria
de pegar sua mão
e te guiar em meu coração,
como um garoto a se cuidar.
Se somente
pudesse sentir
o que sinto de verdade.
Nos lânguidos suspiros que oculto,
nos meus olhos luminosos.
Não são só palavras de amor,
senão de uma felicidade,
surda,
que renasce,
a cada pequeno sorriso teu.
Um furacão de emoções
que me atropela
que me fazem sentir vivo.
No momento que escuto tua voz,
Fico quieto por um instante na eternidade.
E me sinto embalado por um oceano de coisas que não dizes.
Como o sol a a lua juntos.
Não somente estamos presentes,
como também somos futuros.
E a esperança
de que te encontrarei outra vez.
Que posso sentir teu alento,
misturado com teu perfume



Estou aqui,
sempre contigo.

Dar-te a força que falta,
para que possa crer em mim.

Sempre estás aqui comigo,
em cada gesto meu.

E o coração não quer se render.

Ainda que tivesse que levar anos,

Ainda que tivesse que chegar até o fim do mundo.

Eu te encontrarei só para amar-te.

E se teu coração estivesse esgotado,
me coração,

poderá amar pelos dois.

Natal

por Antonio Di Bianco

Luz, que atropela minha retina,
Deixando-me deslumbrado pela beleza do dia.
Especial, único, meu.
Hoje não há nada que possa tocar-me,
se não o amor que lança faíscas pelo meu peito.
Uma magia, um jogo.
A vida verdadeira.
Hoje apago as consternações
Vivo na doçura.
Quero lançar-me à um enredo de aromas e sensações;
quero procurar-me na serenidade que me espera;
desejo misturar-me com as cores do Mundo,
Fui atropelado pela majestuosidade do bem
que acende minha alma.
Hoje, vivo, respiro, sinto;
Amo.

SOBRE O AUTOR:

Antonio Di Bianco, é licenciado em Psicologia clínica, possui um master em “Human Resources Management” pela universidade “N.Cusano” de Roma, Itália. Fala 4 línguas e escreve desde os 16 anos. Sua primeira poesia “Tristezza” foi publicada na “Gazzetta del Sud” (Itália, 2011). Logo seguiu publicando sem parar em diferentes revistas e participando em vários concursos de escrita, entre suas últimas publicações se encontram: uma poesia escrita em espanhol “Fénix” que foi incluída na segunda edição da revista “Nefelismos” (Venezuela, 2019). E a poesia “Il destino degli innamorati”, foi a segunda classificada no concurso nacional “Free Poetry” (Itália, 2020).



 Pacote Divulgação
PARA AUTORES

DIVULGUE O SEU LIVRO

G A R A N T A
JÁ

POR APENAS R\$ 100

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA



DIVULGUE

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.



DIVULGUE PARA + DE 150 MIL LEITORES

SAIBA MAIS

E-MAIL: ademirpascale@gmail.com  www.revistaconexaoliteratura.com.br



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO *POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

Capítulo 10: Eu tenho tanto amor pra dar

Literatura

O relato das nossas existências, particularmente de cada um de nós, é construído, dia a dia, com o que fazemos ou deixamos de fazer. As lembranças, geralmente, revelam-nos que o passado valeu a pena. Há pouco, estive pensando no estágio que fiz, aos dezoito anos, na Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (ACAR-AM).

Na época, conversei com algumas pessoas e visitei suas áreas de produção agrícola na região, entre as quais as de propriedade dos senhores Sebastião Ferreira (Fazenda Estrada do Aeroporto), Falco Michiles (Fazenda Falco), Hélio Alves da Silva (Fazenda

São Judas Tadeu), José Maria Frazão (Propriedade Sobrado I), Lúcio Daniel Frazão (Propriedade Sobrado II), Simião Martins de Oliveira (Ilha de Juruamã), Januário Crisóstomo do Valle (Turé), José Monteiro e José Tavares (Missão), Adostano (Macari), Miguel Gomes (Praia do Itanga), Manoel Pinheiro (Caiambé), Honório Cardoso (Capivara), Cândido Pereira Guimarães (Paraná do Araçá), Raimundo Alencar Alves (Ilha do Tarará), João Crisóstomo (Coanarú), Manuel Martins e Lourival da Trindade Batista (Vila do Uarini) e Raimundo Barroso Lobato (Costa de Tefé). Numa ocasião, ficamos cinco dias em viagem, cumprindo roteiro de visita em comunidades ribeirinhas. No Município, a ACAR-AM estava sob a supervisão do senhor Cornelis Kavellars, que comandava a equipe local constituída pelos técnicos Oséas, Arnaldo, Carlos Nei de Souza e Elizeu Maia. Ressalto, ainda, que muitos dos pequenos agricultores da região, conhecidos do meu pai, faziam questão de vender seus produtos no Comércio Agá-Erre, onde também recebiam descontos especiais nas compras de mercadorias. Agora, eu me pergunto: Valeu a pena? E respondo: Claro que valeu!!! Por isso, as lembranças desses momentos que, embora pareçam singelos, foram, na verdade, de riqueza em ensinamentos. E, sinceramente, fazem-me bem.

– *Disco music* no seu rádio!!! Em fundo musical: DADDY COOL com o grupo Boney M. Esta música, lançada em 1976, liderou a maioria das paradas europeias, com destaque às paradas alemãs. E chegou ao Top 20 no Canadá. Por falar em paradas musicais, os nossos queridos ouvintes provam que têm gosto musical apurado, indicando os grandes sucessos da música popular brasileira. A próxima canção indicada é uma composição de Livi e Alessandro, com interpretação de Lilian. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– O amor, todos somos testemunhas, é uma luz que irradia nossas vidas. Que o amor seja grande e nos acompanhe sempre!!! Agora, os versos:

As luzes estão piscando,

Os casais vão sair pra dançar

A música está tão alta,

*Nem podemos falar
 Você tem muito pra dizer
 E eu tenho tanto amor pra dar
 Estamos impacientes,
 Mas eu quero esperar
 Porque eu quero dançar com você...*

Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, de frente para o locutor, encontrava-se presente mais um colaborador do programa. Chamava-se Gabriel e era farmacêutico. Estava, como a maioria dos participantes, um pouco nervoso. No início, isso era normal, mas, no decorrer da entrevista, o nervosismo acabava. A mensagem que produziu e encaminhou à coordenação do programa musical estava, assim, redigida:

Ao sair do Mercado Municipal, local em que havia feito a feira diária, ouvi o chamamento da Voz Comercial Agá-Erre para que os ouvintes sugerissem as músicas a serem tocadas no programa especial de final de ano. Imediatamente, lembrei-me de UMA MÚSICA LENTA, que fez muito sucesso nas rádios do Brasil e nos clubes sociais desta cidade, nas noites de sábado. Tenho plena certeza de que é mais uma pérola do movimento Jovem Guarda. Aproveito para dedicar esta música à minha esposa Martha, com grande amor e carinho.

Afirmar que o sucesso musical UMA MÚSICA LENTA era a música indicada pelo Gabriel, residente na Rua Duque de Caxias, no Centro, de onde se pode contemplar o exuberante lago que emoldura a cidade. Em época de seca, as alvas praias chamam a atenção de banhistas e admiradores da natureza. Quando criança, costumava aparecer uma extensão de areia entre a praia da cidade e a ilha em sua frente. A garotada, íamos e voltávamos a nado.

A assistente Kátia antecipou-se e relatou que a cantora Lilian nasceu na Cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro. Começou a se apresentar na década de 1960, em dueto com Leno, seguindo o movimento Jovem Guarda. Em 1966, a dupla lançou o seu primeiro disco com as músicas “Pobre Menina” e “Devolva-me”, que são lembradas

e tocadas até os dias de hoje. Outros grandes sucessos da dupla: “Eu Não Sabia Que Você Existia”, “Coisinha Estúpida” e “Não Acredito”. Com a separação da dupla, Lílian seguiu carreira solo, gravando músicas que fizeram sucesso, entre elas “Uma Música Lenta”, “Vai Voltar”, “Esta Noite” e “Sou Rebelde”. Em 1983, gravou um compacto simples pelo selo RCA com as músicas “O Sonho” e “Não Dá Mais Pé”.

Atento, o sonoplasta aguardava as ordens do locutor para executar as canções. E não demorou nem dez segundos e as músicas foram tocadas nessa ordem: UMA MÚSICA LENTA (sucesso nacional indicado pelo ouvinte Gabriel); REALITY, composição de Jeff Jordan e Vladimir Cosma, com Richard Sanderson; e, ainda, OS ANJOS com Odair José.

SONOPLASTIA:

Músicas: UMA MÚSICA LENTA (1), REALITY (2) e OS ANJOS (3).

– De volta, de volta, de volta no seu rádio!!! Em fundo musical permanece OS ANJOS com Odair José, que também é o compositor dessa canção. E para deixar você por dentro dos assuntos musicais, a nossa assistente de locução pesquisou e anotou essas informações: O cantor Odair José nasceu em Morrinhos, no Estado de Goiás. Chegou a ser rotulado de o “Bob Dylan brasileiro”. Em 1970, gravou o álbum “Odair José” com as músicas “Eu Tenho”, “Tudo Acabado” e “Minhas Coisas”, entre outras. Do mesmo modo, fez grande sucesso com as canções “Minha Juventude”, “Vou Morar Com Ela”, “Uma Lágrima” e “Mande Nem Que Seja Um Telegrama”. Neste ano de 1983, produzido pelo selo Polyfar, foi lançado mais um LP com as músicas: “Deixe Essa Vergonha de Lado”, “Os Anjos”, “Eu, Você e a Praça”, “E Ninguém Liga Pra Mim”, “De Repente” e “Uma Vida Só” (Pare de Tomar a Pílula), no Lado 1; “Revista Proibida”, “Eu Sinto Pena e Nada Mais”, “As Noites Que Você Passou Comigo”, “Quem É Esse Rapaz?”, “Cadê Você?” e “Que Saudade de Você”, no Lado 2.

– Fique ligado nesta notícia: Gravado neste ano de 1983, pelo selo EMI ODEON, o disco “Força Jovem” é, até o presente momento, um dos mais solicitados. Ao longo da

sua execução desfilam: “Muito Estranho” (Dalto), “Mais Uma de Amor” (Blitz), “O Melhor Vai Começar” (Guilherme Arantes), “Pele de Verão” (14 Bis), “Tudo Com Você” (Lulu Santos), “Emília a Boneca Gente” (Baby Consuelo), “Magia Tropical” (A Cor do Som), “O Que É o Que É?” (Gonzaguinha), “Fazendo Música, Jogando Bola” (Pepeu Gomes), “Erva Venenosa” (Herva Doce), “Louco Por Você” (Marcelo) e “Água” (Djavan). Su-ces-sos!!!

– Você ouviu DADDY COOL com o grupo Boney M. Mais uma vez, agradecemos a sua inestimável companhia. Vamos ao quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983? A colaboração é do nosso ouvinte José Olavo, morador da Rua Costa e Silva, Bairro de Monte Castelo. É este o disco? Ok. Continuando: ele indicou o álbum do cantor FERNANDO MENDES, lançado, em 1977, pela gravadora EMI Odeon. O LP é composto por quatorze faixas. No Lado 1: “Menina do Subúrbio”, “Festa de Arromba”, “O Preço da Ilusão”, “Quero Ser Escravo Seu”, “Lua Gorda”, “Jurema, Jureminha” e “Tadinha”. No Lado 2: “Debaixo da Ponte”, “Você Me Faz Sofrer”, “É Impossível Viver Sem Você”, “De Que Vale o Céu”, “Vou Trocar Você Por Mim”, “Naná” e “Amor Imortal”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa do cantor Fernando Mendes!!!

Fazer rádio com qualidade, com conteúdos relevantes, só pode apresentar resultados maravilhosos. Esse era o objetivo maior da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, que trilhava o caminho planejado e, por isso, possuía uma legião de amigos. No final desse ano de 1983, a nossa equipe recebeu dezenas de cartões de boas festas, como esse que foi lido pela assistente de locução. Dizia:

Jamais devemos ficar encantados pelo vinho, enquanto escorre suavemente no copo. Saibamos que ele morde como cobra e fere como víbora, fazendo com que os nossos olhos vejam coisas estranhas, e nossa mente imagine coisas absurdas. Boas festas!!! Que as alegrias do Natal continuem no decorrer de todo o Ano Novo, acompanhadas de muita paz e prosperidade!!!

Essa bela mensagem foi enviada pela nossa querida ouvinte Rafaela, moradora da Rua Hermes Tupinambá, Centro, a quem agradeço e retribuí os votos de boas festas. Em 1977, ano em que concluí o segundo grau, a Rafaela ganhou um concurso de beleza, disputando com outras quatro lindas meninas. Foi aplaudida com entusiasmo pela plateia ao receber a faixa e a coroa da competição. E não faltaram assobios e beijos dos rapazes mais exaltados.

Em clima de comemoração de final de ano e chegada do Ano Novo, a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre continuou a distinguir e a homenagear todos aqueles que contribuía decisivamente para o desenvolvimento econômico e social da cidade. Entre os merecedores dos aplausos, respeito e admiração dos tefeenses, anotei:

Banco do Brasil S.A.

Bradesco

Casa Fortaleza

Casa Frank

Casa Guanabara

Casa Kennedy

Casa Paulistinha

Casa Pinho

Casa Sheik

Cianê

Emater

Escola Isidoro Gonçalves de Souza

Escola Maria Mercês

Força Aérea Brasileira

Fundação Sesp

Infraero

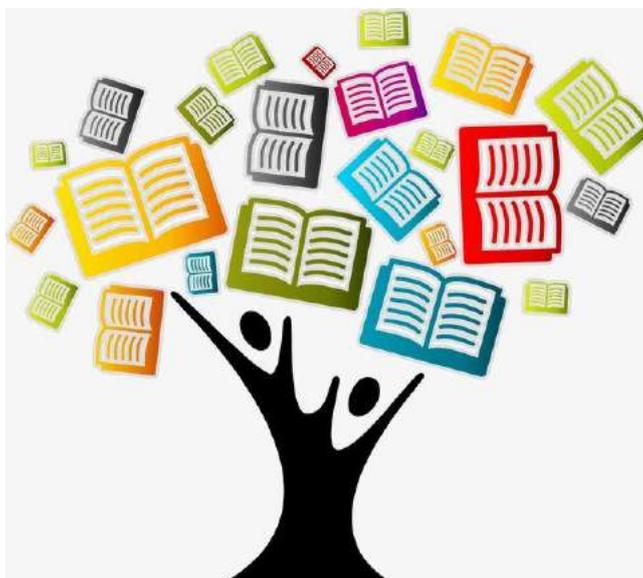
Junta Comercial

Loja Irapuama

– Na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre o ouvinte solicita e o sucesso é tocado!!! Somos o primeiro lugar nas pesquisas de audiência na nossa cidade!!! Agora, todos estamos ligados em A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência: MENINA VENENO com Ritchie.

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções citadas no livro A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO estão postadas no nosso canal YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>



CONHEÇA A COMUNIDADE INFLUXO E SEJA UM CRIADOR DE CONTEÚDO

"A COMUNIDADE INfluxo tem como principal meta congregar os ativistas e amadores dos diversos movimentos digitais, educacionais, sociais, étnicos, culturais, artísticos, musicais, literários, jornalísticos, acadêmicos, científicos, religiosos, xamânicos, terapêuticos, espirituais e ambientais. Bem como a comunidade em geral, sem distinção de idade, gênero, cor, nacionalidade, profissão, credo religioso e político. Para juntos expandirmos oportunidades culturais, ambientais e comunitárias. Enriquecendo e fortalecendo a comunidade na troca de saberes e conhecimentos pela internet. Visando enraizar práticas educativas e sustentáveis, em que Influenciadores dos vários países lusófonos do mundo participem como agentes multiplicadores, para fornecer um cardápio diverso de contatos, saberes, vivências, atividades e oportunidades."

Criadores de textos e escritores terão na INfluxo um espaço onde poderão abarcar seus textos criativos numa plataforma Orgânica, isso quer dizer totalmente pura de publicidades, para estarmos a um ambiente sadio, em que nossas criatividade tenham o verdadeiro e merecido destaque. É um espaço totalmente puro e gratuito, com as ferramentas mais avançadas na geração de leads, isso significa que em menos de 24 horas todos os links e textos postados já terão uma identidade nos maiores provedores de buscas mundiais como o Google, Yahoo e entre outros, funcionando em 99% dos servidores globais. Todas as tags de sua publicação se torna um código raiz na plataforma INfluxo, automaticamente se tornando um código tag viral nos provedores de buscas. Além de obterem uma página de perfil totalmente customizada. Também a medida que posta na comunidade INfluxo o texto ganha destaque na página inicial, também todos os textos passa por um curto período de verificação para garantirmos a qualidade da obra.

Acesse: <https://influxo.tv>



O MAIOR TREM DO MUNDO

PORTUGUÊS AMOROSO

Por Mayanna Velame

“No meio do caminho/ Tinha um poeta / Tinha Drummond no meio do caminho.”

Vou pegar o maior trem do mundo. Cruzar e subir as serras pontiagudas de Itabira, tomar meu café quente com pão de queijo, recitar Drummond e todo o *sentimento do mundo*. Ele disse que *amar se aprende amando*. Então, vou até *Órion* e te trazer uma estrela de presente ou quem sabe buscar uma *Rosa do Povo*, para perfumar a estante da tua biblioteca.

Meu trem segue sinuoso, os vagões se requebram, um anjo torto diz que é preciso ser poeta, mesmo quando há uma pedra no meio do caminho. Falam que poeta tem um quê de melancolia, por isso, *não se mate, Carlos*, o amor é um *Claro Enigma*. E nessa quadrilha, *João amava Teresa que amava Joaquim...*

Danço versos, amo mesmo é viajar nesse trem maior do mundo. Em cada estação, embarca um poema, um sonho. E as *setes faces* de cada passageiro, vejo aqui refletidas nas janelas, que exibem fantasmas de nós.

Mas o que preciso mesmo, Carlos, é contemplar o rio Doce, mais vale um vale de prosa do que um vale de minério. E esse trem serpenteando, aninha-se nas entranhas desses morros com suas minas vazias e meu coração entristecido.

E agora José? Sabe Deus, o que será? Nas incertezas, só me contento em entender se o destino dessa viagem, continuará a ser redigido em estrofes. E para cada estação, levo esses versos de Itabira.

Ah, Carlos! Meu coração prossegue modernista, assim como você. E eu me resumo e te estudo, nas tuas três fases. É verdade, Carlos, o mundo é vasto e você não se chama Raimundo, você não é uma rima e nem mesmo uma solução.

Tu és *gauche*, porque essa é a sina de ser poeta. Ver o mundo com os olhos de ternura e compaixão. Escrevemos a vida, mas é ela quem nos traça o verso final. É Carlos, esse trem apita, grita, anuncia a nossa partida.

Seguimos e vamos aonde? Se a festa acabou, nada mais nos resta. Itabira, agora vai ficando para trás, com suas serras e vales, ruas e casinhas que sorriem ao lado dos postes, enquanto cães ladram para alguns passantes.

Adeus, Itabira, você pode ter perdido seu ouro, mas não o seu poeta...



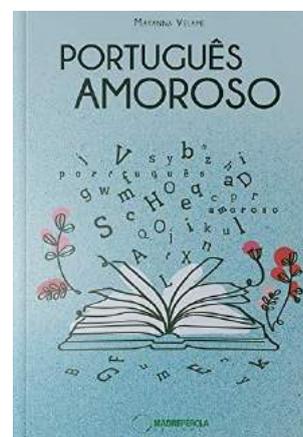
Português Amoroso XXXI

Uma traça
traça seu trajeto,
nas páginas de um livro
de Drummond.
Traçou poesia.



Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, Português Amoroso, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame

no Instagram e Facebook no @portugues_amoroso.



Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

beleza

Todos os meses
uma nova
edição

revista
projeto

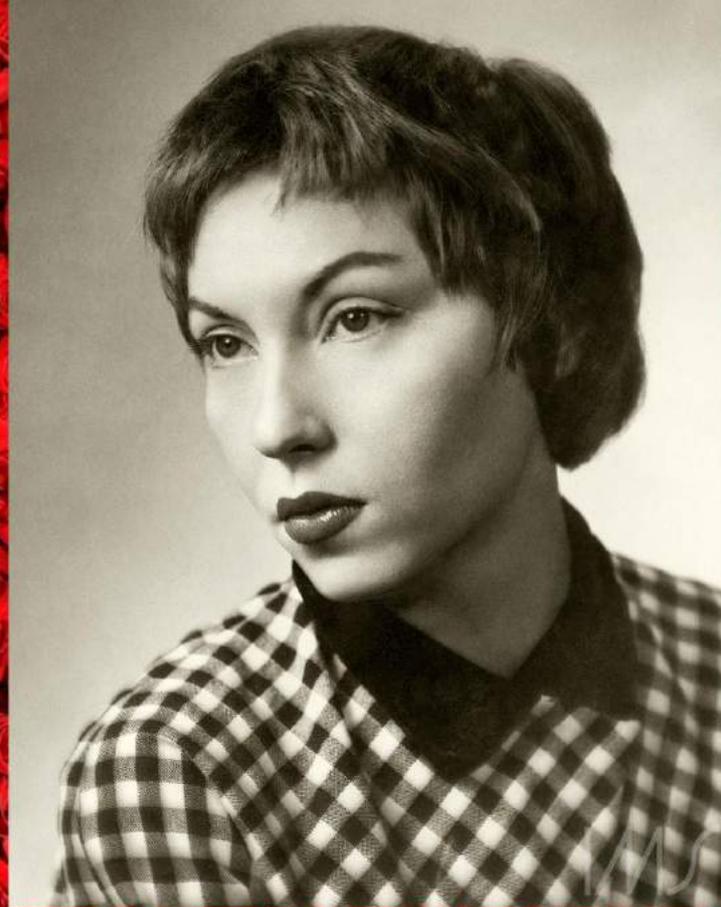
AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves



100 ANOS DE UMA DIVA LITERÁRIA

CLARICE LISPECTOR

Por Cristiane de Mesquita Alves

Literatura

Breves notas de contexto de vida

Ela faz um jogo narrativo de ilusão e desilusão com o leitor por meio de sua forma, muitas vezes, irônica e sádica [...], de narrar pequenas passagens da rotina, momentos quase insignificantes responsáveis pelos confrontos mais íntimos e maléficos dos sujeitos. Ela é uma autora que provoca o leitor. Ela desconstrói os paradigmas e as impressões que se tem acerca de sua leitura, por isso a escrita de Clarice é transgressora, desveladora [...]; ela consegue apresentar pelas palavras, a negatividade que há expressada nas ações das suas personagens, quando traça o conflito das mesmas a partir de uma situação imprevista, quando elas estão mais distraídas, são os momentos em que as teias do conflito de suas narrativas vão sendo tecidas. (ALVES; CASTRO, 2018, p. 251-252).

10 de dezembro de 1920 – nascia na Ucrânia, no período pós-revolução Russa, Clarice Lispector ou Haia Pinkhasovna Lispector. Veio ao Brasil, ainda criança na

companhia dos pais Pinkouss (Pedro) e Mania (Marieta), Léia (que se tornou Elisa) e Tania, na tentativa de fugir da perseguição a seu povo, pois a família era judia. Passou a maior parte da infância e o início da adolescência em Recife. Na década de 1930, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Lá passou a frequentar diariamente uma biblioteca que ficava na rua Rodrigo Silva – “tomando contato com as obras de Katherine Mansfield, Hermann Hesse, Fiódor Dostoiévski, Julien Green, Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, entre outros.” (OLIVEIRA, 2007, p. 37).

Ainda menina, escreveu sua primeira obra: uma peça de teatro em três atos, *Pobre Menina Rica*, cujos originais se perderam. Escreveu ainda outros textos que enviava ao *Diário de Pernambuco*, mas não teve sucesso, pois não foram publicados. Desde a infância, foi uma grande leitora e já demonstrava o seu interesse pelos livros, principalmente pelos escritos de Monteiro Lobato.

Clarice, apesar de ter nascido na Ucrânia, considerava-se brasileira, mais do que isso, considerava-se uma nordestina, “Foi, e sempre se considerou, uma brasileira. Mais: uma nordestina. E desde logo solicitou a cidadania brasileira a Getúlio Vargas por meio de algumas cartas.” (OLIVEIRA, 2007, p. 37).

Cursou Direito na Faculdade Nacional. Lá conheceu Maury Gurgel Valente, quem seria mais tarde seu marido e pai de seus dois filhos: Pedro e Paulo. Depois de sua formatura, acompanhou o marido diplomata, vivendo em vários países como Itália, Suíça, Inglaterra e nos Estados Unidos da América. Separou-se em 1959 e voltou para o Brasil.

Atuou como jornalista e tradutora, além de se dedicar as suas atividades literárias intensamente. Em 1967, quase perdeu a vida e se feriu gravemente em um incêndio no seu apartamento. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se à pintura. E, em 9 de dezembro de 1977, foi levada por um câncer.

A estreia e as obras

Publicou sua primeira obra em 1944, *Perto do coração Selvagem*. A recepção do texto pela Crítica foi impactante. Mas, segundo o crítico Benedito Nunes (1995), a obra impôs

à atenção da Crítica pela novidade e densidade psicológica, a maneira descontínua de narrar e ao mesmo tempo apresentar a força poética em um romance que representou, no panorama da ficção brasileira, uma linguagem de um texto tão “profundamente marcado pelo documentarismo social de 30.” (NUNES, 1995, p. 11). Essa profundidade psicológica, mais tarde, marcaria uma das principais características da escrita clariceana.

A estreia de Clarice ganhou olhares analíticos de críticos importantes da Literatura brasileira. Benedito Nunes (1995, p. 11) ainda apresenta como Álvaro Lins recebeu o romance: “o nosso primeiro romance dentro do espírito e da técnica de Joyce e Virginia Woolf.”; já Antonio Candido confessou haver recebido verdadeiro choque ao lê-lo. *Perto do coração selvagem*, falou Candido “apesar de sua realização defeituosa, desculpável na obra de uma estreante, abria novos caminhos a expressão verbal.” Benedito Nunes também acrescentou que a jovem estreante seria uma das poucas violadoras da rotina literária brasileira, aproximando-a dos anárquicos literários: Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Mas, uma certeza a Crítica Literária teria naquele momento, nascia na Literatura uma das mais representativas escritoras das Letras brasileiras, que mesmo suas obras perpassando, a priori, um estilo à Joyce ou à Woolf, aos poucos, foi alicerçando um estilo só seu, o de Clarice Lispector, a “fênix das palavras” (OLIVEIRA, 2007, p. 35) que através de sua escrita penetra até hoje, todas as camadas do ser, da alma e do estar no mundo dos seus leitores, por meio das ações e dos comportamentos de suas personagens.

De modo geral, o quadro literário de Clarice é composto por romances, contos, crônicas, entrevistas e livros infantis, como:

- *Perto do Coração Selvagem*, (romance, 1944)
- *O Lustre*, (romance, 1946)
- *A Cidade Sitiada*, (romance, 1949)
- *A Maçã no Escuro*, (romance, 1961)
- *A Paixão Segundo G.H.*, (romance, 1964)
- *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, (romance, 1969)
- *Água viva*, (romance, 1973)
- *Visão do Esplendor*, (romance, 1975)
- *Um sopro de vida*, (romance, 1978)
- *A hora da estrela*, (romance, 1977)

- Alguns contos, (conto, 1952)
- Laços de Família, (conto, 1960)
- A legião estrangeira, (conto, 1964)
- Felicidade clandestina, (conto, 1971)
- Onde estivestes de noite, (conto, 1974)
- A via crucis do corpo, (conto, 1974)
- A bela e a fera, (1979)
- De corpo inteiro, (entrevistas, 1975)
- Para não esquecer, (crônicas, 1978)
- A descoberta do mundo (crônicas, 1984)
- O mistério do coelho pensante, (infantil, 1967)
- A mulher que matou os peixes, (infantil, 1968)
- A vida íntima de Laura, (infantil, 1974)
- Quase de verdade, (infantil, 1978)
- Como nasceram as estrelas, (infantil, 1987)

Nessas produções literárias, embora de gêneros literários diversos, o leitor encontra uma escrita marcada por uma dramaticidade, angústia sufocante, crises e dilemas psicológicos, filosóficos, existenciais e sociais de personagens que estão a todo momento a procura de entendimento, de (auto) identificação e da condição da vida. São narrativas de um aprofundamento introspectivo, monólogos e diálogos que oscilam entre a alternância temporal dos episódios e o caráter inacabado da narrativa, analisado pelo crítico Benedito Nunes (1995), como um dos dramas fundamentais da linguagem de Clarice Lispector.

Clarice apresenta textos com “um teor destrutivo. Ela vai em busca de lugares obscuros do ser humano, em que o indivíduo não está acostumado a ir, por não conhecer ou por ter medo de conhecer; a narrativa de Clarice é uma narrativa do inconsciente.” (ALVES; CASTRO, 2018, p. 251). Sua produção literária provoca e seduz o leitor. Ela desconstrói os paradigmas e as impressões que se tem acerca de sua leitura, por isso a escrita de Clarice é transgressora, desveladora. E, não importa qual a idade, todos são seduzidos pelo olhar claro, decisivo e intenso do pensamento dessa mulher transgressora e violadora da rotina literária brasileira, que há exatos 100 anos – neste ano de 2020 – está entre nós.

Referências

ALVES, Cristiane de Mesquita; CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Manifestações da neurose e da melancolia nos contornos do corpo da mulher clariciana. In: SALGADO, Teresa *et al.* **Escritas do corpo feminino: diálogos interdisciplinares**. Oficina Raquel: Rio de Janeiro, 2018.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Fênix das palavras- Clarice Lispector. Revista **Discutindo Literatura** – Clarice Lispector: um olhar sobre a obra de uma das divas das letras brasileiras. n. 14. p. 34-42, Escala Educacional: São Paulo, 2007. (Impressa)



Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.



ENEM 2021

POR REGIANE HARICH

A época do ENEM já é muito esperada pelos jovens, mas neste ano atípico as emoções são diversas. Mas, o principal neste momento é manter o foco e para isso trouxe algumas dicas para o seu sucesso . Vamos lá!

A dissertação é uma redação argumentativa

- Ela procura apresentar uma linha de raciocínio e defender uma ideia, um ponto de vista ou, ainda, questionar uma realidade estabelecida para propor uma linha de pensamento diferente.
- Para que seja forte, sua argumentação tem que ser baseada em argumentos sólidos, usando dados de conhecimento público ou estatísticas e estudos.

- Ela não conta nenhuma história e você, quando escreve, também não pode deixar de apresentar informações válidas.

Dissertar é defender um ponto. Você pode até apresentar um lado positivo e outro negativo daquilo que está dizendo ser a solução, mas tem que se posicionar e explicar por que acredita que, apesar de tudo, essa é a melhor opção.

- Mas ainda que você esteja defendendo seu ponto de vista, não pode falar na primeira pessoa, porque sua dissertação precisa ser impessoal. Então, não cabe usar expressões como “*eu acho que...*”, “*na minha opinião...*”, “*de acordo com meus conhecimentos...*”. Ao fazer isso, você está produzindo uma dissertação subjetiva. O que é errado, o seu texto deve ser produzindo utilizando o verbo na terceira pessoa.

Seu texto precisa ser **dissertativo objetivo**, ou seja, **imparcial**.

A **estrutura da dissertação** é a seguinte:

- **Introdução** — apresenta a tese do texto, ou seja, expõe a ideia central que será defendida;
-
- **Desenvolvimento** — explica a ideia apresentada, defendendo uma posição; para isso, você insere informações atuais e cita eventos que apoiem seu ponto de vista;
-
- **Conclusão** — fecha a ideia, oferecendo soluções.

Esse modelo é o mais utilizado como **estrutura da redação Enem**, já que ela é dissertativa-argumentativa.

1º PASSO:
Selecione suas
ideias

2º PASSO
Siga os procedimentos:

3º PASSO
Crie a Introdução



Como fazer uma
introdução?



É na Introdução que você deve apresentar a **problemática do tema**, além de mencionar algumas das questões que você pretende desenvolver na sua redação.



A introdução deve ser bem clara e direta.

4º PASSO

Como desenvolver o tema?



A próxima etapa é **desenvolver a sua redação**, trazendo quais as principais questões que você quer abordar.



Escreva seu desenvolvimento de uma maneira clara, não tente usar palavras difíceis. Após feito isso, leia seu parágrafo. Ele está muito simples? Repetiu alguma palavra muitas vezes? Está parecendo incompleto?



Faça essas perguntas e **ajuste o seu texto** de acordo com as respostas.

5º PASSO

Elabore uma Conclusão Coerente

DICAS PRECIOSAS

Acesse: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/inep-disponibiliza-materiais-de-apoio-para-o-exame>



Regiane Harich é professora de Literatura e Português para os educandos do Ensino Médio no Centro Educacional Cidade El Shadai e na rede municipal de Santo André no Projeto Ler e Escrever.

Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

O CÉREBRO NO MUNDO DIGITAL: OS DESAFIOS DA LEITURA NA NOSSA ERA

POR REGIANE HARICH



O que acontece no nosso cérebro quando lemos? Como a multiplicação de telas nas nossas vidas afeta a forma como lemos? E quais os perigos – e oportunidades – da leitura digital? Essas questões são analisadas pela neurocientista norte-americana Maryanne Wolf. Com base em diversas pesquisas, a autora mostra a importância da leitura profunda na história da humanidade e como ela está ameaçada. Mas nos dá esperança: é possível educar as crianças para que sejam duplamente letradas, tanto em livros impressos quanto em leitura digital. Dessa forma, elas poderão aproveitar o melhor dos dois universos.

Resenha

Ao percorrermos as páginas do livro trazendo um gênero, já não tão utilizado, o epistolar, ou seja, a carta, que perpassa no desenrolar da história por vários caminhos. Wolf inicia a história afirmando que nós vivemos em um mundo que desde que a escrita e também o papel surgiram, só ler é pouco, só o letramento é pouco. Que devemos ir além., que devemos trabalhar para que haja um letramento global. E que primeiro veio o grunhido, e logo depois a fala já nos pertencia. Mas, com a leitura não foi assim. A humanidade precisou aprender a decodificar os códigos. E ela ainda

lança um desafio para que nós pensemos em quem é bom leitor ou leitora? E que não há atalhos para nós tornarmos bons leitores (leitoras), mas que há vidas que nos impulsionam e nos encorajam. Segundo Aristóteles a boa sociedade tem: a vida do conhecimento, a da produtividade, a vida do entretenimento e a do lazer, com o qual os gregos tinham uma relação toda especial; e finalmente a vida de contemplação. Essas etapas também valem para o leitor.

E com o letramento digital o processo de aprendizado é o mesmo. O cérebro precisa aprender entender e a lidar com as ferramentas que estão disponíveis. Mas, é preciso ter cuidado, pois o número de informações disponível no letramento digital é muito grande, provavelmente, esta é a época em que, mais se recebe informações, mas nem sempre elas são decodificadas.

O nosso cérebro pode processar em leitura o equivalente a 37gigas por dia, ou seja, aproximadamente 100.000 palavras, ou um livro por dia, mas seria o mesmo que ler um livro escrito em chinês, o cérebro irá processar, mas não entenderá. Essa leitura não é a mesma que realizada quando estamos lendo um livro ou estudando.

O conhecimento adquirido através do letramento, da leitura é aquele adquirido e que você utiliza em determinados momentos da vida. A autora incentiva o ato da leitura no livro físico, pois o entendimento pode ser o mesmo, mas a interpretação, a incorporação do que lemos através do papel fica registrado por mais tempo, inclusive porque no digital, só a luminosidade já tira um pouco da nossa atenção, e as outras informações que você recebe, ou mesmo a facilidade de distração, ou seja, parar a leitura e acessar outro (s) aplicativo(s), ou ainda continuar a leitura, mas usando outros recursos tecnológicos ao mesmo tempo... o que ficará registrado dessa leitura?

A leitura real é aquela em que o leitor tem a capacidade cognitiva de entender se o que está sendo anunciado no panfleto do supermercado é realmente uma oferta ou não. Outra questão fundamental sobre o papel da leitura na nossa constituição enquanto sujeitos sociais é a prática da empatia. O ato de assumir as perspectivas e os sentimentos dos outros é uma das contribuições mais profundas e insuficientemente anunciadas nos processos de leitura profunda”. (p.57)

E ainda explana que acolher o outro (personagem) na leitura nos ajuda a expandir o conhecimento interiorizado do mundo: afinal, “a empatia envolve o conhecimento e o sentimento (p, 67)”.

Quem lê cuidadosamente consegue distinguir melhor o que é verdade e acrescentar o que sabe.(P.70)

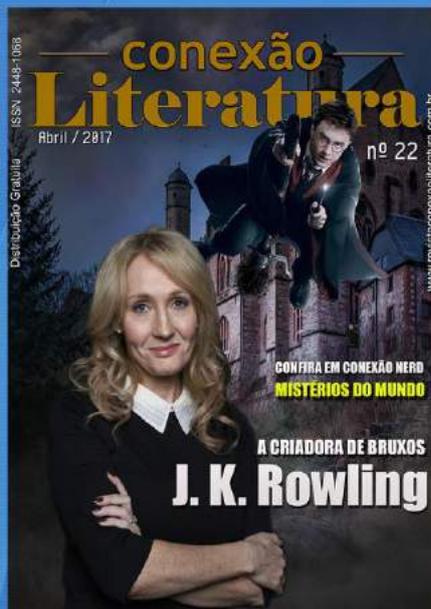
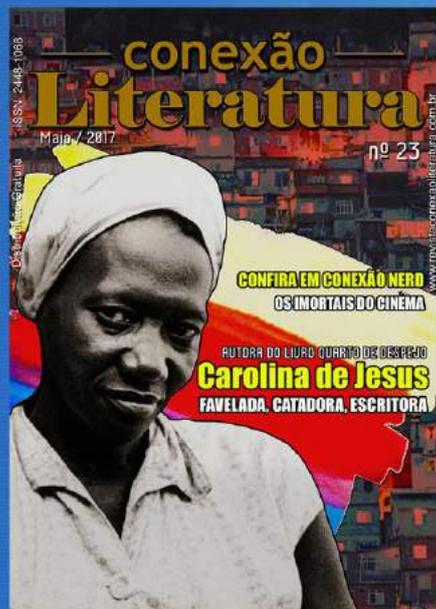


O CÉREBRO NO MUNDO DIGITAL: os desafios da leitura na nossa era - Por Maryanne Wolf



Regiane Harich é professora de Literatura e Português para os educandos do Ensino Médio no Centro Educacional Cidade El Shadai e na rede municipal de Santo André no Projeto Ler e Escrever.

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

ADOLESCÊNCIA

Telma de Souza Lopes

Dizem que quem já passou por ela quer voltar.
E quem está na adolescência, diz dessa fase não gostar.

O corpo muda sim, a voz também...
E os pais se preocupam muito além, pois já sabem o que pela frente vem.

Muito tempo atrás, quando por essa fase passei
Muitas coisa me perguntei.

Senti que no dia a dia surgiram novos desafios.
E parece que pela idade, mais responsabilidade dos meus pais ganhei!

Saudades?
Tenho sim! Meus amigos também estavam nessa comigo.

Muitas artes aprontei, hoje paro e penso.
O quanto na adolescência me arrisquei.

Faria quase tudo de novo.
Só sei e posso afirmar!

AMOR

Telma de Souza Lopes

Sentimento que transforma muitas vidas.
Já vi pessoas tão diferentes
Que parece que para o amor nem liga!

Por amor e com amor
Muitas coisas somos capazes de fazer
Só sei te dizer que com muito amor gosto de viver!

Quando cultivamos o amor sobra alegria
Precisamos do amor todos os dias!

Amor, preciso te dizer: sou tão feliz em ter você!
E por isso que agora vou te prometer.

Farei o possível
Para que em minha vida, você sempre possa resplandecer.

BOLOS

Telma de Souza Lopes

Bolo com café ou refrigerante vai bem!
Mas pode ser com chá ou suco também.

Bolo de cenoura, chocolate ou milho...
Nem sei qual é o mais preferido!

As crianças adoram também.
E na casa da vovó quase sempre tem!

Bolo comum ou recheado, mas a galera também gosta do bolo gelado.

Bolo da padaria da mamãe ou da vovó?
Afinal, qual desses será o melhor?

E na festa de aniversário ou de casamento não podem faltar.

E muito lindos e saborosos devem estar.
Pois depois dos parabéns muitos convidados, do bolo querem provar!

CRIANÇAS

Telma de Souza Lopes

Conhecemos crianças de todo jeito!
Existem aquelas peraltas demais.
Outras parecem não gostar muito de falar.
Mas todas adoram brincar!

Também tem crianças manhosas.
Gostam de chantagear pai, mãe, tios, avós...
E até a família toda, se duvidar.

O adulto Já foi criança um dia também!
Aliás, dizem que o adulto nunca cresce, nunca deixa de ser criança.

Mas ninguém pode duvidar!
Que escola, doces, surpresas, festas de aniversários e passeios na vida da criança não podem faltar!
E não posso esquecer de dizer, que todas as crianças verdadeiramente sabem nos amar!

ESCOLA

Telma de Souza Lopes

Na escola muitos alunos gostam de se divertir e estudar.
Amigos e professores sempre na memória vão ficar!

As disciplinas e os conteúdos temos que explorar.
E assim novas aprendizagens iremos conquistar!

Na escola tem alegria!
Tem educação e tem sabedoria.

A escola é um lugar radiante!
Tem o mestre e também o estudante.

Na escola, todos juntos aprendemos e ensinamos!
Estudando em grupo.
Estudando sozinho.
Pela escola eu tenho um enorme carinho!

LEMBRANÇAS!

Telma de Souza Lopes

Datas...
Locais...
Comidas...
Histórias...
Brinquedos e pessoas.

Esses e outros despertam algumas lembranças!
Temos lembranças gostosas, digamos que até inesquecíveis.

Mas também, podem existir aquelas lembranças que talvez gostaríamos de apagar da nossa memória.

Lembranças do animal de estimação.
Da escola, dos amigos, primos ou dos pais, avós ou irmãos, que de repente longe estão.

Lembranças que deixam saudades!
Saudades que viram lembranças!

QUE TEMPO É ESSE?

Telma de Souza Lopes

As crianças querem entender.
Não podem ir para a escola.
Não podem ir na casa dos avós.

Verdade, ainda não podem sair para passear.
Tudo isso vai passar.
E muita coisa vai causar.

Aí vai um abraço virtual para você!
Será que vamos nos acostumar?

No momento, precisa ser assim!
Que tempo é esse?
Ao dormir e acordar vamos orar.
É um tempo diferente!
Tem afetado muita gente.

Mas esse tempo também, vai passar!
E aquele tempo bom, novamente iremos vivenciar!

SONHOS DE UM ESTADO!

Telma de Souza Lopes

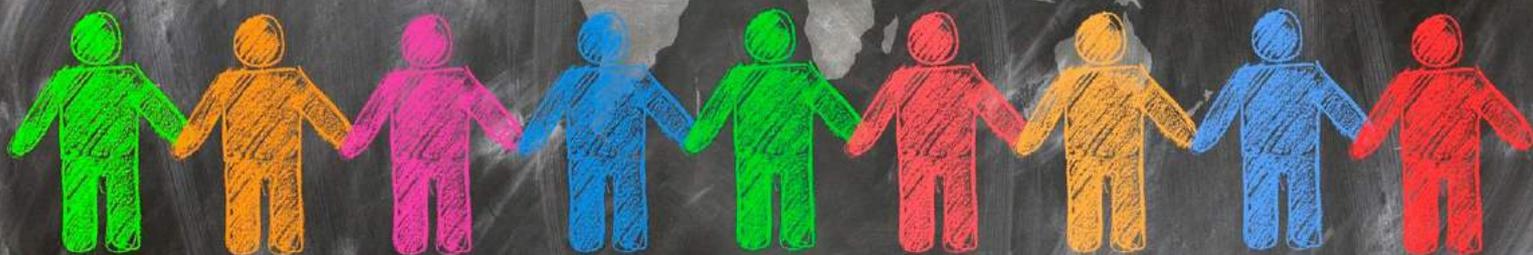
Norte, Oeste, Leste ou Sul?
E o que será que tem na água daquele rio?
Ouvi dizer também que lá, o céu é sempre azul.
E o que mais tem lá?

Um forte calor, que torna o estado de Rondônia mais aconchegante!
Um povo acolhedor e trabalhador.
Árvores, lindas árvores! E peixes? Temos também!
Rondônia, Rondônia, o que mais tú tens?

Muitas belezas naturais e um sonho!
Dia a dia quero ser amado e respeitado.
Acolher quem for chegando e permitir aqui viver!
Desde o idoso, até aquele está para nascer.



TELMA DE SOUZA LOPES nasceu em Porto Velho-RO, em 1982. É formada em Pedagogia-FIP, Especialista em Psicopedagogia e Educação Inclusiva-FAMA e em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar-FAP. Atua na área educacional desde 1998 e, em 2019, foi vencedora do Prêmio Boas Práticas da Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho-SEMED/PVH.



CULTURA POLÍTICA BRASILEIRA: MUDANÇA OU TRADIÇÃO

POR MARCOS FERREIRA

Política

Cultura política é um termo muito complexo a qual pode ter muitas abordagens. A sua definição não se resume apenas ao que seu próprio nome diz. Sabemos que a cultura social fomenta o convívio da sociedade e a maneira que ela age, pensa e vive. Isso pode variar em determinadas regiões do Brasil de acordo com os costumes aprendidos. No meio eleitoral o conceito é basicamente o mesmo, mas a cultura política brasileira baseia-se em ideologias pré-determinadas.

O comportamento político vem de pressupostos culturalmente. O convívio e valores pertencentes a um eleitorado teve relação com a cultura que o mesmo estabeleceu para si próprio ao longo de seu crescimento como cidadão, pois o convívio social de um determinado local tem maiores chances de influenciar o comportamento de um indivíduo. Nesse caso pode-se dizer que a cultura política se encontra em decorrência da cultura social

No meio de cultura política e da cultura social temos o indivíduo cultural. Se existe uma fronteira, por mais tênue que seja, que diferencie esses dois elementos é possível afirmar que o seu elo de ligação é o cidadão. Este se mantém entre o social e o político fazendo com que a cultura permeie todos esses setores sem exceção. A forma com que o mesmo conduzirá essa fronteira é determinada por fatores sociais e ações políticas definidas por cada qual.

O conceito de cultura política pode estar associado à própria palavra “Tradição”. Não é pelo simples fato de o termo “Cultura” estar impregnado na palavra. É importante ressaltar a diferença de associação e sinônimo. Sinônimo são termos diferenciados com um mesmo significado, e associação nesse sentido é algo que está ligado, associado de alguma forma com determinada palavra. Um meio cultural pode ser inovado a partir de projetos, mudanças sociais e mudanças culturais. Entretanto, o tradicionalismo de uma forma ou de outra prevalece nessas mudanças, pois sempre se é herdado algo do passado, ainda que seja modificado.

A cultura política do Brasil possui muitas heranças da política do passado. É claro que por uma análise óbvia, nesses seis séculos, o país já não é mais ou mesmo. Para algumas pessoas pode ser uma dificuldade relacionar a cultura política da época da monarquia com a atual democracia do país. Mas essa relação não é o que vem ao caso, pois o que mais interfere na forma de vida da sociedade e na sua cultura são os seus valores e costumes. Isso sempre se encontra em constante evolução, ideologias são repassadas e modificadas adquirindo um formato que se adequa a época que a sociedade se encontra, principalmente na política.

A cultura política é repassada herdando alguns pretextos dos últimos governos assim como a cultura no meio social. Isso não significa que se está inapto a mudanças. A relação desses ambos se fazem necessária pois, tanto diretamente quanto indiretamente um influencia no outro e são conduzidos juntos. A cultura política do Brasil atual não se encontra dividida ou polarizada, pois ela sempre foi e sempre será assim, pelo simples fato de ser política. Sua polarização não é uma definição momentânea, mas um estado,

uma forma predominante que sempre esteve presente no país, assim como a corrupção (Que podemos dizer que foi uma tradição herdada dos séculos de história que o Brasil possui).

Diante de tantos fatores decadentes na cultura política do Brasil que podem ser associados à corrupção, por exemplo, é importante se questionar se esse já não é um valor impregnado na cultura social. Como citado anteriormente a corrupção sempre esteve presente na história deste país e foi herdada de geração a geração: Brasil Colônia, na Monarquia, República, Ditadura e Democracia. Fica o questionamento então, será essa a cultura política brasileira?

Mas e enquanto a mudança? A Democracia brasileira definida pela padronização e costumes que sua sociedade lida com a política hoje em dia já não é mais mesma da de cinco anos atrás. A cultura política do Brasil, e de qualquer sociedade, faz parte do próprio termo “Cultura”, e a cultura brasileira sempre foi um cenário de miscigenação cultural.

E qual é a cultura política atual desse país? São ideologias, mudanças e inovações? Ou conservadorismo, heranças e tradições? A verdade é que a mudança se faz necessária em todo e qualquer pretexto da sociedade. Os costumes que adquirimos da política antepassada podem se fazerem presentes tanto quanto no passado, mesmo o país sabendo que aprender com o passado é inovar o futuro. A cultura política do Brasil assim pode ser definida como sendo sempre uma constante de mudança que nunca mudam de verdade. A todo momento em meio a cultura social, aparece uma nova ideologia transparente pronta para evoluir a sociedade para um bem maior. E no final das contas, isso é apenas uma tradição herdada do passado que acaba por se manter sempre do mesmo jeito em meio a escândalos, preconceitos, e prisões políticas.

Estamos acostumados com inovações e mudanças que não passam de promessas vazias e nos conformando com heranças e tradições que conservam essas mesmas promessas vazias. No final das contas só resta a verdadeira polarização do país, que é a

social. E assim segue a cultura política do Brasil como um paradoxo que nunca sai do lugar.



Marcos Ferreira é formado em Comunicação Social com Bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Brasília, Pós-graduando em Literatura Brasileira pela Faculdade Unyleya, com experiência em Assessoria, Mídias, Rádio e Reportagem.



REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

VIVA BEM, VIVA COM SAÚDE



APRESENTAÇÃO DA REVISTA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020, pela publicitária Elenir Alves (elenir@cranik.com), que mantêm desde fevereiro de 2014 a fanpage: Projeto AutoEstima: <https://www.facebook.com/projetoautoestima/> e recentemente o Instagram: <http://www.instagram.com/revistaprojetoautoestima>. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos diversos sobre incentivo e mensagens motivadoras de autoajuda, trazendo também reflexões sobre o nosso dia a dia, culinária, educação, cultura, literatura, cinema e psicologia! Nossas edições são gratuitas e podem ser lidas online

PUBLIQUE O SEU TEXTO NAS EDIÇÕES DA REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

Artigos sobre autoestima, psicologia, beleza, cosméticos, literatura, cinema, cultura, autoajuda, etc., serão bem-vindos. Cobramos apenas uma taxa de R\$50,00 por publicação de até 4 páginas (valor referente a diagramação e divulgação). SOLICITE MAIS INFORMAÇÕES:
Escreva para: elenir@cranik.com - Elenir Alves

Site
revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Fanpage: [@projetoautoestima](https://www.facebook.com/projetoautoestima)
Instagram: [@revistaprojetoautoestima](https://www.instagram.com/revistaprojetoautoestima)
E-mail: elenir@cranik.com



GESTÃO EDUCACIONAL, PEDAGÓGICA E ESCOLAR: (inter)cruzamentos teórico-práticos?

Artigo Científico

Por Marcos Pereira dos Santos; Emerson Luiz Nass e Miriam Malherbi Reusing

Introdução ou à guisa de primeiras palavras

Gestão: eis um dos vocábulos de uso bastante corriqueiro nos dias atuais.

Com acentuada frequência, fala-se e escreve-se sobre gestão em suas múltiplas tipologias, dentre as quais podemos citar, por exemplo: gestão ambiental, educacional, comercial, financeira, estratégica, escolar, de recursos humanos (de pessoas ou do capital humano), mercadológica, empresarial, institucional, de processos, de *marketing*, de curso, do ensino, da aprendizagem, orçamentária, da aula, da sala de aula, de negócios, de serviços, de sistemas, do trabalho, sindical, organizacional, administrativa, tecnológica, pedagógica, imobiliária, pública, local, municipal, da informação, do conhecimento, por resultados, governamental, democrática (também chamada de gestão participativa, colegiada, compartilhada, colaborativa, descentralizada ou emancipatória), meritocrática, autoritária, hospitalar, entre inúmeras outras. (NEIVA, 2013; NETTO, 2009; RODRIGUES; RODRIGUES; RUIVO, 2014)

Todas estas formas de gestão se fazem presentes na sociedade capitalista contemporânea, desvelando-se em diferentes espaços, contextos, facetas, matizes e nuances. Ou seja, a gestão consolida-se, portanto, num espectro multivariado.

Diante do exposto, optou-se em redigir este artigo acadêmico-científico, de abordagem metodológica qualitativa de pesquisa e aportes bibliográficos e eletrônicos, objetivando trazer a lume – de modo crítico-reflexivo – os possíveis (inter)cruzamentos teórico-práticos existentes entre *gestão educacional* (ou *gestão da educação*), *gestão pedagógica* (ou *gestão da pedagogia*) e *gestão escolar* (ou *gestão da escola* ou *gestão do processo ensino-aprendizagem escolar*) no âmbito dos

estabelecimentos de ensino e aprendizagem, em específico, cujas três vertentes ou dimensões identitárias distintas compõem a partição textual subsequente do *corpus* estrutural atinente ao estudo investigativo em pauta; o qual apresenta, inclusive, e de forma preliminar, algumas definições conceituais de gestão e o perfil almejado de gestores(as) em sentido amplo, na contemporaneidade.

1. Definições conceituais de gestão e o perfil almejado de gestores(as) na atualidade: uma abordagem polissêmica

Comumente, o termo *gestão* é associado às palavras: administração, gerência, gestão, direção, coordenação, supervisão, orientação e tantos outros termos verossimilhantes. Todavia, consideramos que tais vocábulos não podem ser entendidos como sinônimos propriamente ditos, pois apresentam aspectos teóricos e práticos bastante divergentes entre si.

Entretanto, alguns dicionários de Língua Portuguesa definem conceitualmente o verbete *gestão* como “prática de gerir, direção, administração, gerência” (BRASIL, 2017, p.142). De maneira congênere, Soares Amora (2009, p.344) concebe *gestão* como “ato ou efeito de gerir, gerência, administração”. Nesta mesma linha de pensamento, *gestão* pode ser entendida também como “[...] coordenação ou direção de uma prática que concretiza uma linha de ação ou um plano”. (FERREIRA, 2001, p.108)

No que tange às questões histórico-sociais, o uso da palavra “gestão” para fazer referência a uma atividade, ação, atitude, postura, profissão ou prática laboral é deveras recente no Brasil, importando-se tal vocábulo das culturas europeia e norte-americana, em particular; conforme postulam Pasquini e Souza (2014). Por isso, atualmente se faz menção à *gestão* no contexto da multiplicidade de profissões, cargos e funções profissionais existentes na sociedade capitalista e globalizada da pós-modernidade.

Assim sendo, pode-se dizer que a *gestão* está diretamente atrelada à liderança (positiva ou negativa) no ambiente de trabalho, assim como aos contextos sócio-políticos e culturais, à equipe diretiva, aos planejamentos e projetos idealizados, às propostas implementadas e à organização do trabalho coletivo. Com o advento do neoliberalismo no início da década de 1990, do século XXI, e, de forma muito recente, do “novo normal” desinente da pandemia de novo Coronavírus (COVID-19), provocada pelo agente viral SARS-CoV-2, é possível constatar o seguinte:

As organizações vivem uma “era de descontinuidade”, caracterizada por constantes mudanças, em decorrência de processos de modernização tecnológica, privatização, redefinições de política econômica e outras formas de reestruturação produtiva, ou seja, o mundo caminha rapidamente para uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e na tecnologia. Nesse cenário, em função dos papéis desempenhados, *os gestores precisam estar no centro do processo de mudança*, participando ativamente como gestores da empresa de sucesso. Para tanto, *é interessante que utilizem processos de gestão mais interativos, que permitam agir de forma analítica e diagnóstica a partir de uma visão estratégica e empreendedora, que possa auxiliar na tomada de decisão*. Assim, a utilização adequada das ferramentas pode contribuir para a melhoria dos processos de gestão, a fim de que as exigências do mercado competitivo possam ser atendidas. (MOURA E CLARO; NICKEL, 2002, p.31-32; realces nossos)

Portanto, os(as) gestores(as) em geral, nos dias atuais, devem exercer liderança positiva, diagnóstica, cooperativa, participativa, interativa e empreendedora de modo que todos(as) os(as) seus(suas) profissionais colaboradores(as) possam desenvolver as suas atividades laborais de modo produtivo, eficaz e eficiente, tendo em vista o seu próprio reconhecimento profissional e o sucesso da

instituição ou organização (empresa, indústria, fábrica, comércio, escola, faculdade, universidade, sindicato, hospital, imobiliária, etc.) onde atuam.

2. Por dentro da gestão dos estabelecimentos de ensino-aprendizagem: três dimensões identitárias específicas em foco

São muitas as confusões teórico-conceituais e práticas que gravitam, especificamente, em torno da gestão educacional, pedagógica e escolar, alterando de maneira substancial o sentido, o significado, a identidade e as funções das mesmas. Daí ser profícuo esclarecer como se pensa e se faz cada um destes três modelos de gestão nos estabelecimentos de ensino-aprendizagem em geral.

Vejamos:

2.1 Gestão educacional

Etimologicamente, o termo “Educação, em latim, vem de *educationem* que, por seu turno, surge de *educare* e este último tem sua derivação de *educere*, significando conduzir, levar” (BUENO, 1966, p.1061), ou ainda: “[...] extrair, tirar, desenvolver”. (BRANDÃO, 1981, p.63)

Sobre esta questão, Pfromm Netto (1987, p.6) também tece o seguinte comentário:

[...] A palavra originou-se do latim *educatio, educationis*. Em tempos muito distantes, designava tanto a criação de seres humanos como a de animais e plantas. Entre os antigos romanos, *educare* significava criar ou nutrir crianças e estava ligado a outro verbo, *educere* – fazer sair, lançar ou tirar para fora, criar, amamentar. No século I a. C., Cícero empregou esta palavra tanto no sentido de criação de filhos como no de instrução, doutrina ou ensino proporcionados por mestres ou preceptores aos meninos.

A Educação está presente em vários lugares, dentro e fora dos ambientes escolares e universitários, podendo ser caracterizada de forma sistemática, assistemática, presencial, semipresencial ou híbrida, a distância, *on-line* (ou remota), etc. Em outras palavras, isto significa dizer que a Educação é desenvolvida tanto em espaços escolares quanto não escolares, manifestando-se, portanto, sob diferentes modalidades de prática educativa – formal, informal e não formal –, em conformidade com o que salienta Libâneo (1999) em suas pesquisas científicas.

De acordo com os Artigos 1º e 2º da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei federal nº 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996, tem-se que:

Art. 1º – A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

[...]

Art. 2º – A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Logo, corroboramos com Brandão (1981) ao asseverar que a vida social e a Educação (em seu sentido plural) estão direta ou indiretamente imbricadas, seja no tocante aos processos de

ensinar, aprender ou ensinar-e-aprender; compreendendo-se este último em sua dimensão *dodiscente*, como concebe Freire (2000), no âmbito da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental [I e II] e Ensino Médio) e da Educação Superior (cursos de graduação e de pós-graduação *lato e stricto sensu* em geral).

Afinal de contas, “a educação é, antes de tudo, uma prática educativa. É uma prática geradora de uma *teoria pedagógica*. A educação, ao mesmo tempo que produz pedagogia, é também direcionada e efetivada a partir das diretrizes da pedagogia”. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p.9; grifos no original)

De posse de tal entendimento, podemos dizer que a **gestão educacional**, também denominada **gestão da educação**, diz respeito a tudo o que concerne à Educação como um todo e ao seu desenvolvimento integral, isto é: políticas educacionais, formação (inicial e continuada) de profissionais da educação, currículos programáticos escolares, práticas pedagógicas, avaliações do processo de ensino-aprendizagem, metodologias e tecnologias educacionais, recursos didático-pedagógicos, pesquisas científicas, projetos educacionais, etc.

Assim, a gestão educacional, na concepção de Paro (1986, p.87-88), “[...] se fundamenta em objetivos educacionais representativos dos interesses das amplas camadas da população e leva em conta a especificidade do processo pedagógico escolar, processo este determinado por estes mesmos objetivos”.

Daí a gestão da educação ser um dos itens da pauta das políticas educacionais, bem como um dos instrumentos em torno da qual existe uma disputa bastante acirrada entre as pessoas que ocupam cargos e funções nas várias instâncias de poder (União, Estados e Municípios) e entre os(as) profissionais que atuam na área educacional (BASTOS, 2002). Todavia, “a gestão democrática da educação, imperativo constitucional, reflete o desejo de uma sociedade que repudia o autoritarismo, contemplando os anseios profissionais da educação e dos usuários de serviços educacionais”; conforme aponta Oliveira (2002, p.80)

Neste sentido, entende-se a gestão educacional como um constructo baseado na organização dos sistemas de ensino federal, estadual e municipal e das incumbências destes sistemas; das várias formas de articulação entre as instâncias que determinam as normas, executam e deliberam no setor educacional; e da oferta da educação pelos setores públicos e privados. A gestão educacional é, pois, uma ferramenta de grande importância para o desenvolvimento de um país. Ela tem como meta principal desenvolver, planejar e melhorar a Educação em vários aspectos, como, por exemplo, no setor administrativo, em gestão de pessoas (ou gestão de recursos humanos) e análise de programas pedagógicos em geral.

2.2 Gestão pedagógica

Pedagogia, em sentido filológico, é um vocábulo latino oriundo de *pedagogus*, que provém da palavra grega *paidagogos*, donde *paidós* = criança e *agogos* = condutor, dirigente. (BUENO, 1966)

Conforme assevera Ghiraldelli Júnior (1991, p.8-9; destaques no original),

A pedagogia, literalmente falando, tem o significado de “condução da criança”. Era, na Grécia antiga, a atividade do escravo que conduzia as crianças aos locais de estudo, onde deveriam receber instrução de seus preceptores. O *escravo pedagogo* era o “condutor de crianças”. Cabia a ele levar o jovem até o local de conhecimento, mas não necessariamente era sua função instruir esse jovem. Essa segunda etapa ficava por conta do preceptor. [...] Como se pode notar, originalmente, pedagogia está ligada ao ato de condução ao saber. E, de fato, a pedagogia tem, até hoje, a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao

conhecimento. Assim, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao *como ensinar*, a *o que ensinar* e, também, ao *quando ensinar* e *para quem ensinar*. Ou, a pedagogia consubstancia-se no pólo teórico da problemática educacional.

Pedagogia como Ciência tradicional da Educação, Pedagogia como Filosofia Aplicada, Pedagogia como curso de formação inicial de professores(as) e gestores(as) pedagogos(as), Pedagogia como tecnologia. Pedagogia é, portanto, tudo isto e muito mais (...). Pedagogia é a condição reflexiva do pensar-fazer educativo (MAZZOTTI, 1996). Ainda segundo o autor supra aludido, tem-se que a Pedagogia é definida conceitualmente como “[...] uma rede de enunciados inferenciais sobre o fazer educativo ou rede de significações, não se confundindo com este, apresentando a possibilidade de seu exame por meio da análise da rede de enunciados, estabelecendo-se os limites formais e empíricos da mesma”. (*idem, ibidem*, p.27)

Isto posto, podemos enfatizar, então, que a Pedagogia está direta e indiretamente atrelada a tudo o que é *pedagógico*, compreendendo-se este aspecto da seguinte maneira:

[...] O *pedagógico* refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa. Nesse entendimento, o fenômeno educativo apresenta-se como expressão de interesses sociais em conflito na sociedade. É por isso que a Pedagogia expressa finalidades sociopolíticas, ou seja, uma direção explícita da ação educativa. [...] *O processo educativo se viabiliza, portanto, como prática social precisamente por ser dirigido pedagogicamente*. Em outras palavras, é o caráter pedagógico que introduz o elemento diferencial nos processos educativos que se manifestam em situações históricas e sociais concretas. [...] Em síntese, dizer do caráter pedagógico da prática educativa é dizer que a Pedagogia, a par de sua característica de cuidar dos objetivos e formas metodológicas e organizativas de transmissão de saberes e modos de ação em função da construção humana, refere-se, explicitamente, a objetivos éticos e a projetos políticos de gestão social. [...] Dessa forma, o trabalho docente é pedagógico porque é uma atividade intencional, implicando uma direção (embora nem todo trabalho pedagógico seja trabalho docente). O que significa dizer que todo ensino supõe uma “pedagogização”, isto é, supõe uma direção pedagógica (intencional, consciente, organizada), para converter as bases da ciência em matéria de ensino. (LIBÂNEO, 1999, p.22-27)

De acordo com o que postula Veiga (2001, p.13), “na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo”. Isto significa que o caráter pedagógico do ato educativo constitui-se em definir as ações educativas da escola no que concerne ao cumprimento de suas intencionalidades e propostas pedagógicas, bem como de seus planos e planejamentos de ensino e de seus projetos inter/multi/pluri/transdisciplinares.

O aspecto pedagógico, grosso modo, diz da Educação, da Pedagogia, da organização do trabalho de coordenação pedagógica, do(a) profissional pedagogo(a) escolar, da proposta pedagógica da escola (o projeto político-pedagógico escolar), da autonomia pedagógica escolar, dos recursos didático-pedagógicos e das práticas pedagógicas docentes e não docentes.

Fazendo nossas as palavras de Libâneo (1991, p.24-25), torna-se mister registrar que:

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de

homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos. Vincula-se, pois, a opções sociais e políticas referentes ao papel da educação num determinado sistema de relações sociais. A partir daí a Pedagogia pode dirigir e orientar a formulação de objetivos e meios do processo educativo.

Ainda sobre este assunto, consideramos ser profícuo argumentar o que se apresenta no excerto abaixo:

A função pedagógica diz respeito à orquestração do conjunto. Uma proposta educativa deve ser integral, integrada e integrante. Não pode ser um agregado aleatório de conteúdos e práticas. Deve haver unidade na diversidade. Não se trata de uniformidade. É como numa orquestra, cada agente educativo, cada ato pedagógico tem sua especificidade e tem que ser excelente naquilo que lhe cabe, para que o conjunto seja prazeroso e tenha sentido. [...] Esta integração é como se fosse o ‘DNA’ da escola. Dá sentido a tudo o que nela se faz, desde o documento do projeto político-pedagógico, os planos das disciplinas, os planos de aula, a relação professor-aluno e, até, a palavra e o sorriso do professor. (WITTMANN, 2004, p.24)

Dessa forma, a **gestão pedagógica** (ou **gestão da pedagogia**) tem como foco as práticas pedagógicas e os indicadores educacionais de avaliação da aprendizagem dos(as) educandos(as). Sendo assim, o(a) principal agente responsável pela gestão pedagógica é o(a) coordenador(a) pedagógico(a) ou gestor(a) pedagógico(a) da instituição educacional. Cabe a este(a) profissional da educação a tarefa de preparar o corpo docente para as atividades didático-pedagógicas a serem realizadas, assim como mensurar os resultados do desempenho de professores(as) e alunos(as) da escola.

Além destas funções, é de incumbência do(a) gestor(a) pedagógico(a) organizar e avaliar os planos de ensino dos(as) docentes, liderar (positivamente) a construção (coletiva e democrática) do planejamento de ações da escola (o projeto político-pedagógico ou a proposta pedagógica escolar) e gerir as práticas pedagógicas que vão ser aplicadas durante o ano letivo.

É neste sentido que se faz imprescindível:

[...] explicitar o trabalho do pedagogo como gestor, cujo papel privilegia a participação de professores, funcionários, alunos e pais que discutem e propõem o trabalho pedagógico que supere os conflitos, as práticas pedagógicas autoritárias e que, sobretudo, promova a mudança de uma estrutura escolar fundamentada na fragmentação. Neste contexto, percebemos que a atuação do pedagogo como gestor nas práticas coletivas de planejamento, na organização do trabalho pedagógico e na avaliação favorece a consolidação de uma escola comprometida com o papel político e social. Deste modo, [...] podemos concluir que o papel do gestor precisa ser ressignificado a fim de superar a visão fragmentada entre administrativo e pedagógico. Acerca desta questão, o pedagogo como gestor tem um papel importante na superação da reprodução das relações capitalistas e no favorecimento do debate e da reflexão. (PASQUINI; SOUZA, 2014, p.22-23)

2.3 Gestão escolar

Luckesi (1991, p.77-78) afirma o seguinte:

[...] cabe-nos refletir a instância na qual a pedagogia se traduz em prática docente: a escola propriamente dita. [...] Privilegiar a escola, como objeto de estudo e reflexão, significa assumi-la como instância erigida pela sociedade para a educação e instrução das novas gerações. [...] Portanto, a escola nasceu de uma necessidade do próprio processo social, à medida que este se tornou mais complexo. A escola cresceu e ganhou novas estruturas à medida que as sociedades também foram gerando novas necessidades. Hoje, embora a escola agregue funções supletivas (nas áreas de higiene, saúde, religião, etc.), a sua função essencial continua a ser a de mediar, para as novas gerações, a apropriação da cultura acumulada pela humanidade. A escola é uma instância privilegiada de tradução da pedagogia em prática docente, não porque se queira, mas porque a própria história da sociedade a constituiu assim.

Outrossim, escola é o *locus* do ensino, da aprendizagem e do ensinar-e-aprender; cujos dois processos são interdependentes, indissociáveis.

Ensinar e aprender (palavra derivada do latim *apprehendere*, que quer dizer agarrar, apoderar-se de alguma coisa) são verbos distintos, mas que se conjugam juntos. “Aprendizagem e ensino são processos intimamente ligados entre si, como as duas faces de uma moeda. Correspondem às atividades fundamentais que ocorrem dentro das escolas, de modo sistemático, planejado, deliberado” (PFROMM NETTO, 1987, p.1). Ensino e aprendizagem possuem uma relação umbilical, dialética, de tal modo que “[...] Dewey chega a afirmar que se o aluno não aprendeu, o professor não ensinou; se o aluno não aprendeu, o esforço do professor foi uma *tentativa* de ensinar, mas não ensinou, assim como, no comércio, se o freguês não chegou a comprar, o comerciante não pode dizer que vendeu”; conforme salienta Falcão (1988, p.19).

Embora a vigente LDBEN/96 não utilize explicitamente em seu texto redacional jurídico a expressão **gestão escolar**, também nominada de **gestão da escola** ou **gestão do processo ensino-aprendizagem escolar**, a legislação educacional supracitada estabelece que:

Art. 14 – Os sistemas de ensino definirão as normas da *gestão democrática* do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - *participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;*

II - *participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.*

Art. 15 – Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram *progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira*, observadas as normas gerais de direito financeiro público. (BRASIL, 1996; ressaltos nossos)

Face ao exposto, temos que a gestão escolar está veiculada à cultura da escola, à cultura escolar e à cultura na escola; temas estes amplamente debatidos por vários(as) pesquisadores(as) em Educação, a exemplo de Forquin (1993), Mafra (2003) e Rosa (2004).

A gestão da escola corresponde, pois, à gestão da instituição escolar em sentido amplo; a saber: estrutura arquitetônica, mobiliários, equipe diretiva ou gestora, corpo docente, discentes, materiais/recursos didáticos, didática, processo ensino-aprendizagem, métodos e técnicas de ensino, tecnologias educacionais, metodologias ativas e assistivas de ensino e de aprendizagem, sistemática de avaliação da aprendizagem, inclusão escolar, currículo programático, programas e planejamentos de ensino, planos de aulas, laboratórios, salas de aula, funcionários(as) não docentes, cantina, merenda, biblioteca, videoteca, brinquedoteca, quadra de esportes, visitas técnicas (“aulas-passeio”),

atividades curriculares extra-classe, instâncias colegiadas (ou órgãos colegiados), festividades, celebrações comemorativas, eventos científicos internos, projetos educativos em geral, etc.

Com base nestas assertivas, cabe-nos indagar refletindo criticamente:

“Gerir uma escola: atividade meramente burocrática e legal? As pesquisas, estudos e experiências diversas apontam e insistem que, mais que uma atividade burocrática, mais do que o zelo de normas legais pré-estabelecidas é uma atividade essencialmente política e pedagógica ou político-pedagógica”. (ARANHA, 2005, p.75)

Em linhas gerais, Wittmann (2004, p.17-23; ênfases nossas) assim se posiciona sobre a temática gestão escolar:

As práticas da gestão escolar, na sua essencialidade, correspondem às ações necessárias para a efetivação da dimensão administrativa da prática pedagógica, que, de um lado, consiste no sentido e impacto sócio-histórico do que se faz na escola e, de outro lado, na orquestração do conjunto. [...] A *gestão escolar* visa a formar as pessoas. Para formá-las, a escola precisa oferecer oportunidades para que as pessoas se emancipem, construam sua liberdade e responsabilidade. Portanto, a gestão escolar, que tem como *principal função garantir a emancipação das pessoas*, opõe-se a uma gerência que, na forma capitalista de produção, exige a exploração das pessoas. [...] A gestão da escola, como *coordenação de um processo compartilhado*, é expressão e impulso da prática educativa. A gerência, pelo seu caráter heterogestionário, é antagônica ao processo de construção da autonomia e de produção histórica de pessoas. A tarefa da *gestão escolar* é uma tarefa de todos os agentes educativos da escola. [...] Esta gestão implica em funções específicas, que incluem, mas transcendem as tradicionais funções da administração da educação. [...] A *gestão escolar* tem como razão de ser a elaboração, execução e avaliação do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

Considerações (longe de serem) finais

A Educação contém a Pedagogia (Ciência) e as pedagogias (enquanto itinerários metodológicos dos processos de ensinar para aprender), as quais, por conseguinte, fazem parte da vida dos estabelecimentos escolares em termos de ensino e aprendizagem.

Não é novidade afirmar que a Educação refere-se aos aspectos educacional e educativo, assim como a Pedagogia está para o âmbito pedagógico, e a escola, por sua vez, diz respeito ao contexto escolar em sentido abrangente.

É necessário, urgente, eficaz e eficiente bem saber *gerir a gestão* das instituições de ensino-aprendizagem em seus aparatos teóricos e práticos, notadamente no que tange às vertentes/dimensões identitárias educacional, pedagógica e escolar que as engendram.

Para gerir uma instituição educativa de modo a lograr êxitos/sucessos, faz-se preciso ter cautela, paciência, ponderação, espírito empreendedor, iniciativa, entusiasmo, compromisso, conhecimento teórico sobre as Ciências da Educação, resiliência, empatia, alteridade, altruísmo, postura ética e moral, diálogo, responsabilidade, assiduidade, seriedade, autoridade (e não autoritarismo!), vivência de escola e de sala de aula, domínio técnico alusivo às tecnologias educacionais, análise crítica e ‘ousadia’ para inovar e tomar decisões acertadas.

Trata-se, pois, de uma tarefa complexa, desgastante; porém não impossível de ser executada no contexto de uma prática gestora democrático-participativa. Daí o papel da gestão (educacional, pedagógica e escolar), nos dias atuais, ser sintetizado em três grandes aspectos; de acordo com o que assinala Boneti (2004): a organização da sociedade civil, a formação do sujeito social e o fortalecimento do local em contraposição ao global.

Sem mais delongas, almejamos sinceramente que este artigo acadêmico-científico possa auxiliar a todos(as) os(as) profissionais da educação, em especial os(as) gestores(as) educacionais, pedagógicos(as) e escolares em suas reflexões e práticas educativas; bem como contribuir para a ampliação do arcabouço teórico existente na área de Educação – subárea de Pedagogia (eixo Gestão).

Referências

ARANHA, A. V. S. Gestão e organização do trabalho escolar: novos tempos e espaços de aprendizagem. In: OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, p.75-86, 2005.

BASTOS, J. B. Gestão democrática da educação: as práticas administrativas compartilhadas. In: _____. (Org.). **Gestão democrática**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, p.7-30, 2002. (Coleção O Sentido da Escola).

BONETI, L. W. As políticas educacionais, a gestão da escola e a exclusão social. In: FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. A. S. (Orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 4.ed. São Paulo: Cortez, p.213-241, 2004.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

BRASIL. **Minidicionário escolar: língua portuguesa**. 2.ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2017.

BUENO, F. S. **Dicionário filológico do português**. São Paulo: Saraiva, 1966.

FALCÃO, G. M. **Psicologia da aprendizagem**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1988.

FERREIRA, N. S. C. A gestão da educação e as políticas de formação de profissionais da educação: desafios e compromissos. In: _____. (Org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 3.ed. São Paulo: Cortez, p.97-115, 2001.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. (Série Educação: Teoria & Crítica).

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos – v.193).

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação do Professor).

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação do Professor).

MAFRA, L. A. A sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, p.109-136, 2003.

MAZZOTTI, T. B. Estatuto de cientificidade da Pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Coord.). **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, p.13-37, 1996.

MOURA E CLARO, M. A. P.; NICKEL, D. C. Gestão de pessoas. In: MENDES, J. T. G. (Org.). **Gestão do capital humano**. Curitiba: Associação Franciscana de Ensino Superior Bom Jesus, p.17-32, 2002. (Coleção Gestão Empresarial – v.5).

NEIVA, E. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

NETTO, P. **Educação e cultura, saúde e trabalho com espiritualidade: capacitação para o trabalho – habilidades básicas e habilidades de gestão**. Rio de Janeiro: Editora da LBV, 2009.

OLIVEIRA, C. Gestão da educação: União, Estado/Distrito Federal, município e escola. In: MACHADO, L. M.; FERREIRA, N. S. C. (Orgs.). **Política e gestão da educação: dois olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, p.69-82, 2002. (Coleção Biblioteca ANPAE).

PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 1986.

PASQUINI, A. S.; SOUZA, M. M. P. **Gestão escolar e organização do trabalho pedagógico na educação básica**. Maringá: Editora da UNICESUMAR, 2014.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: EPU, 1987.

RODRIGUES, E. L. A.; RODRIGUES, G. J.; RUIVO, T. C. S. **Tipos de gestão e suas respectivas lideranças**. 8 f. Disponível em: <<http://www.fait.revista.inf.br>>arquivos_destaque>. Acesso em: 24/08/2014.

ROSA, C. **Gestão estratégica escolar**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOARES AMORA, A. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: _____. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 13.ed. Campinas: Papirus, p.11-35, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

WITTMANN, L. C. **Práticas em gestão escolar**. Curitiba: Editora do IBPEX, 2004. (Coleção Pós-Graduação *Lato Sensu* em Metodologias Inovadoras Aplicadas à Educação – Modalidade a Distância).

*** Minibiografias:**

Marcos Pereira dos Santos – Natural da cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná (PR) - Brasil. Pós-doutor em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG), localizado em Ituiutaba, Estado de Minas Gerais (MG). Pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Professor adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ) junto a cursos de graduação (bacharelado e tecnologia) e de pós-graduação *lato sensu*, ofertados nas modalidades presencial, híbrida e de educação a distância (EaD) *on-line*, em Ponta Grossa (PR), onde reside atualmente. Endereço eletrônico: mestrepedagogo@yahoo.com.br

Emerson Luiz Nass – [*in memoriam*]. Natural da cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná (PR) - Brasil. Mestre em Ciências de la Educación pela Universidad Americana (UAM), localizada em Asunción - Paraguay. Professor da rede estadual de ensino no município de Balneário Camboriú, Estado de Santa Catarina (SC), onde residia atualmente. Endereço eletrônico: emenass@hotmail.com

Miriam Malherbi Reusing – Natural da cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná (PR) - Brasil. Especialista em Metodologia do Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), localizada em Ponta Grossa (PR). Professora auxiliar (aposentada) do Departamento de Educação (DEED) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenadora pedagógica do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE), em Ponta Grossa (PR), onde reside atualmente. Endereço eletrônico: miriamm_reusing@gmail.com

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

FÁBIO MARIANO

POR CASA PROJETOS LITERÁRIOS



HABSBURGO

Nasci em São Paulo, capital, mas vivo em Campinas, a 100km da capital, desde o primeiro ano de vida. Estudei aqui, na Unicamp – graduação e mestrado na área da literatura, e agora uma especialização em Relações Internacionais – e sou professor do Ensino Médio na rede particular de Campinas. Antes do Ruído Branco, já havia lançado dois livros, ambos pela editora Patuá: O Gelo dos Destróieres, em 2018, um livro de contos; e Habsburgo, em 2019, uma novela.

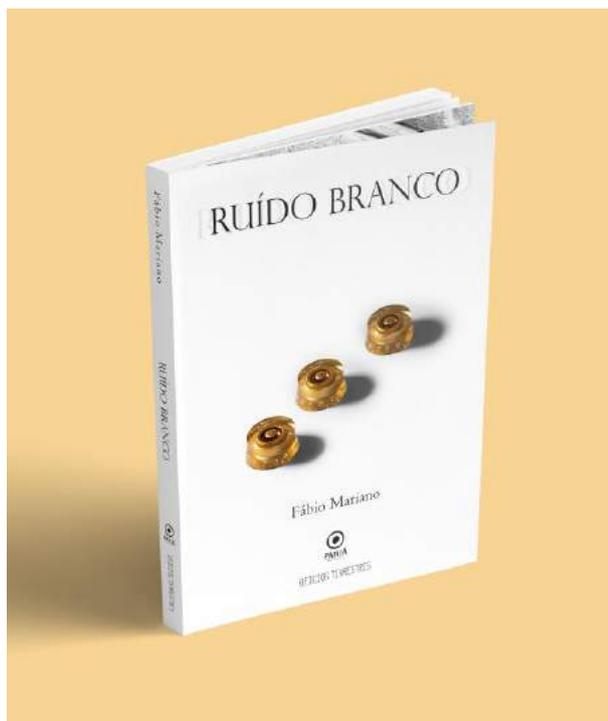
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fábio Mariano: Se a gente for olhar o início, início mesmo, vamos lá para o Ensino fundamental, quando um poema meu foi publicado numa antologia feita pela escola. Mas no meio literário mesmo, para valer, acho que vale citar que O Gelo dos Destróieres foi, numa primeira versão, enviado para o prêmio SESC de 2012. Eu tinha 23 anos. Não saí nem finalista, e fiquei super chateado, mas continuei escrevendo mais e mais contos, deixando o livro parado. Até que o Gabriel Morais Medeiros, que é mais que um amigo, um irmão, publicou pela Patuá e foi me mostrando a editora. Ele me dizia que eu deveria mostrar O Gelo

ao editor, o Eduardo Lacerda. Aí eu trabalhei um pouco mais no rascunho, e fomos um dia pra São Paulo, eu com o arquivo original em Word impresso e encadernado na primeira gráfica que achamos por ali. Entreguei para o Eduardo, mas ficamos conversando sobre outras coisas, e o papo chegou em videogame. Ele me disse que publicava o livro se eu mudasse o título para Age of Empires, e eu falei “eu topo!”. Rimos, e aí eu fui embora, sem ter certeza de nada. Até que, num outro dia em que fomos à Patuá, o Edu falou que queria me publicar. E eu ganhei um editor e um grande amigo.

Conexão Literatura: Seu novo livro é Ruído Branco. Poderia comentar sobre ele?



Fábio Mariano: Ruído Branco é um livro de dez contos dividido em três partes: Glaciar, Distância e Permanência. Eu fiz uma tentativa de inscrever o Habsburgo no ProAC de 2018, mas ele acabou não passando. Em 2019, tentei com o Ruído e deu certo, o que me deu mais estrutura para fazer o livro: estamos com uma divulgação por Instagram linda – é só acompanhar no @ofabiomariano – e fizemos uma tiragem grande, e projetos de contrapartida muito legais. Os contos se passam todos no meu universo ficcional – a cidade de Cartago, que abriga também os outros dois livros. Mas esses contos são todos permeados por duas forças, que eu chamo de vetores, que agem sobre os personagens: a ameaça e a ausência. É isso o que unifica os contos, e são formas diferentes de compreender essas forças que determinam a divisão em três partes. Em Território, por exemplo, o primeiro

conto do livro: existe uma ex namorada ausente, e existe um clima de ameaça constante construído pela tensão entre os dois protagonistas de um lado, Germano e Toro, e o motorista e o cobrador do ônibus do outro. A briga vai acontecer a qualquer momento, mas o que isso tem a ver com a ausência da ex namorada, aí eu não posso entregar.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Fábio Mariano: Acredito que o primeiro conto do Ruído Branco veio em 2018 mesmo, quando O Gelo dos Destróieres já estava pronto, e o último foi escrito em Julho de 2019, durante uma viagem para a Argentina. Mas foram sete revisões do livro, que só posso dizer que ficou pronto, pronto mesmo em Julho de 2020. Eu tenho uma visão um pouco peculiar da pesquisa: com os contos, não mexo muito com pesquisa histórica, por exemplo, e mesmo em Habsburgo, a minha novela, existiu uma pesquisa muito literária, sobre as relações entre professor e aluno na literatura e sobre o Império Austro-Húngaro, mas a história não se passa nem nesse Império e nem no tempo em que ele existiu. Então a pesquisa serve mais como uma motivação. O que eu anoto incessantemente são paisagens quando estou nos trajetos de carro e ônibus para os lugares, ou gestos das pessoas, ou inflexões da voz, ou combinações entre

cheiro e imagem. Essas coisas viram projetos. Outro dia, por exemplo, antes da pandemia, claro, eu comia um pastel antes de dar aula no cursinho noturno aqui perto de casa, enquanto o rádio tocava uma música sertaneja no último volume em que uma moça gritava incessantemente a frase “eu tou falando é de beijo de alma”. Não me interessei por saber de quem era a música, mas aquela combinação, esperar o pastel e ouvir aquela música, a antecipação por chegar na aula, a pressa de que o pastel saísse logo, aquilo para mim imediatamente virou o cenário de um conto futuro. E, claro, anotei.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu novo livro?

Fábio Mariano: Acho que os trechos mais especiais são aqueles que tocam em alguma memória – porque o ficcionista faz isso, ele usa as memórias dele, transformadas, distorcidas, aumentadas, mas ele faz isso. E às vezes esbarra em uma memória involuntária que estava guardada com muito carinho, mas que não era revisitada há muito tempo. E há um trecho no qual eu tentei falar um pouco sobre o papel da memória:

“Descendo do carro, um pequeno tropeço me lembrou de que eu não tinha mais quinze anos. Eu vestia sapatos – e roupas – bem melhores, me sentia melhor com meu corpo, tinha prioridade de embarque nos aeroportos pelo

número de viagens que fazia, e fazia tanto tempo que não ouvia a sério o Sinto-me Letal....”

De alguma maneira, eu tentei condensar nesse trecho a sensação de retornar da memória de quando você era muito mais jovem, disparada por alguma coisa, à realidade que se vive agora. Como se esse retorno não fosse direto, mas fosse uma constatação do caminho todo, muito rápida. E eu sempre achei que a coisa mais bonita na nostalgia não era o momento dela, mas a passagem de volta para a realidade, e um pequeno momento de confusão entre as diversas etapas do passado e as diversas pequenas coisas do presente. Foi isso o que eu tentei expressar.

Conexão Literatura: Qual a dica que você pode dar a um escritor iniciante?

Fábio Mariano: Acho que eu gostaria de das duas dicas bem breves. A primeira, uma que me deram algumas vezes: continue escrevendo. E a segunda é uma que vi uma vez o Paulo Scott dar para alguém pelo facebook, e achei simples e linda: não leve em conta as críticas de quem não gostar do seu trabalho.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fábio Mariano: Os dois primeiros livros estão a venda no site da Editora Patuá, é

só procurar por Fábio Mariano lá. O terceiro pode ser comprado pelo site da Patuá, pelo da Ofícios Terrestres e também pelo link pag.ae/7W2z-5c7G. Para conhecer mais um pouco do trabalho, os leitores podem seguir o Instagram @ofabiomariano e procurar pelos contos nas revistas online Mallarmagens, Gueto, Literatura&Fechadura e Ruído Manifesto. E quem sabe logo vêm mais publicações online por aí.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fábio Mariano: Foram três livros em três anos, mas três trabalhos que, de uma certa maneira, já estavam alinhados. Há mais contos guardados, mas quero esperar e trabalhar por esses livros, divulgá-los e, se possível, usar o que eles puderem oferecer às pessoas para estimular a literatura – a leitura e a escrita. E quero me dedicar à escrita de um romance – mas isso, com certeza, vai demorar mais algum tempo para acontecer.

Perguntas rápidas:

Um livro: Perifobia, da Lília Guerra.

Um (a) autor (a): Roberto Bolaño.

Um ator ou atriz: Juliette Binoche em A Liberdade é Azul.

Um filme: A Liberdade É Azul, do Kieslowski.

Conexão Literatura: Vivemos um momento difícil para a nossa literatura, com pouca valorização dos livros, escritores, livrarias? Considera um ato de resistência o lançamento do seu livro?

Fábio Mariano: O momento é difícil do ponto de vista institucional – o apoio minguando e um governo que despreza a cultura, a inteligência e os livros e celebra a violência e a barbárie. Mas vejo um movimento muito forte e bonito por parte das editoras independentes, dos escritores, dos agitadores culturais. Vejo pelos meus alunos, há ali adolescentes que estão salivando por literatura, e por uma literatura que os ajude a enfrentar os dilemas do seu tempo, do seu agora; e há editoras oferecendo isso, e grandes escritores. Meu livro é um ato de resistência, e não poderia deixar de ser – mas de resistência a essa combinação de violência e burrice que se apossou do poder no nosso país.



ENTREVISTA COM A AUTORA

ALESSANDRA CYSNEIROS

POR ADEMIR PASCALE



Alessandra Cysneiros é amante das letras desde a tenra idade. Buscando ser escritora, estudou Comunicação Social planejando ser jornalista, mas mudou de rumo se formando em publicidade na PUC-RJ.

Depois de uma exitosa carreira executiva, ao completar 51 anos, já com filhos crescidos, se permitiu um reencontro mais íntimo com a literatura.

Desengavetou histórias antigas e repaginou-as com acontecimentos da atualidade, pesquisou muito, iniciando uma jornada por esse universo literário infantil e infanto – juvenil rico e encantador. Foi dessa aventura que nasceu “Denzel — O caramujo sem memória”.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alessandra Cysneiros: Eu comecei a escrever seriamente aos 11 anos quando um professor de português me incentivou a ser uma escritora com base nos textos que escrevi em sala de aula.

Com 12 anos cheguei escrever um livro autobiográfico falando do meu primeiro amor encadernado artesanalmente, todo manuscrito, apresentado na Feira do Livro Anual organizada por alguns colégios, ficando em segundo lugar na categoria romance. Depois dos vinte

anos entrei na loucura do mercado de trabalho, e parei de escrever com regularidade. Contribuí para alguns sites sobre assuntos de mercado de trabalho, com artigos técnicos ou comportamentais.

Há 2 anos encerrei à carreira de Executiva de Vendas e mergulhei definitivamente na carreira de escritora.

Ao contrário do que possa parecer, escrever vai muito além do saber juntar as palavras, ou ser invadido por uma inspiração divina. O hábito da leitura ajuda muito, a prática de escrever idem. No entanto para ser um escritor e fazer a diferença, ter um estilo seu, próprio, que

muitas vezes faz você ser reconhecido logo nas primeiras linhas, é preciso buscar aperfeiçoamento. Fazer cursos específicos, participar de workshops, escrever para concursos, trocar informações no meio literário, participar de oficinas. Foi em um ambiente de troca entre escritores iniciantes, uma rede social, que respondi uma chamada para publicação e tive o texto do Caramujo sem memória, selecionado para ser editado e transformado em um livro. É nesse momento, por esse fato, que considero que entrei profissionalmente para o mercado literário. Antes eu estava treinando e estudando. Na verdade, somente quando lidamos com uma editora e conhecemos todo o processo de preparação necessário para um bom resultado final, é que temos elementos para perceber que faz toda a diferença ter a estrutura da editora. Acho que esse é o objetivo da maioria dos aspirantes a escritor: ter esse apoio, da expertise de quem sabe fazer e já fez muitas vezes. Ser escritor hoje não é só escrever, nem depois participar da lapidação e pronto, estou bem ativa nas redes sociais, trocando com outros autores e me fazendo presente para meu público.

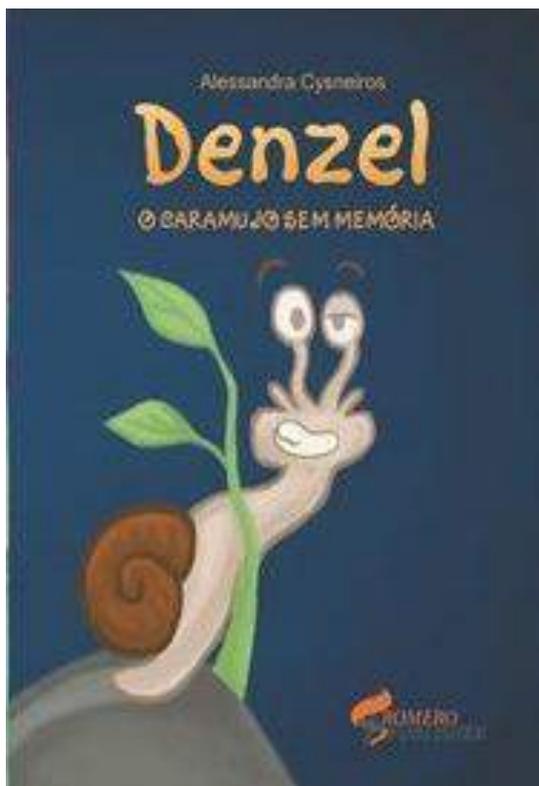
Conexão Literatura: Você é autora do livro “Denzel - O caramujo sem memória” (SRomero Publisher). Poderia comentar?

Alessandra Cysneiros: Sim. O livro foi delicioso de escrever, porque é leve,

alegre e para cima. Denzel passa por inúmeras situações que poderiam ser trágicas, mas ele tira de letra, ele pensa, pensa, pensa e encontra uma solução. Por acreditar que tudo vai dar certo as coisas dão certo. Muitas lições podem ser aprendidas, Denzel ensina por suas famosas frases ao mesmo tempo que diverte. Muitos acontecimentos são engraçados, muitas frases são fofas, emotivas e profundas. Outro ponto importante é que tive uma preocupação grande com as questões biológicas e anatômicas da espécie. Nenhum biólogo vai colocar a mão na cabeça e dizer: O que? Como assim? Isso não é real. Ao contrário, todas as características que tornam Denzel forte ou fraco estão bem aproveitadas na narrativa, tanto para conferir a ele sua personalidade, assim como para mostrar as suas dificuldades. Acredito que tanto os pais, como os seus filhos vão estabelecer uma ligação com Denzel, vão vibrar e se apaixonar por essa história escrita com muito carinho.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Alessandra Cysneiros: Denzel já estava guardadinho no fundo do meu baú de escritos. No entanto a história não tinha as reviravoltas que foram sendo adicionadas no enredo posteriormente. O processo de pesquisa que me permitiu criar tantos momentos de Clímax, foi muito agudo se eu for falar em termos de



dias vai parecer que foram poucos, que não houve muita dedicação, no entanto foi extremamente intenso, eu respirei moluscos de conchas por muitas e muitas horas seguidas. Assim que descobri o plot-twist da história, graças as características do personagem principal, e da sua subespécie, mergulhei fundo no universo dos moluscos para associar tudo que aprendi com as pesquisas científicas com o enredo e construir a personalidade de Denzel. Desse processo surgiu um personagem rico, engraçado, admirável, forte e frágil ao mesmo tempo. Busquei os detalhes de como funcionava a locomoção, o que ele comia, quais eram os predadores naturais, sobre os 5 sentidos da espécie: qual o mais aguçado, qual o menos; como é a concha por dentro, ciclo de vida, se dorme e quanto tempo dorme. O texto que escrevi quando eu era menina ganhou mais

sustança e a narrativa passou a ensinar divertindo.

O processo de escrita em si foi rápido, início meio e fim, fiz em poucos dias. A parte mais complexa até que a obra virasse livro, foram os retoques, as inserções (principalmente as frases especiais de Denzel). Passamos por várias etapas de leitura crítica e revisão. O livro foi revisto e reescrito muitas vezes, o texto levou meses para finalmente estar pronto para edição. Apesar de ser um texto curto, muito esforço, cuidado e trabalho aconteceram por trás cada linha, de cada ilustração.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Alessandra Cysneiros: eu acho vários trechos especiais, todos tem um porque e estão lá para passar uma mensagem específica. Elegendo um para falar, escolho o momento que Denzel sofre um bullying verbal, acho especial, pois adoro a forma como ele resolve a questão com personalidade e sem permitir que o fato o desfoque de sua decisão.

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?

Alessandra Cysneiros:

a) Antes de tudo, não se apegue ao seu texto. A partir do momento que você decidiu publicar ele não é mais seu, é do

mundo. O texto de um autor tem que agradar o seu público alvo (e quem sabe outros públicos afins) e não agradar o seu gosto pessoal. É importante não ser demasiadamente apegado, tem que aprender a ouvir críticas, e aceitar mudar o que for necessário para tornar seu texto melhor. Inclusive mudar o nome do personagem principal se for necessário. O que mais encontramos entre os novos escritores é uma pretensão de ser um iluminado, ser o criador da obra perfeita e irretocável e se negar a melhorar a escrita. Essa atitude vai impedir o amadurecimento e gerar muita frustração.

b) Participe de grupos de escritores nas mídias sociais, leia bastante, não somente o gênero que você deseja escrever, mas todos. De alguma forma algo que você aprender de outro gênero vai enriquecer a sua escrita no gênero que você deseja desenvolver-se e ser reconhecido como um bom autor. Assista filmes, séries, vá ao teatro, contemple pinturas, esculturas. Tudo é válido e agrega.

c) Saia e observe as pessoas. Gente é a matéria prima da escrita. Denzel só é interessante pois ele tem emoções, comportamentos, tal qual um ser humano.

d) Finalize o livro e depois recheie daquilo que falta. Lembre-se você não quer só um tipo de leitor, e nem o leitor é "flat" em alguma aspecto, então se tem

mistério, traga também romance, se tem drama, traga um pitada de fato histórico, ou científico, ou técnico; se é infantil, traga palavras que as crianças não conhecem ainda, e explique, amplie seus horizontes. Tudo isso enriquece seu texto e a obra. Você como autor tem a obrigação de entregar o que seu leitor espera, mas também de surpreendê-lo. Se seu livro é sobre um caramujo que perdeu a memória, claro que esse caramujo vai sentir medo, mas também deve sentir alegria, esperança, construa muitos "ups and downs", pois assim é a vida.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alessandra Cysneiros: Minha Editora é a Sromero Publisher, meu livro vai estar disponível nos principais sites de vendas, como Amazon, Goodreads, Americanas assim como no próprio website da editora: www.sromeropublisher.com e em lojas físicas também. Para conhecer um pouco mais do trabalho literário sugiro seguir a editora, o Denzel – O caramujo sem memória e a mim nas redes sociais. Tem muito material publicado por lá e muito coisa legal prevista para acontecer.

Website: <https://sromeropublisher.com/produto/denzel/>

Facebook
: <https://www.facebook.com/denzelocar-amujosemmemoria>

Blog:
<https://denzelocaramujosemmemoria2020.blogspot.com/?m=1>

Goodreads:
<https://www.goodreads.com/user/show/122518248-alessandra-cysneiros>

Twitter:<https://twitter.com/alessacysneiros/status/1320014538155110403?s=21>

Instagram:https://instagram.com/denzel_o_caramujo_sem_memoria?igshid=rwhitvzjqnjl

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alessandra Cysneiros: Sim, mas o foco agora está em Denzel, ele já demanda muito, porque pergunta sem parar, rsssss. O personagem é tão rico, que a gente pensa que ele pode virar uma marca, que as suas caras e bocas podem virar memes, que as frases podem virar ditos populares e serem repetidas por aí, que ele pode viajar o país no formato contação de histórias, que ele pode crescer através do blog, com mais curiosidades e pequenas historinhas.

Nossa, tem tanto coisa para acontecer ainda em torno desse personagem...

Perguntas rápidas:

Um livro: A casa da Madrinha

Um (a) autor (a): Lygia Bojunga

Um ator ou atriz: Chaplin

Um filme: Delikatessen (1991)

Um dia especial: O nascimento de meus 2 filhos. 24/02 e 10/04

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Alessandra Cysneiros: Nenhum presente é mais duradouro que um livro. Uma boa historia gruda e transforma. Um bom livro na infância, ou vários podem fazer muita diferença em quem, que tipo de adulto aquela criança se tornará. Dependendo de quanto leu, e o que leu, haverá grande diferença na sua capacidade de criar, sonhar, planejar, organizar as idéias e se comunicar. Bons livros salvam de ambientes hostis, alimentam esperanças, desenvolvem o imaginário, ajudam a compreender as diferenças entre as pessoas, completam a vida real.





PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

POR APENAS
R\$ 100

DIVULGUE O SEU LIVRO

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

MÍDIA ESPECIALIZADA

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.

ENTRE EM CONTATO: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM O AUTOR

DANIEL ADJAFRE

POR ADEMIR PASCALE



Daniel Adjafre não sabe de onde veio a vontade de escrever. Não havia essa tradição em sua família, não escrevia quando era adolescente. Somente próximo dos 30 anos começou a se interessar pela escrita, mais especificamente por teatro e roteiro. Depois essa virou sua profissão – roteirista da TV Globo – e não parou mais. Acaba de publicar seu primeiro romance. O primeiro de muitos. Ou de poucos. Ou o único. Pouco importa. Escreveu.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Daniel Adjafre: Eu escrevo há mais de 20 anos, mas como roteirista e dramaturgo. Tenho 2 livros infantis publicados, e agora decidi que era o momento de escrever um romance. “A Mulher de Silicône” surgiu do desejo de fazer algo mais autoral, independente. No livro eu posso ter total controle sobre o que escrevo, que é algo bem diferente do mundo da TV, por exemplo.

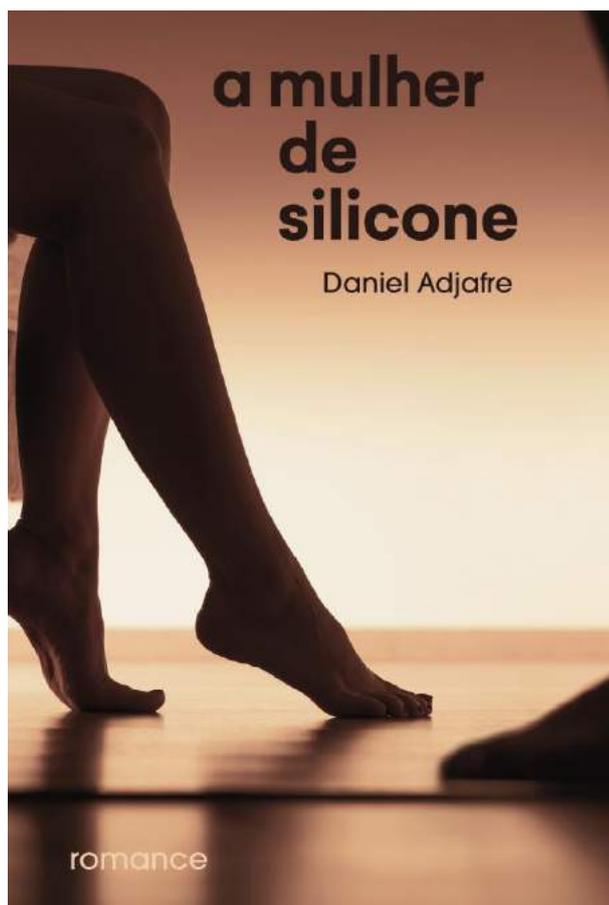
Conexão Literatura: E sobre o seu trabalho como roteirista?

Daniel Adjafre: entrei na TV Globo através de um concurso nacional para

autores de humor, em 2000. De lá para cá, colaborei, criei programas, até que em 2018 fiz minha primeira novela – Deus Salve o Rei – como autor titular.

Conexão Literatura: Você é autor da obra “A mulher de silicone”. Poderia comentar?

Daniel Adjafre: o livro é resultado de uma reflexão: as pessoas estão cada vez mais solitárias. E os animais, especialmente os cães, ocupam um lugar importante na vida dessas pessoas. Elas conversam com eles – é estranho e, ao mesmo tempo, natural. Daí eu imaginei que, num futuro próximo, companheiros e companheiras sintéticas tomariam o lugar desses animais, seriam uma evolução daquelas bonecas hiper-realistas



japonesas. Mas o foco não é no sexo. Enfim, a história mostra o perigo de desaprendermos a conviver uns com os outros.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Daniel Adjafre: não foi preciso pesquisar muito, já que se trata de um romance distópico, ou seja, o que prevalece é a imaginação. E quanto ao tempo, acho que foi em torno de um ano. É um romance relativamente curto.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de “A mulher de silicone”

especialmente para os nossos leitores?

Daniel Adjafre: “Caminham até o ponto em que a água chega à cintura. Nina encaixa seu corpo no dele, envolve-o com as pernas. Agacham-se. Uma pequena onda faz com que descolem do chão. Flutuam. Não sentem os próprios pesos. Agarram-se com mais força, como se salvassem um ao outro. A correnteza os arrasta sem pressa, em uma direção qualquer. Seria uma bela maneira de morrer.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Daniel Adjafre: por enquanto o livro está disponível apenas como ebook, no site da Amazon. No Instagram eu comecei esse ano um projeto de minicontos. Já publiquei mais de 50, de todos os gêneros: humor, distopia, drama etc. É só procurar: @daniel_adjafre

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Daniel Adjafre: Sim, adorei a experiência de escrever um romance. Talvez ano que vem eu comece a escrever outro. E devo publicar os minicontos também.

Perguntas rápidas:

Um livro: O complexo de Portnoy

Um (a) autor (a): Jonathan Tropper

Um ator ou atriz: Steve Carell

Um filme: Annie Hall

Um dia especial: 5 de agosto de 2002, dia em que meu filho nasceu.

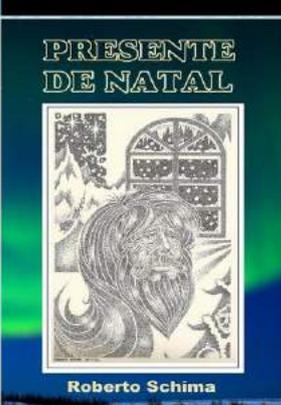
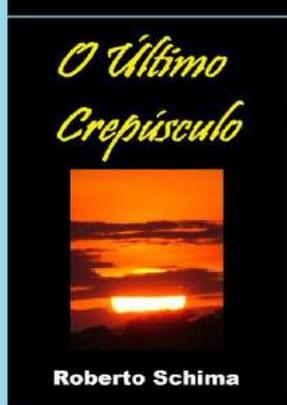
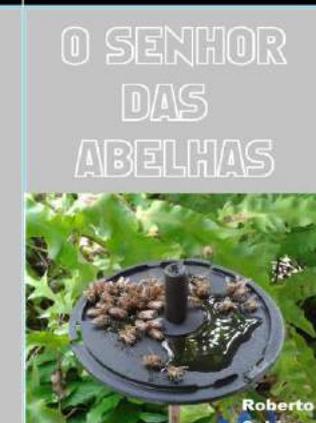
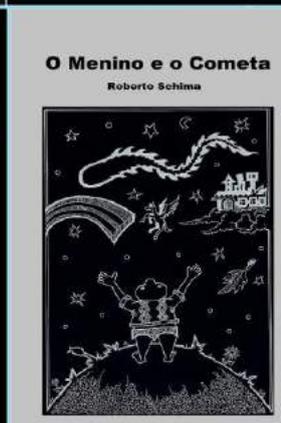
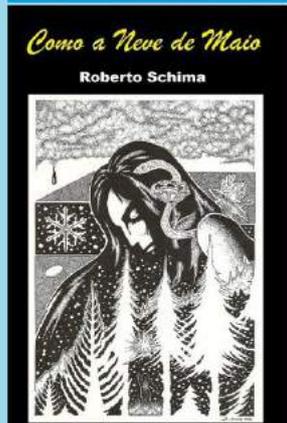
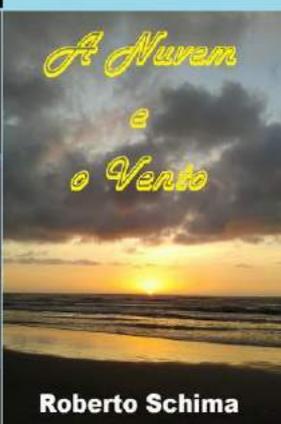
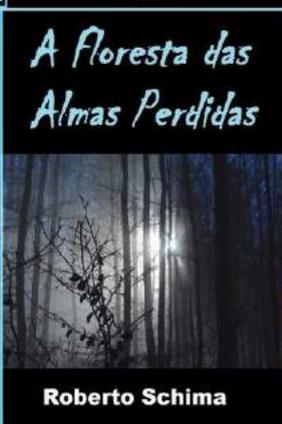
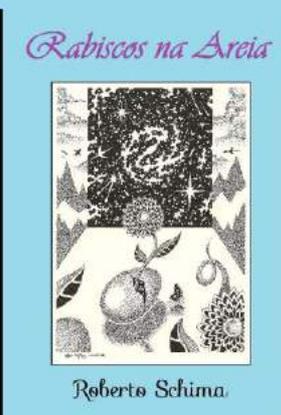
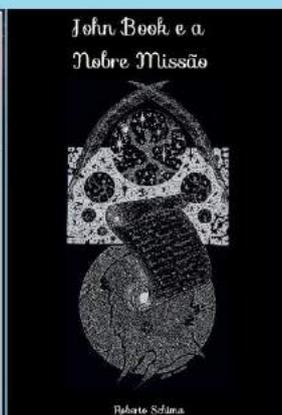
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Daniel Adjafre: gostaria de incentivar as pessoas a conhecerem os livros digitais. É uma experiência ótima, são tão bons ou melhores do que os livros físicos. E muitos pensam que é preciso ter um Kindle para ler um ebook comprado na Amazon. Mas é possível ler em qualquer tablet, basta baixar o aplicativo Kindle.



Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - rschima@bol.com.br

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.

ENTREVISTA COM O TRADUTOR JOSÉ MANOEL BERTOLOTE

POR ADEMIR PASCALE



José Manoel Bertolote é Médico, Psiquiatra, Professor da Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP. Casado, um filho e uma filha. Trabalhou durante mais de vinte anos na sede da Organização Mundial da Saúde em Genebra, Suíça. Tem como hobby criação de carpas koi, jardinagem e culinária. Já publicou (no Brasil e no Exterior) 110 livros (dos quais escreveu 19 inteiros e 26 capítulos em livros de outros organizadores). Tem 14 traduções já publicadas (do espanhol, francês, inglês e latim).

Sobre o autor Hancarville: Pierre Francois Hugues (1719-1805), mais conhecido como Barão d'Hancarville foi um historiador, crítico e colecionador de arte, especializado em arte romana, grega e etrusca. Publicou quatro obras sobre esses temas, hoje clássicas : *Recherches Sur L'Origine, L'Esprit Et Les Progres Des Arts De La Grece*; *Sur Leur Connections Avec Les Arts Et La Religion Des Plus Anciens Peuples Connus* (3 vols., Londres, 1785; *Collection Of Etruscan, Greek And Roman Antiquities* (4 vols., Nápoles, 1766), *Monumens de la vie privée des XII Césars d'après une suite de pierres et médailles gravées sous leur règne. Capri*, 1780; e *Monumens du culte secret des dames romaines. Rome*, 1787.

Sobre o livro "A Vida Privada dos Doze Césares": O livro descreve pormenores da vida amorosa e sexual dos doze imperadores romanos, de Júlio César a Domiciano, passando por Nero, Tibério e Calígula, e suas mulheres, de Cleópatra a Messalina. É ilustrado com reproduções feitas a partir de medalhas e entalhes de época, integrantes de coleções privadas. Vai muito além das descrições circunspectas de historiadores e cronistas como Petrônio, Suetônio e Tácito.

Entrevista

Conexão Literatura: Para iniciarmos, gostaríamos de saber como foi o início do seu trabalho como tradutor de obras literárias.

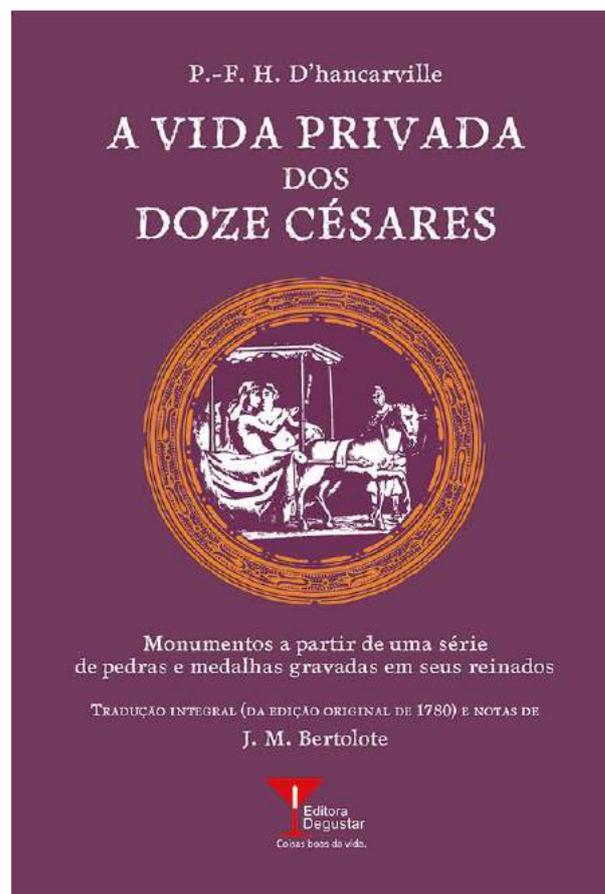
José Manoel Bertolote: Tenho traduzido três tipos de obras: textos acadêmico-científicos, obras relativa à gastronomia e clássicos da literatura erótica.

Os primeiros, traduzi a pedido de editoras universitárias e os segundos também a pedido de editoras comerciais do ramo da gastronomia.

Já os terceiros, entre os quais se enquadra "A Vida Privada dos Doze Césares", surgiram porque, morando no Exterior, tinha acesso a certos textos antigos, clássicos da literatura erótica mundial de alto nível, que nunca haviam sido traduzidos para o português. Comentei isso com amigos que moravam no Brasil e alguns pediram-me que traduzisse alguns trechos para eles. Com o tempo, tinha muito material traduzido; isso chegou ao conhecimento da Editora Degustar que resolveu publicar alguns deles.

Conexão Literatura: A Editora Degustar acabou de publicar no Brasil o excelente livro "A vida privada dos Doze Césares". Poderia comentar sobre a tradução da obra e quanto tempo demorou para concluí-la?

José Manoel Bertolote: Essa obra é um dos clássicos da literatura erótica de alto nível mencionados anteriormente. A obra foi publicado originalmente em francês, em 1780 e teve um percurso bastante tumultuado, sendo proibida e recolhida por autoridades governamentais em diversas ocasiões. A tradução foi feita a partir de cópia autorizada da edição *princeps* existente na Biblioteca Nacional da França e traduzida aos poucos, ao longo de quatro anos. Parte desse tempo foi gasto em cotejar as citações de clássicos latinos e gregos feitas por d'Hancarville. Várias dessas citações são de clássicos da literatura grega e latina, muitas delas parte de currículos acadêmicos; porém, muitas vezes as traduções existente são



"pasteurizadas" e fora de contexto, o que as torna aborrecidas e maçantes.

Conexão Literatura: Por que a Editora Degustar decidiu publicar "A vida privada dos Doze Césares"?

José Manoel Bertolote: Creio que porque esse texto faz parte da política editorial da Editora Degustar de trazer ao público lusófono textos clássicos até então inexistentes em língua portuguesa.

Conexão Literatura: O que o leitor brasileiro encontrará nessa obra de Hancarville?

José Manoel Bertolote: Uma descrição muito às claras do relacionamento amoroso e sexual de personagens históricos, com profundas implicações políticas, que moldaram toda uma era, sem os véus de textos de História Antiga

(por exemplo, Suetônio e Tácito) e sem edulcoração dos filmes de Hollywood.

.....

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre a arte da capa?

José Manoel Bertolote: Trata-se da reprodução de um camafeu do escultor romano Arelium, atualmente numa coleção particular. Ela mostra o Imperador Marco Antônio e a famosa cortesã Citeris passando em carruagem diante das tropas nus, dedicados a carícias íntimas. Esse era um fato perfeitamente aceitável para um imperador romano.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

José Manoel Bertolote: Ninguém ignora que Júlio César talvez tenha sido o maior homem que Roma produziu: grande general, intrépido guerreiro, ânimo vasto e empreendedor, escritor admirável, político sagaz, orador eloquente, reuniu em si todas as qualidades e todos os talentos. Era, ademais, muito bem apessoado, magnífico, liberal, muito galante, o ídolo de todas as damas romanas, cujos amantes e esposos temiam-no tanto quanto seus inimigos. Dizia-se comumente que era o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os maridos. (p 19)

Falaremos aqui apenas de sua devassidão [de Calígula], à qual ele começou a entregar-se bem cedo, começando essa carreira com um incesto. Era ainda muito jovem e morava com suas irmãs em casa de Antônio, sua avó. Essa respeitável senhora, suspeitando, sem dúvida de algo, levantou-se um dia bem cedinho e foi, sem ruído, ao dormitório e surpreendeu Calígula deitado com Drusila, desfrutando de suas primícias.

"Sabe-se que ainda usava a toga infantil quando deflorou sua irmã, Drusila, e foi surpreendido ainda na cama com ela, por sua avó Antônio em cuja casa viviam".

(Suetônio)

Veremos em seguida que tampouco poupou sua duas irmãs mais jovens, mas Drusila foi quem realmente conquistou seu coração e por quem cometeu mil loucuras. (p. 119-120)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do livro e saber um pouco mais sobre a Editora Degustar?

José Manoel Bertolote: Indo para o site <https://galeriadegustar.com.br> ou solicitando pela Amazon ou ainda na Livraria Martins Fontes da Paulista



SONHOS FULGURANTES

ROBERTO MINADEO



É uma Antologia, que apresenta contos já publicados em uma versão impressa em 2018, ao lado de outros que fazem parte de coletâneas diversas. Há ainda textos inéditos e outros que se encontram na página profissional do autor no Facebook.

Após publicar livros em Marketing e em Estratégia Empresarial, veio a decisão de ingressar na literatura – culminando um antigo sonho, alimentado por inúmeras leituras de obras, desde as clássicas até inúmeras outras de cunho mais popular.

Tal ingresso ocorreu mediante a publicação de uma antologia em 2018, com cerca da metade dos contos atuais. Dos demais contos, vários vieram a ser publicados em antologias promovidas por editoras diversas e outros são inéditos. Todos os contos previamente publicados são aqui apresentados em nova versão – não apenas de forma.

Nesta coletânea o fio condutor é o elemento onírico: Os contos são sonhos compartilhados entre o autor e o leitor. Dessa forma, o leitor está escondido em cada um deles, à espreita, sempre encarando algum personagem.

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE:

<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

EVERTON ILKIU

POR ADEMIR PASCALE



Everton Ilkiu tem 34 anos, é paulista, bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais e, especialista em ensino de Geografia pela Universidade de Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Atua como professor na rede pública de ensino há dez anos e, atualmente, é professor efetivo da rede municipal de Itanhaém, no litoral de São Paulo. Apaixonado por literatura desde a infância, “O Tesouro de Algarve” é seu livro de estreia, uma história de aventura e mistério dedicada ao público infantojuvenil, faixa etária com a qual trabalha há uma década. Atualmente reside em Itanhaém, com sua esposa Suzi e sua filha Geovana.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Everton Ilkiu: Desde a infância sempre gostei de ler. Minha iniciação na literatura foi com os fantásticos livros da coleção vaga-lume, da Editora Ática. Títulos como “O Cadáver Ouve Rádio”, “O Mistério do Cinco Estrelas”, “O Rapto do Garoto de Ouro”, entre outros, do saudoso Marcos Rey, sempre estiveram entre meus favoritos. Como acontece com muitos adolescentes, conforme fui crescendo, fui também me distanciando um pouco dos livros, mas ao ingressar na universidade aos 20 anos, a antiga paixão foi retomada, tanto por uma questão de

necessidade, com a enorme carga de leitura exigida pelo curso de Geografia, como por satisfação, para relaxar com agradáveis histórias de ficção.

Durante o curso, escrever também se tornou prazeroso, com os muitos trabalhos acadêmicos produzidos ao longo da graduação. E, após uma década atuando como professor, mergulhado em meio a livros e mais livros e, trabalhando com adolescentes; vivenciando seu dia-dia, seus sonhos, suas angústias, seu modo de ser; pensei: por que não escrever um livro para eles?

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Tesouro de Algarve”. Poderia comentar?

Everton Ilkiu: Como mencionado anteriormente, “O Tesouro de Algarve” surgiu a partir do desejo de produzir algo bacana para o público com o qual trabalho, portanto, esta obra trata-se de uma aventura voltada para adolescentes, meninos e meninas. As 134 páginas do livro são recheadas de aventuras e mistérios, onde seis adolescentes (quatro garotos e duas garotas) se lançam pelas ruas de Itanhaém, a segunda cidade mais antiga do Brasil, em busca de todas as partes do antigo mapa pirata, que reza a lenda revelará o paradeiro das riquezas saqueadas da Família Real portuguesa, ainda no período colonial.

Enquanto desvendam antigos enigmas e enfrentam todo tipo de perigo a fim de encontrar o tesouro, os garotos mergulham na história, na cultura, nas artes e ainda exploram cenários deslumbrantes e emblemáticos do litoral paulista. Assim, “O Tesouro de Algarve” procura levar diversão e conhecimento aos jovens leitores, se revelando também, uma aventura para qualquer idade.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Everton Ilkiu: Minhas pesquisas se dividiram em duas etapas: primeiro a pesquisa teórica, depois a pesquisa de campo. A pesquisa teórica foi pautada na leitura e busca de informações em livros, plataformas na internet e artigos; a respeito da história do Brasil e de



Itanhaém, bem como sobre os lugares retratados no livro e sua relação com a cultura local. Pelo fato de a obra ser ambientada em lugares reais, e tratar de acontecimentos verossímeis, minha responsabilidade com relação às informações apresentadas pelo livro aumentou consideravelmente.

Já a pesquisa de campo percorreu de acordo com sua essência natural, que trata-se de ir aos locais: observá-los, senti-los, vivenciá-los; para retratá-los com maior fidelidade e, assim, transportar o leitor para os cenário nos quais a trama se desenvolve. Como geógrafo, compreendo bem a importância de uma boa pesquisa de campo para captar a essência dos lugares,

não só do ponto de vista da descrição, como também na percepção dos elementos culturais, sociais e afetivos arraigados em cada paisagem.

Com relação ao tempo de trabalho, entre as pesquisas, escrita e revisões; foram aproximadamente quatro meses de um árduo, mas prazeroso trabalho.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Everton Ilkiu: Meu trecho favorito do livro é o momento em que a turma do João está no interior da montanha. Não só por se desenrolar o ápice da história, mas principalmente, porque é nessa parte que os garotos demonstram o quanto se importam uns com os outros e ainda precisam reunir forças e muita coragem para salvar suas vidas. É justamente nessa situação, que os adolescentes evidenciam que a verdadeira coragem consiste em enfrentar seus medos para fazer o bem, independentemente das adversidades pessoais de cada um.

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?

Everton Ilkiu: Primeiro de tudo: acredite em seu potencial! Se existe o desejo em escrever um livro, vá em frente! Depois de tomada a decisão de colocar o projeto em prática, se organize e se prepare bem: pesquise muito e reescreva quantas vezes for necessário. Escrever um livro requer

muito mais que um momento de inspiração, exige muito trabalho e dedicação, mas a satisfação pessoal pra quem se lança nessa empreitada é maravilhosa. E, por fim, se mantenha ligado ao mundo literário e aos principais canais de divulgação, pois esta é uma etapa crucial para que o público conheça seu trabalho.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Everton Ilkiu: “O Tesouro de Algarve” está disponível na plataforma da Amazon, por um valor bastante acessível: R\$ 9,99. Trata-se de um ebook, um livro em formato digital, que pode ser lido em qualquer dispositivo: celular, tablet, notebook, computador, e-reader e, assim, pode ser levado com facilidade para qualquer lugar.

Os leitores interessados podem conhecer um pouco mais sobre o meu trabalho nas minhas redes sociais e no meu blog. Abaixo seguem os links de venda do meu livro, bem como das minhas contas na internet:

<https://www.amazon.com.br/Tesouro-Algarve-Everton-Ilkiu-ebook/dp/B08KSL2Y64>

<https://www.facebook.com/everton.ilkiu/>

<https://www.instagram.com/evertonilkiu/>

<https://evertonilkiu1.blogspot.com/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Everton Ilkiu: Existe sim. Já estou trabalhando no meu próximo livro, que será publicado na plataforma da Amazon provavelmente entre março e abril de 2021. Trata-se de mais uma obra voltada para o público infantojuvenil, mas que também espera-se entreter leitores de todas as idades. Este novo projeto consiste em mais uma aventura repleta de mistérios e perigos, que conduzirá o leitor por uma trama intrigante envolvendo criminosos internacionais, seitas secretas, além de muita história, arte e cultura, tendo dessa vez como cenário, a encantadora e emblemática cidade de Santos, no litoral paulista.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Código Da Vinci

Um (a) autor (a): Dan Brown

Um ator ou atriz: Michael J. Fox

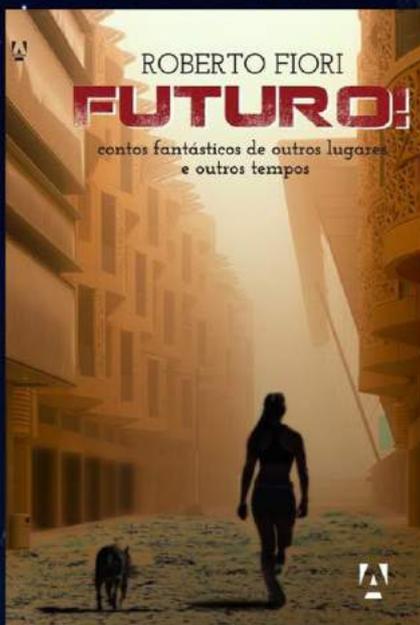
Um filme: De Volta Para o Futuro

Um dia especial: O nascimento da minha filha.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Everton Ilkiu: Gostaria de dizer aos meus leitores para continuarem a valorizar a cultura, as artes e o conhecimento. Pois, é através dessa tríade, que nos tornamos pessoas mais críticas, mais sábias e mais humanas. Nos tornamos pessoas melhores e, por consequência, construímos uma sociedade melhor. Vida longa a cultura brasileira! #otesourodealgarve





CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

LUCAS GREGORIO

POR ADEMIR PASCALE



Nasceu em 21 de setembro de 1997, na cidade de Parobé, onde cresceu e vive com a família. Filho de uma costureira e de um motorista de ônibus e veículos pesados, iniciou sua vida profissional como sapateiro, área na qual trabalhou por quatro anos e meio. Atualmente, trabalha como professor de Língua Inglesa na rede pública estadual do Rio Grande do Sul. Teve seu primeiro contato com a Literatura no primeiro ano do ensino médio, quando leu Floresta dos Corvos, de Andrew Peters. É estudante de Letras – Português-Inglês, na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo. Além da literatura, suas paixões são o estudo de línguas e a música.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Lucas Gregorio: Tive meu primeiro encontro “voluntário” com a literatura em 2013, quando li Floresta dos Corvos, de Andrew Peters. No mesmo ano, tive a oportunidade de “dar um primeiro passo como escritor”, pois, na aula de Filosofia, tive um professor incrível que estimulava a turma, ao menos eu me senti estimulado, a expressar ideias e visões através da música, poesia e outras formas de arte. Já na academia, tive o apoio e a ajuda de grandes mestres, tais como Dr. Daniel Conte, Dra. Marinês Andrea Kunz, Dr. Ernani Mügge, entre outros.

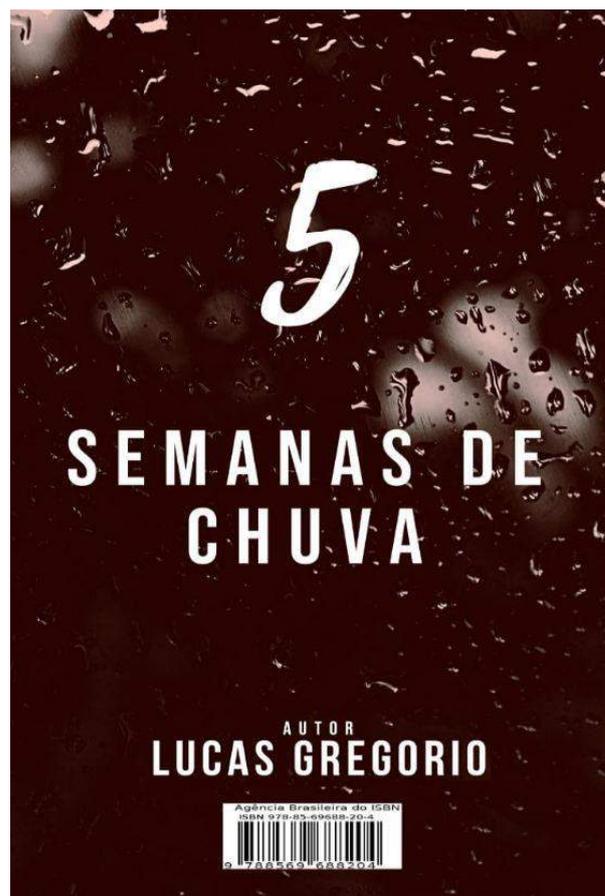
Conexão Literatura: Você é autor do e-book “5 Semanas de Chuva”. Poderia comentar?

Lucas Gregorio: Este é meu primeiro livro, o qual tentei criar algo diferenciado do que já havia visto como leitor e estudante de letras, e, por ser o primeiro, tenho um carinho especial, mas sei que não é perfeito, nem está próximo a isso. Não é um livro comum, como uma vez me disse um amigo do trabalho. É, nas palavras dele, “um soco no estômago”. Digo isso no sentido de que, ao meu ver, eu, o próprio autor, é uma história pesada, violenta e real. É, de forma simples, uma família tentando fugir de uma tempestade, mas no fim, a

tempestade é “só” água. Tentei colocar os personagens em seus extremos, desde seus lados bons, até o lado que nem eles mesmos conhecem. Sei que parece clichê, e certamente é, de certa forma, mas minha personagem principal, creio eu, é uma personagem a qual me dediquei de forma que realmente parecesse ser real, verdadeira. Espero que 51,8% da população brasileira se identifique, pois tal personagem mal tem voz, é colocada em segundo plano, violada e, ainda assim, é o que une os demais elementos da obra. Construí a narrativa de modo a soar como uma conversa de “compadres” e “comadres” em um bar após sinal de saída do serviço. Além disso, vale lembrar que, como sendo um livro que quer que o máximo de leitores sintam que aquilo acontece em suas cidades ou locais próximos a elas, não menciono nome de cidades, pois utilizei problemas que estão em diversas cidades e regiões do Brasil. Enfim, espero que gostem^^.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Lucas Gregorio: Minhas pesquisas foram um pouco difíceis, uma vez que, nas cenas de violência, sejam elas verbais ou físicas, quis produzir algo real, sem romantizar, já que, em minha opinião a violência não é algo a ser romantizado. Por isso, busquei depoimentos de violência, e ali formei a opinião que disse



anteriormente. Vejo, na Literatura, uma forma de dizer o que as pessoas muitas vezes evitam, ou simplesmente fingem não conhecer. Mas, por outro lado, consegui alguns dados que me ajudaram, principalmente ao definir o “Motivo X” de os acontecimentos da história se darem de tal forma. Busquei informações sobre problemas de estruturação e desenvolvimento descontrolados de cidade, bem como do descaso criado pela população em relação à algumas ações simples e cotidianas. Levei em conta fatos e conhecimentos populares sobre ser mãe; Uma mãe cuida de dez filhos, mas dez filhos não cuidam de uma mãe. Levei cerca de dois anos para concluir a obra, sendo que os últimos quatro meses foram destinados à alteração de algumas

cenas, incluindo o final, e também para tornar alguns aspectos mais fortes e marcantes. O publiquei em setembro de 2018, e certamente estava como o general atrás da mesa na música Faroeste Caboclo, do Legião Urbana.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de “5 Semanas de Chuva” especialmente para os nossos leitores?

Lucas Gregorio:

O som do trovão que atingira Matheus acertou os ouvidos de Alex, pouco antes da voz de Jennifer rasgar o ar.

A perna direita de Alex fisgou como se os músculos se rasgassem, e ao cair, ele girou, apenas para ver o homem que havia escapado dele no posto apontar um revólver velho para ele. Antes que o jovem pudesse revidar, o peito do sujeito tornou-se vermelho quando os soldados que estavam se aproximando puxaram o gatilho.

Alex queria atirar, sacar alguma arma e puxar o gatilho até ouvir o som da falta de munição, mas o grito de sua mãe e o rugido da escopeta que ela segurava o impediram. Ela atirou uma vez, arrancando fora o que fazia daquele homem um homem. O segundo rasgou a garganta, levando pele e carne para longe. Jennifer havia caído com o primeiro coice da arma, mas não deixou o alvo ser mudado. Então, largando a ferramenta de matar, ela engatinhou para o lado de Matheus.

O grito, que ela soltou ao olhar para os olhos quase sem vida do filho caído, fez o mundo se calar, pois, na expressão do jovem, ela viu seu pesadelo se tornar realidade

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Lucas Gregorio: Para adquirir meu e-book, o leitor deverá ir ao site www.amazon.com.br. Lá, basta procurar o nome do livro, 5 Semanas de Chuva, e clicar na opção comprar agora. Digo isso pois, se clicar na outra opção (Leia de Graça), o leitor deverá efetuar uma assinatura no Kindle. Após a compra, basta fazer o download do app “Kindle” no celular e realizar o login com a mesma conta utilizada para fazer a compra no site da amazona. O leitor pode clicar no link abaixo que será direcionado diretamente para o livro no site.

https://www.amazon.com.br/5-Semanas-Chuva-Lucas-Gregorio-ebook/dp/B07H7B7VQZ/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1DPNH44JDUGB4&dchild=1&keywords=5+semanas+de+chuva&qid=1603937161&sprefix=5+Semanas+%2Caps%2C1120&sr=8-1

Para saber mais de mim, pode entrar em contato através do meu endereço de e-mail, lucasgregorio21@gmail.com, por

onde posso me comunicar e responder quaisquer dúvidas. Também pode me procurar pelo Facebook; <https://www.facebook.com/lucas.gregorio.1297/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Lucas Gregorio: Sim, tenho iniciado outro trabalho, o qual irá se passar na minha cidade, Parobé, e pretendo trabalhar com muitos elementos da realidade brasileira, criando uma espécie de horror fantástico. Não busco colocar medo através de criaturas e seres sobrenaturais, mas sim com o que está próximo e nem sempre sabemos. Será, de certa forma, um conflito do novo com o antigo. Trarei o máximo da violência que alguém pode sofrer, e não me refiro à forma física, exclusivamente.

Perguntas rápidas: Um livro: Uma Ilha No Oceano, de Annika Thor.

Um (a) autor (a): Edgar Allan Poe.

Um ator ou atriz: Will Smith.

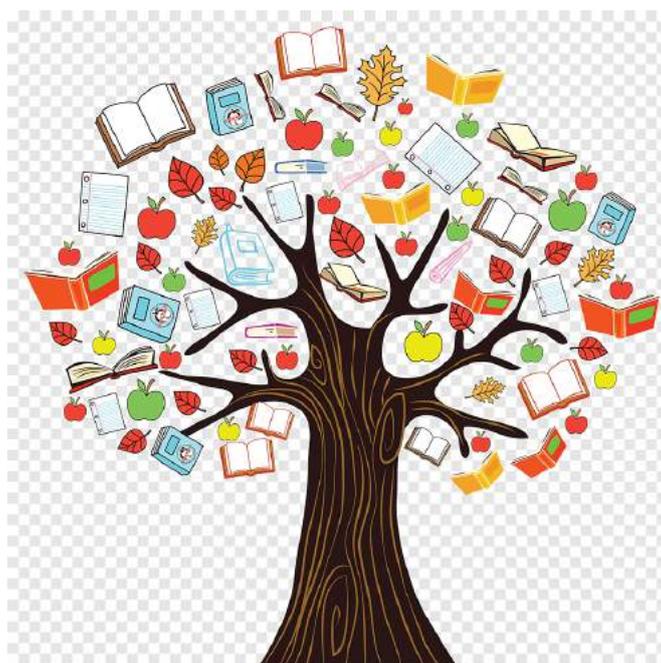
Um filme: Reine sobre mim.

Um dia especial: 10 de dezembro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Lucas Gregorio: Creio que muitos vão se espantar com algumas de minhas cenas, e não discordarei se disserem que são cenas cruéis ou nojentas. Mas espero que percebam que, por baixo de toda a violência que parece ser o foco, há coisas belas e outras que devem ser percebidas, no meu ver, claro.

Desejo apenas um grande abraço e tudo de bom a todos que me deram alguns minutos de sua atenção. Tudo de bom e até^^

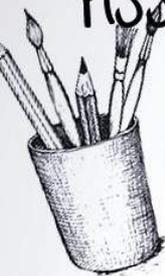


FAÇA JÁ

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES

A SUA

ASSINATURA



CLUBE DO LIVRO

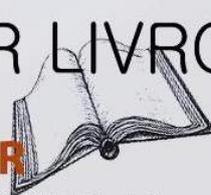
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESSE O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

ACESSE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS



WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

LUIS TORCATO

POR ADEMIR PASCALE



Luis Torcato nasceu em 1956 em São Paulo, Capital. Filho único de um operário e uma dona de casa, fez seus estudos fundamental e médio em escolas públicas, graduando-se bacharel em Comunicação, em 1979, pela Faculdade Cásper Líbero, uma das mais tradicionais escolas de jornalismo do Brasil. Como estudante, acompanhou de perto as grandes manifestações da década de 1970, inclusive da conhecida invasão da PUC pelas forças de repressão do governo paulista. Ingressou na imprensa em 1980, na área de Economia, passando, com seu ingresso na Folha de S. Paulo, a atuar na Educação, sendo reconhecido como um dos melhores profissionais neste segmento.

Da Folha de S. Paulo foi convidado para trabalhar na Universidade de São Paulo (USP), onde foi diretor e editor do Jornal da USP, implantou a Agência USP de Notícias e atuou como secretário de Imprensa da Reitoria.

Em 2016 deixou o jornalismo para se dedicar ao trabalho de consultor editorial e escritor. Também é autor de *O camelo fala* (obra motivacional – 2016), *Anno Zero* (2018) e *A morte da doce senhora* (2019).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luis Torcato: De certa forma, sempre estive ligado à literatura. Comecei a escrever ainda na adolescência, influenciado pelos autores modernistas e pós-modernistas. Mesmo tendo sido bem

classificado em concursos literários, considero minha produção poética desse período como amadora e nunca pensei em publicar esses trabalhos. Posteriormente, passei a escrever para teatro e cheguei a pensar em atuar profissionalmente nessa área, mas abandonei a carreira por problemas de saúde em família. Depois de quase 40

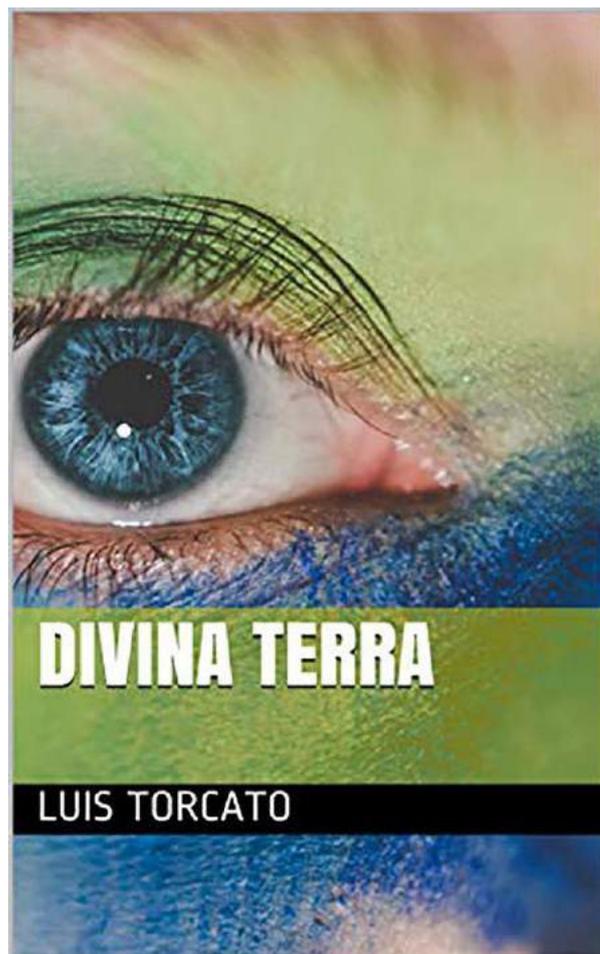
anos no jornalismo, retomei os meus projetos literários, agora com dedicação exclusiva.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Divina Terra”. Poderia comentar?

Luis Torcato: O romance Divina terra surgiu quase que como uma necessidade de documentar, pela ficção, o período conturbado em que vivemos, não só no Brasil como no mundo. Minha experiência como jornalista facilita o trabalho com a realidade presente, porém prefiro ficar dentro do campo da ficção, onde é possível ir além do factual, para penetrar na vida e na personalidade de seres que se chocam, que sofrem e que se complementam. Nos meus livros não há lugar para maniqueísmos, não há heróis e nem vilões, e ninguém é completamente bom ou completamente mal.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Luis Torcato: Para o meu trabalho, considero fundamental o trabalho de pesquisa, também uma herança do jornalismo. Dessa forma, o leitor de Divina terra vai perceber inúmeros fatos que são reais e até mesmo as datas, com os seus respectivos dias da semana, são verdadeiras. A cidade de Pedrinha Verde, onde acontece a ação, e os seus personagens são frutos da ficção, mas o



Brasil desse período é real. O livro foi escrito em 60 dias, porém em trabalho contínuo de 8 horas por dia, de segunda a sexta-feira, uma jornada igual à das pessoas que têm outras ocupações.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Luis Torcato: Há muitos trechos do livro que me tocaram muito e até me emocionaram. Em alguns momentos, cheguei a interromper o trabalho de redação para me recompor e recuperar a necessária frieza. Há um heroico resgate de um acidente que me comoveu, assim

como as atitudes de Deise, uma das personagens.

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?

Luis Torcato: Eu sempre digo que tudo pode ser um hobby ou uma profissão. Você pode pintar para se distrair, e presentear seus amigos com seus quadros, ou pintar para vender as suas obras. Quanto ao hobby, ele é livre para todos. Mas quem deseja escrever profissionalmente, deve se preparar e lutar para isso. Nosso mercado editorial é cruel e, felizmente, surgiram as plataformas de autopublicação. Elas podem e devem ser utilizadas. Porém, um livro escrito que ninguém lê não serve para nada. Por isso, precisamos juntar todas as nossas forças para que as pessoas pelo menos tenham acesso ao nosso trabalho. O trabalho da Conexão Literatura é um exemplo louvável do que estou afirmando. O escritor precisa ser reconhecido (e pago) como todos os outros profissionais.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luis Torcato: O livro Divina terra pode ser adquirido na Amazon, no formato e-book, (238 páginas, R\$ 5,61). Em breve será lançada a versão impressa.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luis Torcato: Sim, outros projetos estão em desenvolvimento. A partir do próximo ano, a minha meta é a de lançar um livro a cada quatro meses.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Poço do Visconde, de Monteiro Lobato, o primeiro que li na vida, aos 8 anos.

Um (a) autor (a): O esquecido José Mauro de Vasconcelos.

Um ator ou atriz: Tarcísio Meira, exemplo de profissional e de pessoa.

Um filme: Fernão Capelo Gaivota, do diretor Hall Bartlett.

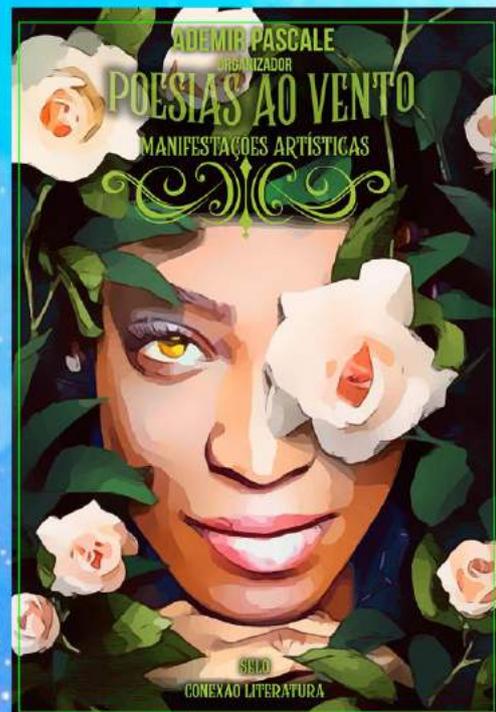
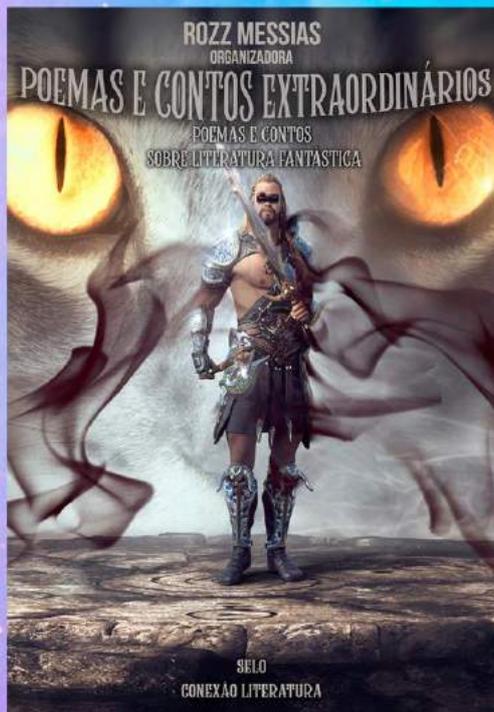
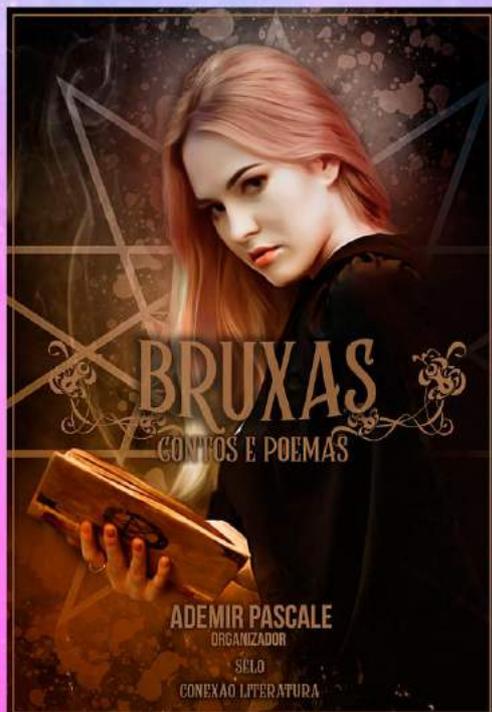
Um dia especial: Todos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luis Torcato: Espero que em breve as empresas editoriais brasileiras disputem entre si os novos autores, contratando obras com prazo de lançamento e pagamento digno de royalties.



PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA

ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

MAX MORENO

POR ADEMIR PASCALE



Max Moreno é escritor e redator publicitário. Estreou na literatura em 2014 com o romance “A Outra Sombra”. Em 2015, teve seu primeiro livro traduzido e vendido nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra. Em 2016, com o conto Vinte Pratas, participou da coletânea Big Buka em homenagem ao escritor Charles Bukowski. Em 2019, com o poema “Rastejante”, Max participou da IV Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea “Além da Terra, Além do Céu”, uma alusão ao poema de Carlos Drummond de Andrade. Em 2020, teve seu segundo livro (As paredes eram brancas) publicado. Max mora em Campo Mourão, é casado e pai de dois filhos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Max Moreno: Na verdade, desde criança eu sempre gostei de escrever. Provas de redação sempre foram as minhas preferidas, fossem no ensino fundamental, médio ou no vestibular. Mas foi só em 2010 que decidi encarar o desafio de escrever o meu primeiro romance “A Outra Sombra”. O livro foi publicado somente em 2014, e assim, finalmente eu pude me considerar “um escritor”.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “As Paredes Eram Brancas”. Poderia comentar?

Max Moreno: O livro é um romance policial cheio de suspense e mistério. A trama é ambientada em cidades do Paraná e interior de São Paulo, e seu enredo traz (no núcleo central) personagens jovens envolvidos numa trama diabolicamente inacreditável. Há quem diga que a trama é um desafio à sagacidade leitor, pois nada é exatamente o que parece.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Max Moreno: Eu costumo dizer que para criar (na área de ficção literária) é preciso saber observar. Isso mesmo, ser um bom observador. Quando você olha o mundo

com “olhos de escritor”, tudo pode ser uma fonte de inspiração. Um homem caminhando sozinho numa praça pode ser o início de uma história, basta saber fazer as perguntas certas.

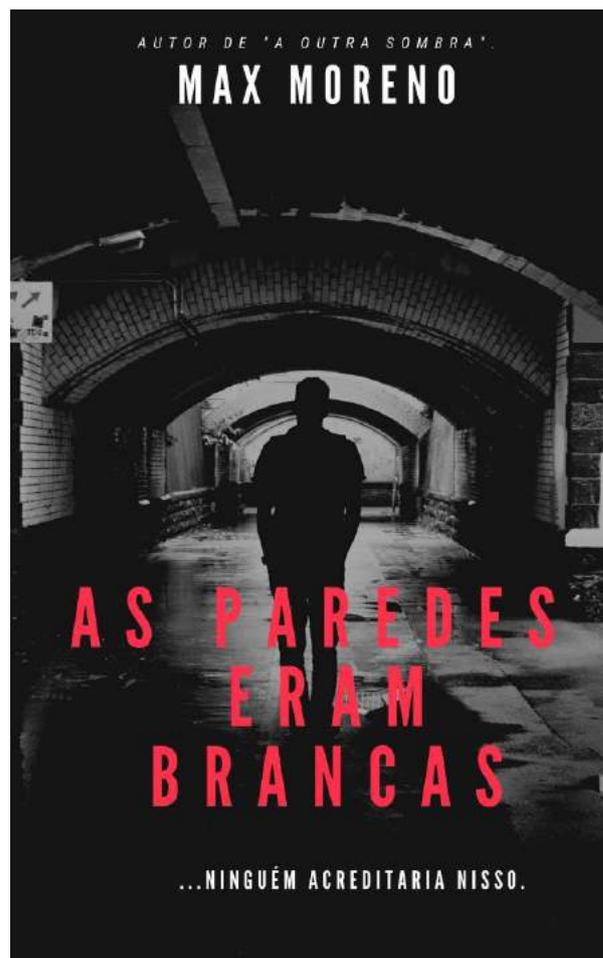
Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Max Moreno: “Se havia uma coisa que não se podia negar era que, além de bonita, a garota tinha personalidade. Despejou sua bomba atômica na cara da mulher, sem rodeios. E o que a viúva podia fazer?... Espancá-la?... Acontece que isso não mudaria nada.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Max Moreno: O livro está à venda nas principais livrarias virtuais do país, basta digitar “As paredes eram brancas” no Google e logo surgirão dezenas de links tanto para compra como para sites que disponibilizam gratuitamente os primeiros capítulos para leitura como, por exemplo, a Amazon e o Google Books.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?



Max Moreno: Creio que a primeira e mais importante é: leia... leia muito. Não há outra maneira de aprender, senão lendo. Escrever parece fácil, mas exige algumas habilidades (técnicas) que só se aprende lendo e obviamente escrevendo. A segunda é: não tenha pressa em ter o seu livro publicado, isso gera erros primários que podem comprometer o seu desenvolvimento como escritor. O ideal é escrever, reescrever, reescrever mais uma vez, cortar os excessos e reescrever novamente. A reescrita vai enriquecer a sua percepção da obra, pode acreditar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Max Moreno: Sim, estou trabalhando no meu novo livro, um projeto bem diferente do que estou habituado. É aquela velha história (clichê?) de “sair da sua zona de conforto”, sabe? Também há um projeto (este ainda está engavetado) de um livro de contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Enterre seus mortos – Ana Paula Maia

Um ator ou atriz: Marieta Severo

Um filme: Os Outros

Um hobby: Observar as estrelas (quando possível)

Um dia especial: Hoje, agora, nesse instante.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Max Moreno: Só existe uma maneira de transformar um sonho em realidade: acordando e indo à luta.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

POLICARPO

POR ADEMIR PASCALE



Paulista, 56 anos, geógrafo, pós graduado em História da África, metroviário por 31 anos, aposentado, casado, pai e avô.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Policarpo: Sindicalista, lutava pelos direitos da categoria, onde fui acumulando documentos, pesquisas e formulando projetos, que após um tempo, organizei e transformei no livro **TRAJETÓRIAS E CAMINHOS DA SEGURANÇA METROVIÁRIA DE SÃO PAULO**, lançado em 2018. Como já escrevia coisas, memórias, contos e poemas, e gostei do resultado do primeiro livro, organizei meus poemas e lancei o **CONEXÕES ALÉM DA FAIXA AMARELA**, participei de antologias com contos e poemas e agora lanço o **IDARÁ IBI PEDRA DE XANGÔ NA TERRA DE ÍNDIO**.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Idará Ibi - Pedra de Xangô na Terra de Índio”. Poderia comentar?

Policarpo: Este livro é um recorte que faço sobre a colonização portuguesa que tentou estigmatizar, catequisar e criminalizar o índio nativo e como não conseguiu importou o africano que, sob o jugo da escravidão, foi obrigado a servir ou morrer. A pedra é o elo de união onde, através dela, pode-se saber que o algoz dos continentes é o mesmo ator, com a mesma voracidade pelas riquezas locais, que não se limitou a subtrair.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Policarpo: A ideia do livro nasceu em 2018 em uma conversa sobre religiões onde chegou-se à conclusão da existência de canais alimentados por culturas diferenciadas, mas que pregam basicamente a mesma filosofia. Colocar em um mesmo ambiente atores de

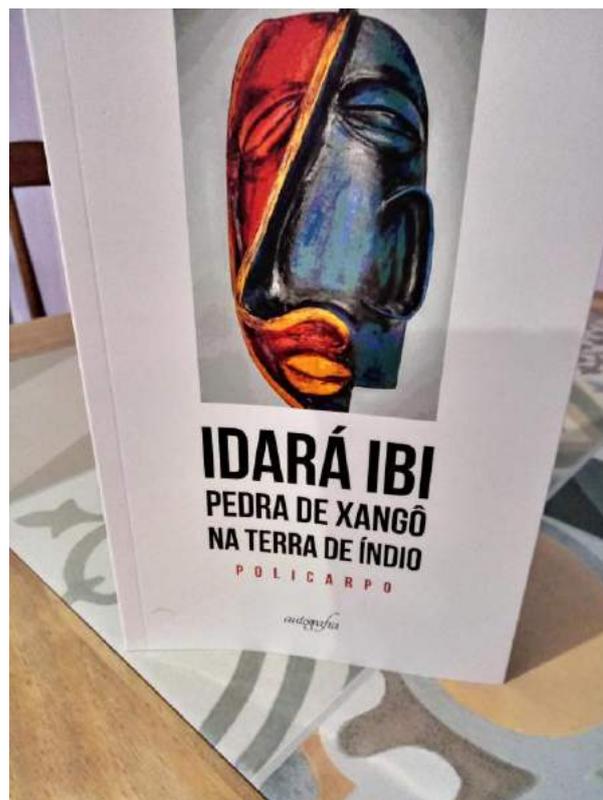
diferentes correntes sem o compromisso do aprofundamento religioso me pareceu oportuno e de uma forma concreta e verdadeira, a Pedra de Xangô na Terra de Índio faz a ligação entre os povos. Muito do conhecimento adquirido nos bancos da escola, de forma distorcida, foram pesquisados em várias fontes, bem como a literatura sobre o assunto, via Boris Fausto, ajudaram na organização desse romance histórico.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Policarpo: Quando voltaram daquele transe, estavam deitados sobre montes de terra fofa, como se estivessem em camas, com seus corpos nus e banhados em óleos perfumados. Com a cabeça girando, ficaram deitados até se recuperarem daquela viagem transcendental, mágica e terrível, ao mais real de suas histórias. Ao se levantarem e se perceberem nus, vestiram-se e se olharam com profundo pesar, porém, perceberam o quanto eram iguais em suas histórias e trajetórias e que, por mais que não quisessem aceitar, tinham em comum, o mesmo algoz.

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?

Policarpo: A dica preciosa que tenho como premissa é se ouvir antes de escrever. Acatar o que vem de dentro, se



é do coração ou da imaginação, tanto faz, pois o que importa é escrever com um objetivo, uma proposta, passar um recado ou mensagem que faça alguém, em algum momento, pensar sobre o que está lendo. Eu diria, semear ideias.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Policarpo: Para ter o livro, físico ou digital acessem o site da Editora autografia.com.br
No Facebook: Dalvilson Policarpo
Instagram: donpolicarpo

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Policarpo: O novo projeto esta em fase final de organização na Editora Viseu e chama-se DIALOGANDO COM AS GAVETAS onde faço uma viagem no passado, de todos nós, através de uma entrevista em uma mesa de bar, para entender o presente e quem sabe, melhorar o futuro.

Perguntas rápidas:

Um livro: A revolução dos bichos

Um (a) autor (a): Florbela Espanca

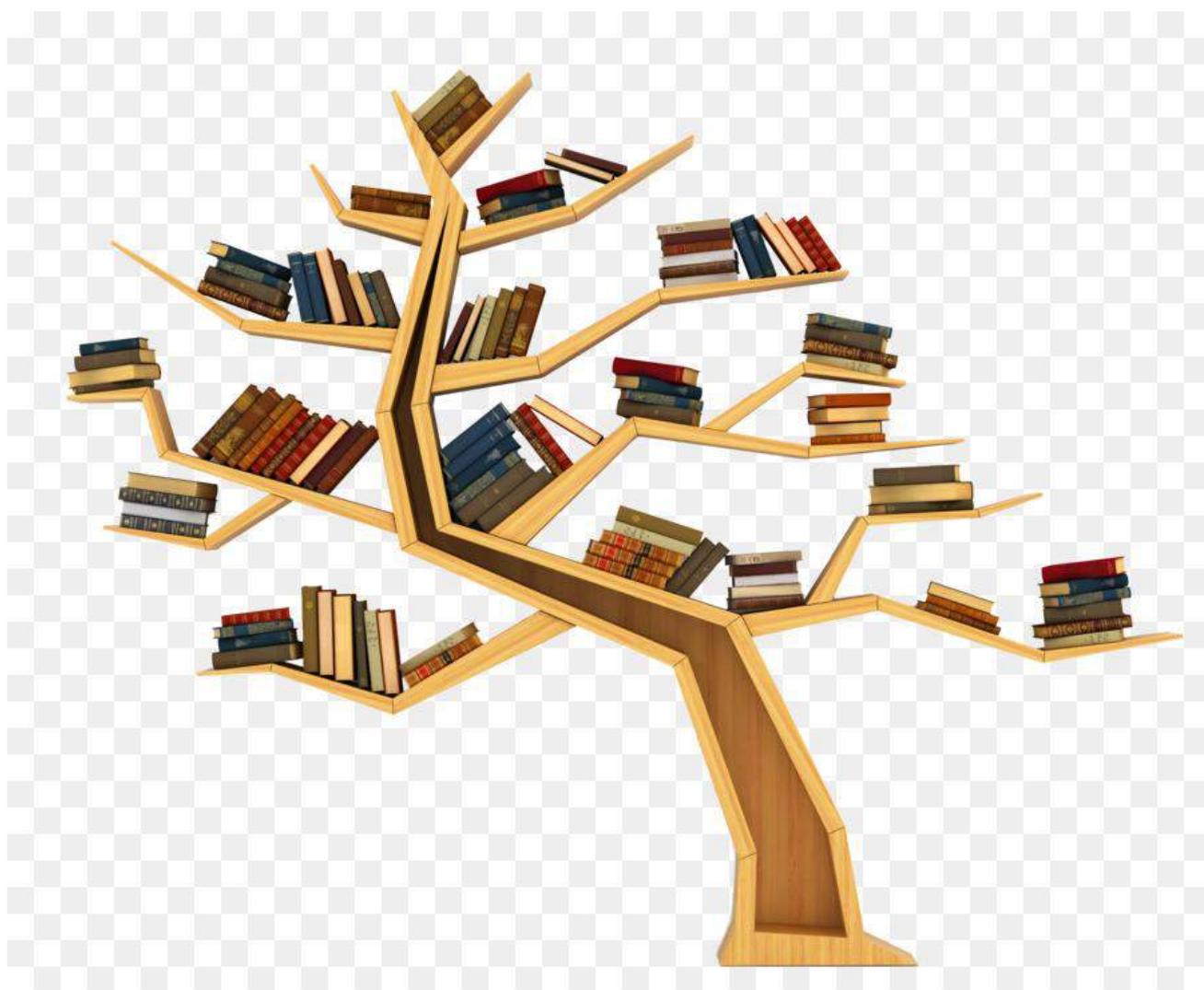
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Amistat

Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Policarpo: A escrita existe para que o homem, ao registrá-la, plante, em quem ler, uma semente que poderá vingar e dar bons frutos ou não, dependendo somente do terreno e do cultivo.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA PRISCILA MOREIRA GOUVEIA

POR ADEMIR PASCALE



Priscila Moreira Gouveia, nasceu em Recife/PE e passou quase toda a sua vida em Juazeiro do Norte/CE, adotando este estado como seu. É advogada, atua como subprocuradora municipal, estuda para concursos públicos e é escritora. Certamente a escrita é algo que faz a chama de sua vida brilhar mais forte. É durante o ato de escrever que a criatividade, a plasticidade do espírito e toda a sua imaginação podem ser livres. Para ela não existe nada mais libertador do que escrever e criar novos mundos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Priscila Moreira Gouveia: Alguns anos atrás, por volta de 2014, 2015, eu tinha o hábito de escrever todos os dias. Acabei escrevendo um livro chamado “Mukantagara” e o guardei. Nunca havia pensado em publicá-lo, até o presente ano. Eu e minha mãe, que também é escritora, começamos a participar de diversas antologias esse ano, junto às Editoras Lura e Peculiar. Minha mãe foi convidada pela Editora Dialética para transformar sua dissertação de mestrado num livro e isso deixou nossa família muito feliz. Daí surgiu a coragem de enviar “Mukantagara” para uma editora e

aguardar a análise do conselho editorial. O livro foi aceito pela Editora Constelação e está em processo de edição. Deve sair em Dezembro nas versões física e e-book. No que diz respeito ao livro “A Criadora de Mundos”, somente em outubro surgiu a ideia de sua criação. Ele foi escrito para participar da 5ª Edição do Prêmio Kindle de Literatura promovido pela Amazon.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “A Criadora de Mundos”. Poderia comentar?

Priscila Moreira Gouveia: É uma leitura relaxante, despretensiosa, que tem por único objetivo divertir e entreter o leitor. Os protagonistas de “A Criadora de

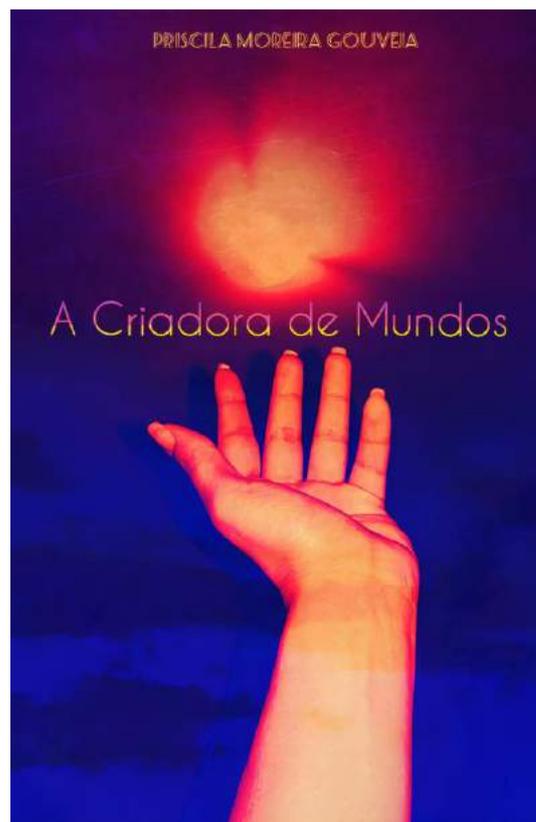
Mundos” são imperfeitos, cheios de dúvidas, receios e impulsividade! É um livro ótimo para simultaneamente provocar algumas reflexões interessantes e divertimento. A Criadora de Mundos é uma ficção fantástica que prende a atenção do leitor do começo ao fim!

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Priscila Moreira Gouveia: O tempo para conclusão do livro “A Criadora de Mundos” foi um verdadeiro desafio! Ele foi escrito em doze dias. Eu havia enviado outro livro para uma editora (Enviei a obra “Mukantagara” para a Editora Constelação), quando vi o anúncio do 5º Prêmio Kindle de Literatura. Achei uma oportunidade incrível. Já estávamos no início de outubro e o prazo para envio de obras prontas para a Amazon era dia 18 de outubro. Então iniciei o projeto louco de escrever um livro naquele curto espaço de tempo. Comecei a história três vezes, mas nenhuma delas era a “história”, até que o livro “A Criadora de Mundos” começou a ser escrito.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Priscila Moreira Gouveia: A personagem principal é uma escritora e durante uma entrevista perguntam a ela se inspiração



existe. Gosto muito desta parte em especial do livro. A resposta de Emma é a seguinte: “A inspiração...Bem, ela pode vir de qualquer lugar e pode não vir de lugar nenhum. Mesmo que existam mil portas, se não houver ninguém para atravessá-las, do que adianta que elas existam, não é verdade?

(...)

É como se as portas fossem as infinitas inspirações da vida. O nascer do sol pode te inspirar. Uma colher pode te dar uma ideia. Um mosquito passando, pelo amor de deus, pode dar um tchan no seu pensamento, qualquer coisa pode puxar algo de dentro de você. Essas inspirações são as portas, porém você tem de atravessá-las. Você tem de estar ali naquele momento em sintonia com aquele instante para enxergar o inusitado, o dark, o divertido, o trágico, a cena, a

emoção do personagem, a guinada da história, tudo a partir daquela pequena inspiração. Você tem de estar de peito aberto para deixar a própria vida te inspirar.”

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?

Priscila Moreira Gouveia: Não se preocupe com fórmulas e apenas escreva. Deixe a imaginação fluir em qualquer história. Se existe algo ilimitado é a criatividade. A única limitação de um escritor deve ser com a língua que escolheu para ser sua matriz.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Priscila Moreira Gouveia: “A Criadora de Mundos” está disponível no site da Amazon, através do link: cutt.ly/kgjATEj, lembrando que está concorrendo ao 5º Prêmio Kindle de Literatura.

O meu trabalho também pode ser conhecido através do instagram: @escritora.priscilamoreira.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Priscila Moreira Gouveia: Sim, com certeza! Até o final do ano estarei disponibilizando mais dois e-books de ficção, fantasia e romance no site da Amazon. Desta vez serão escritos num tempo mais razoável. Rsrtrs Até o final do ano também o livro “Mukantagara” será lançado nos formatos físico e e-book através da Editora Constelação. Há ainda contos meus nas Antologias em edição “A Era dos Mitos”, “A Vida em Poesia” e “Ano Zero” da Editora Lura e “Amor Confinado” e “Passaporte Interestelar” da Editora Peculiar.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Senhor da Chuva (de André Vianco)

Um (a) autor (a): William Blake

Um ator ou atriz: IU (Lee Ji Eun – Atriz Sul-Coreana)

Um filme: Louvor à Morte (Disponível na Netflix)

Um dia especial: Hoje.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Priscila Moreira Gouveia: Gostaria apenas de dizer: escrever é libertar-se.r.”



ENTREVISTA COM A ESCRITORA SIMONE FONTARIGO

POR ADEMIR PASCALE



Simone Fontarigo é jornalista e escritora, com poesias e contos publicados em diversas antologias no Brasil e em Portugal, entre elas Versos Noturnos (Sociedade dos Poetas Cariocas - SPOC); Brisas de Outono – (antologia lusófona - Editora Sui Generis); Conjecturas – Crônicas e Contos do Cotidiano (Editora Driade) e Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes (com publicação prevista para fevereiro – Cartola Editora). Seu último conto foi publicado no e-book O Legado de Edgar Allan Poe, organizado pela Revista Conexão Literatura e pelo Edgar Allan Poe – Poe`s Club.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Simone Fontarigo: Comecei a ler e escrever poesias ainda adolescente. Meu pai foi o homem mais culto que eu já conheci e estava sempre lendo, o que me incentivou desde cedo a amar os livros. Comecei a escrever contos há cerca de três anos e a classificação em alguns concursos literários me incentivou a continuar escrevendo, pois parece indicar que minha literatura está agradando alguém (risos).

Conexão Literatura: Você participou e teve o seu conto selecionado no concurso literário da obra (e-book) O

LEGADO DE EDGAR ALLAN POE, tendo sido publicado nele o seu conto “Vende-se Mansão”. Poderia comentar?

Simone Fontarigo: “Vende-se mansão” foi o meu primeiro conto de suspense / terror. Gosto muito dos contos do Edgar Allan Poe e fiquei muito feliz em participar e ser classificada em um concurso que escolheu contos com a mesma temática e mesmo estilo desse autor fantástico. Fiquei também muito honrada por meu conto estar abrindo o livro.

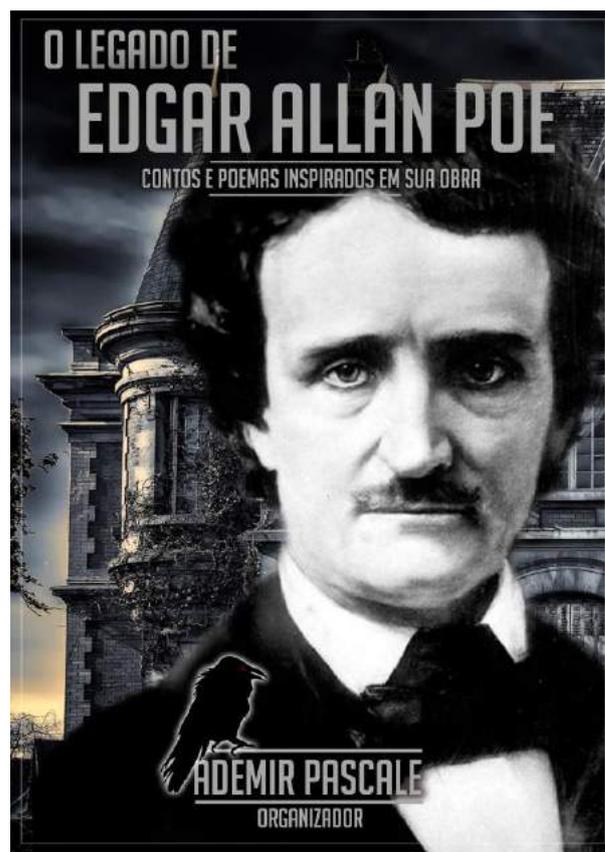
Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu conto?

Simone Fontarigo: O prazo para apresentação do texto foi curto, mas, como sempre faço, pesquisei bastante sobre a época em que o autor viveu para não colocar nada extemporâneo. Costumo escrever meus contos da mesma maneira como eles devem ser lidos: de uma só vez. Depois releio várias vezes, envio para algumas pessoas avaliarem e só então faço a revisão final e o considero pronto. Meu marido e meu filho são obrigados a ler todos (risos). O fato de ser jornalista me ensinou a ter esse cuidado com meus textos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu conto especialmente para os nossos leitores?

Simone Fontarigo: Destaco o momento em que o medo vai tomando conta do protagonista de uma maneira que ele já não consegue distinguir o que é verdade do que é imaginação. O trecho é esse:

“Consegui dormir apenas algumas horas. Acordou sobressaltado e continuava com a impressão de que havia alguém na janela. Podia ouvir os corvos e sabia que eles estavam ali. Fechou os olhos e começou a rezar. Porém, mal havia terminado, sentiu gotas geladas pingarem em sua testa. Ele acendeu a vela e olhou para cima. A mancha negra estava maior agora e ele teve certeza de que o que pingara em sua testa era sangue. Através da claridade trêmula da



vela, podia agora ver claramente o rosto de um homem se formando.

“O que eu faço? O que eu faço?” — Ele se perguntava, enquanto ouvia os corvos debaterem-se contra a janela do quarto. O vento soprava ainda com mais intensidade e galhos de árvores batiam tão forte na janela que pareciam quererem quebrá-la.”

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira ou para os que pretendem participar de concursos literários?

Simone Fontarigo: As dicas são sempre as mesmas: leia muito e escreva, escreva, escreva. Participe de cursos de escrita criativa gratuitos pela Internet, existem cursos muito bons para autores iniciantes.

Faça parte de grupos de autores nas mídias sociais, você conhece pessoas que têm o mesmo sonho que você e aprende muito com as experiências delas. Sobre os concursos literários considero que são um ótimo termômetro para saber se o que você está escrevendo está agradando. Existem diversos sites que mostram quais são os concursos que estão abertos. Além disso, os concursos são ótima maneira de treinar sua escrita e ainda ter a chance de ter seus textos publicados.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o e-book O LEGADO DE EDGAR ALLAN POE e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Simone Fontarigo: Na minha página do Instagram (@simone_fontarigo) tem o link para baixar gratuitamente o e-book. Baixem, leiam e deixem seus comentários, que são sempre muito bem vindos pelos autores. Lá, vocês também vão saber um pouco mais sobre mim. Será muito bom trocarmos ideias literárias.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Simone Fontarigo: Sim, existem! Acabei de concluir o meu primeiro livro de poesias chamado “O que o amor tem a ver com poesia”, que deverá ser lançado ainda este ano. E estou finalizando um livro de contos, que pretendo lançar no ano que vem. E, é claro, continuo participando de concursos literários.

Perguntas rápidas:

Um livro: Posso falar dois? A Revolução dos Bichos, de George Orwell, e Vidas Secas, de Graciliano Ramos

Um (a) autor (a): Graciano Ramos

Um ator ou atriz: Gloria Pires

Um filme: Coração Valente

Um dia especial: O nascimento do meu filho Rafael

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Simone Fontarigo: Agradeço à revista Conexão Literatura a oportunidade de divulgar o meu trabalho e convido a todos para irem até o meu Instagram e baixar o livro O Legado de Edgar Allan Poe. Mas já vou avisando: é só para os corajosos...



Literatura de Cordel

Um passeio pelo Folclore Brasileiro



Gratuito no
Kindle Unlimited

Disponível na
Amazon

Entre rimas e versos, você é convidado a realizar um lindo passeio pelas regiões brasileiras. Vamos refletir sobre a Cultura Popular e os elementos que compõem esse conjunto de saberes.

[HTTPS://WWW.AMAZON.COM.BR/UM-PASSEIO-PELO-FOLCLORE-BRASILEIRO-EBOOK/DP/BO8G84YI6M/REF=MP_S_A_1_1?DCHILD=1&KEYWORDS=SHAMARA&QID=1598493309&SR=8-1](https://www.amazon.com.br/Um-passeio-pelo-folclore-brasileiro-ebook/dp/BO8G84YI6M/ref=mp_s_a_1_1?dchild=1&keywords=SHAMARA&qid=1598493309&sr=8-1)

Correio- Adquira o seu exemplar acompanhado de uma carta escrita pela autora Shamara Paz.



E-MAIL: SHAMARA_PAZ@HOTMAIL.COM

IG LITERÁRIO:

[HTTPS://INSTAGRAM.COM/BIBLIOTECA_DEUMAPROFESSORA](https://instagram.com/biblioteca_deumaprofessora)



A GAROTA DA SALA AO LADO

POR MOLLERO TOMÉ

Conto

Todo início do ano escolar, o menino tinha um ritual.

De boa aparência, mas muito convencido e certo de que era o maior. No pátio a procura por rostos conhecidos, os que moravam na mesma vila era algo normal.

Na classe, no fundo da sala olhava as garotas, uma por uma, de baixo para cima, a mais bonita era a ideal.

Naqueles dias de grupo escolar as paqueras e namoros resumiam-se a sentarem juntos no recreio, um grudar de lábios era algo anormal.

Ano após ano as classes eram formadas de acordo com o desempenho individual.

Uma nova menina era escolhida, mesmo que a menina do ano anterior estivesse na mesma sala do ano atual.

Tudo passa e a primeira mudança de escola era regimental.

Hora do adeus aos primeiros amigos de infância, chegava a hora do nível ginásial. Outra vila na cidade, sozinho no transporte público trouxe um ar de liberdade e independência sem igual.

As paqueras e namoros também haviam progredido, agora com ciências e geografia no calendário anual.

O misturar as idades, nos intervalos, para os mais novos observar os mais velhos era pontual.

Foi quando os beijos encontraram as línguas, as mãos aprenderam a conhecer o contorno sensual.

Garotos e garotas conquistando a adolescência, para alguns difícil era segurar a ansiedade emocional.

Outro fim de ciclo chegava, era a hora de encarar o temível curso colegial.

O horário noturno aboliu a regra de estar em casa antes do escurecer geral.

A cidade decidiu reunir em uma escola, alunos de todas as escolas para cursar o segundo grau.

Centenas de rostos novos em um prédio recém-inaugurado trazendo o acaso de forma casual.

Chegando um pouco mais cedo, procurando no quadro de avisos a sala a onde estudaria, esqueceu-se do convencional.

Cativado por aquele dedo esticado deslizando pela lista de nomes fixada no quadro, notou uma garota nada tradicional.

Por instinto focou seus olhos nela até ela desaparecer entre a centena de alunos pelo corredor transversal.

Localizou-se e no caminhar esperava encontrar aquela garota, na sala não se preocupou com a mais bonita, descartando o ritual.

O pensamento era conhecer aquela que olhando a lista de nomes no quadro de avisos parecia ser a garota ideal.

Não estava na mesma sala e só no primeiro intervalo é que a viu no mesmo pavilhão, algo magistral.

Próximo de três novos amigos conversando, durante o intervalo mantendo o olhar fixo na garota até o final.

Todos retornando para as salas e ela passou por ele entrando na sala ao lado, fazendo-o crer que a distância seria algo superficial.

Não descobriu muito mais que isso e no caminho para casa pensando naquela, que seria mais alguns dias só “a garota da sala ao lado” de maneira natural.

A garota da sala ao lado

Não veio para ser igual

Ela instaurou o paradoxo.

A garota da sala ao lado

Veio quebrar o paradigma

Criando esse enigma

Totalmente pessoal

Oculto, místico e complexo.

Na mesma semana, os olhares acabaram se encontrando, até mesmo um “oi” achou espaço ao cruzar pelo corredor, o desejado tornou-se real.

Através de amigos dos amigos que por amigos se conheceram oficialmente, mas ele já sabia o nome dela de forma extraoficial.

Perdeu o sentido aquele conceito passado e ultrapassado tornou-se banal.

Evoluiu seu conceito, do olhar antes restrito para um olhar universal.

Ela não era a menina mais bonita da sala dele, nem da sala dela, alias nem mais bonita da escola e nem a mais gostosa,

alias não era a que melhor se vestia também, mas era uma garota fenomenal. Tinha um andar meio que rebelde disfarçado em calma, intensa, inquieta e um olhar que era pura poesia, quase angelical.

Aqueles olhos castanhos escuro, quase pretos, que traziam um brilho único, como se feitos para conquistar o mundo foi se aproximando feito um vendaval.

Não demorou muito para começarem a conversar, na maioria das vezes em roda com amigos, porém uma conversa discreta entre os dois já não era algo eventual.

Não se sabe ao certo ou o porquê os olhos deles se alegravam quando se cruzavam, fazendo sorrir os lábios de maneira informal.

Também não se sabe quem começou, mas de mãos em mãos, os pedacinhos de papel passavam por entre as brechas nas paredes de madeira que dividiam as salas de um jeito especial.

Poesias, palavras de carinho, pensamentos, gostos musicas e coisas do dia a dia escritas de forma coloquial.

Internamente estavam ficando próximos mesmo distantes, tinham um olhar igual.

Externamente eles estavam ligados a grupos diferentes, frequentando lugares diferentes, conhecendo pessoas diferentes de modo desigual.

O bem querer sempre presente, não impostava as risadas dos amigos pela troca de bilhetinhos, sentiam essa magia de crianças, como algo surreal.

O ciclo não estava terminado e apareceu uma mudança estrutural.

Os governantes chegaram à conclusão que não havia dado certo a experiência de juntar todas as escolas em uma e voltaram ao que pensavam ser funcional. O fim seria assim, ele para uma escola e ela para outra, como ordenava o decreto estadual.

Na ultima semana de aula, o ultimo bilhetinho chega dizendo que não daria para os dois namorem legal.

Antes do fim do ano, ela propôs que um beijo de despedida seria essencial.

Um consenso na confusão o fez não responder de forma proposital.

Se for para ser, ele queria que fosse sensacional.

Ultimo intervalo de aulas, a turma foi sentar nos degraus da quadra, a noite de lua cheia, todos conversando, se despedindo e levantando ao toque do sinal.

Segurando a mão dela e disse bem baixinho, chegou o momento ideal.

Assim que todos os amigos se afastaram, sob o luar se entregaram ao beijo apaixonado.

Ao terminar, uma troca de olhar doce e sorrisos de felicidade, sabiam que seria o primeiro, ultimo e único, seguiriam caminhos diferentes felizes com esse final.

Caminhando lado a lado, nenhum comentário sobre o acontecido, cada um decidiu guardar para si o que sentiu, mantendo isso em segredo pessoal.

Anos e anos se passaram e até onde se sabe, nunca estiveram no mesmo tempo no mesmo local.

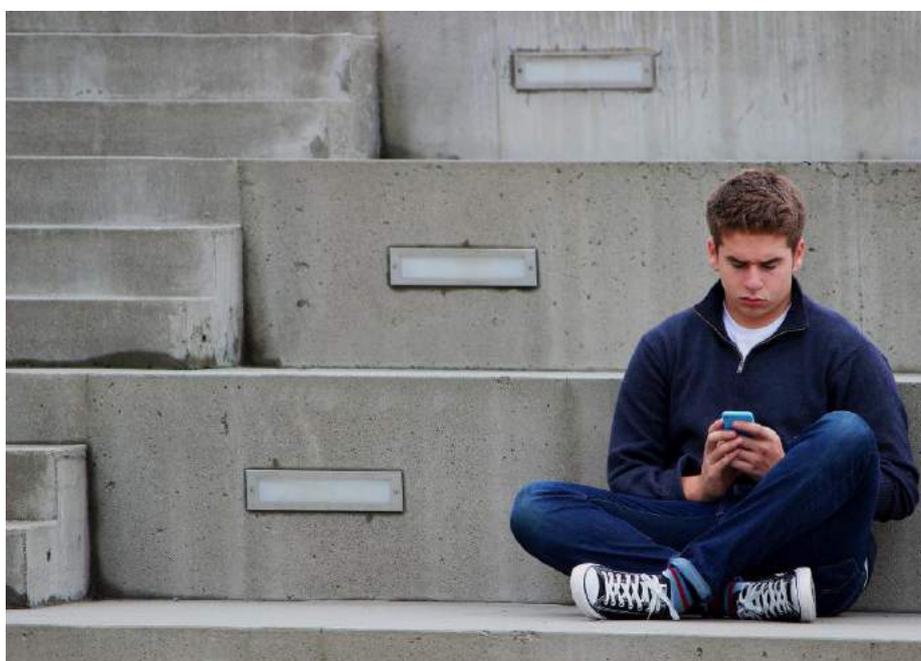
Surgiram às redes sociais, os telefones celulares, a comunicação instantânea, trabalho online e até a vida virtual.

Nenhuma força do universo fez aquele garoto que, costumava a procurar pela menina mais bonita da classe reencontrar com a garota da sala ao lado na vida real.

Ficando esse pequeno conto como a única prova existencial.

Então é isso, todos nós temos um Ex, que depois de algum tempo se supera, já aqueles romancezinhos, que sempre foram rodeados de aconchego, de carinho, mas que por algum motivo, não se tornaram namoro, continuam em algum canto da mente.

Só tenha cuidado ao pensar em tentar reviver o passado no presente, lembre-se de que nada é igual, somente a lembrança inocente torna-se imortal.



Mollero Tomé é o pseudônimo de Roberto Molero nascido em 1960 na cidade de Santo André em SP, filho de um Pedreiro e uma tecelã, teve uma infância discreta na classe media andreense, estudando sempre em escolas publicas. Técnico em Comércio, iniciou sua vida profissional aos 18 anos, atuando em empresas da região do Grande ABC nas áreas de Produção, Manutenção, Qualidade e Projetos Avançados, desde que se afastou das atividades nas indústrias, dedicou-se a recuperar as paixões de adolescência, fotografia, escrever histórias e poemas.

Contato:

Instagram: @rmollero

E-mail: rmollero@hotmail.com



NO MEIO DO ESTRANHO

POR EDILSON DO ROSÁRIO JORGE DE NGUNZA

Conto

O sol estava quente, a terra vermelha e muita poeira no ar, o jogo das crianças tinha parado, o Kinda até cheirava calor, àquela catinga bem forte de cortar as narinas saídas de um sovaco ainda miúdo e sem grandes experiências nos campos dos desodorizantes e perfumes, mas, o que importava agora era ganhar á corrida que estava prestes a começar, ele não podia ser vencido por um miúdo clarinho ou que lá! A poeira, o sabor de terra batida e vermelha entrava agora nas suas narinas grandes.

— Um, dois, três... partida!!!

Á miudagem começou a gritar eufórica, a corrida começou e a rua ganhou vida nos gritos fortes das crianças descalças e

fortes que aplaudiam, miúdos de todas as formas e tamanhos, as suas silhuetas mostravam bem a personalidade dos seus pais.

Lindinho de óculos e calções engomado era filho do Pastor Amadeu da Igreja do nosso senhor Jesus Cristo da Misericórdia com os pobres de África que foram esquecidos pelo ocidente, a menina que estava a saltar por trás dele era a Manita, de cuecas, descalça, e toda empoeirada, era filha da Celma do Copo, seu apelido por beber como um elefante, não sabia quem era o pai da filha e já estava novamente grávida de alguém que ela procurava o rosto todas as noites na solidão da sua cama, porque o que vinha na sua consciência era apenas a frase — *me*

chame de I love you novamente! O rosto do homem não aparecia.

— Corre, zagaia!!! – A corrida continuava...

Kota Pedro da Cantina prestou atenção e entrou na corrida dos miúdos ali no pátio com a sua imaginação que correu até a sua velha infância quando corria nas aulas de educação física, ganhava sempre, até que um dia os colegas fartos da sua velocidade resolveram esperar por ele na rua da Padaria, de tarde – *queremos saber o tens para correres tanto!*

Pedro disse-lhes que não tinha nada, mas, um dos rapazes disse que tinha ouvido que ele esfregava óleo vegetal entre as nádegas, e lá despiram o coitado do campeão para verificar a acusação, nesta, devido as grandes nádegas que possuía o gordinho do Pedro, tinha as nádegas todas transpiradas o que ficou como prova que esfregava de facto óleo vegetal.

Foi proibido de voltar a ganhar as corridas na escola, velho N'gando, que tinha alcunha de feiticeiro, abriu mais os olhos para ver a corrida dos miúdos, quando o loirinho ganhava terreno e deixava devagar o resto de miúdos para gritos da miudagem que não contava que ele fosse chegar tão longe.

— Quilombo corre, quilombo!!!

E ele loiro, forte, era apenas mais uma criança mostrando sua energia, a cor da pele não é nada em questões de saúde.

— Quilombo corre!!!

Estes gritos eram agora a sua energia, e corria, sua mãe estava a coser uma renda com uma agulha bem grande, quando ouviu lá fora os gritos...

— Quilombo!

Seu filho já tinha enfrentado muitos insultos destes miúdos, ela mesma já tinha lutado e ofendido muita gente,

cabrões com seus preconceitos nojentos, então gente que anda come e morre como eles, só porque tem cor diferente é male?

Quando ela estava grávida foi mimada e querida pelo marido e familiares, até o dia que deu a luz a um menino albino e a sua provação começou, em algumas tribos de África os albinos não são queridos, o marido negou ser o pai daquela criança e saiu de casa com este pretexto, ela mesma ficou triste quando lhe foi entregue pela enfermeira, aquela criança nos braços.

O menino ficava deitado sozinho na esteira sem ninguém para cuida-lo, quem queria pegar um bebe com pequenas feridas e de cor estranha! Não era amamentado devidamente e passava o dia ali atirado debaixo de uma árvore no quintal a chorar e dormir o pequeno Bino como é chamado. Num dia de festa no bairro, a mãe deixou-lhe a dormir na sua velha esteira suja ali no chão do quintal depois de lhe dar a chucha em forma de jejum e foi farrar, á noite caiu, a chuva chegou, o menino chorava e engolia toda aquela água e os salpicos de terra, a sua mãe dançava e queria esquecer-se dele, mas o grito de mãe chamou o seu coração e mesmo meio embriagada, sentia o seu coração a acusar, doía e doía, o seu filho não tinha culpa de nascer albino. Abandonou a festa e correu para casa em busca do seu bebe.

Quando chegou ao meio de toda aquela água, o bebe não estava, procurou aflita entre as imbambas e o menino não apareceu até de madrugada, a água corria em direcção ao rio, ela andou suja e maluca de cima para baixo, enfrentou a lama a procura do pequeno Albino que podia estar enterrado em qualquer lugar,

e nada do menino. Duas semanas corridas e de sofrimento deixaram-na de rastos, a porta ficava aberta de casa e ela dormia debaixo da árvore na mesma esteira aonde antes deixava o filho, ouviu a voz de uma mulher atrás de si no quintal, virou-se, e ela trazia uma criança nos braços, sim, era o seu filho, salvo e acolhido...

Levantou-se com a agulha nas mãos e foi furiosa até a janela, haver quem era o desgraçado desta vez que insultava o seu tesouro.

— Quilombo!!!

Era o seu filho que corria no aplauso da multidão, o bairro estava movimentado e o herói era o seu filho, aquele grito não era ofensa não senhora! Era força e vitória ao seu filho.

— Quilombo!!!

A meta estava a chegar, seu coração pululava de alegria, seu pé de criança marcava o solo de terra batida, a malta gritava e alguns davam pinos de alegria e sua mãe gritou na janela eufórica.

— Corre Binooo!!!

Sua cabeça calmamente virou em direção àquela voz que no meio de muitas fez diferença, e viu sua mãe em pé na janela e feliz a torcer por ele, até a professora Tina gritava, todo bairro chamava por ele, sentiu-se alegre, sorriu, mas, as pessoas todas calaram ao ver o seu sorriso!..

Sentado calado frente a mãe, sujo e transpirado a comer uma banana, tinha saído em segundo lugar por uma distração, e sua mãe orgulhosa vendo seu herói, acabava de coser mais um calção de pano para ele.



EDILSON DO ROSÁRIO JORGE DE NGUNZA, Pseudônimo Literário de ROSÁRIO NGUNZA, nasceu na cidade do Sumbe, província do Kuanza Sul, em 20 de Abril de 1983. Residente em Luanda-Angola. Cursa o 3º ano de Direito da Universidade Lusíadas de Angola, com Diploma de extensão Universitária em Comunicação e publicidade pela Universidade Católica Pontifícia do Rio Grande do Sul PUCRS-ALAP. É técnico em Teatro, Eventos e Produção pelo Ministério da Cultura de Angola. Formação em Gestão e Psicologia do Desenvolvimento pela J.E.C.A – Juventude Estudante Católica de Angola; em Escrita Criativa; Televisão e Realização Cinematográfica pelo IACAM – Instituto Angolano do cinema

Audiovisual e multimédia; e, em Gestão Bancária, finanças e atendimento – O.F.C – Odete Fachada Consultores. Fundou e foi Diretor artístico do colectivo de artes cénicas PICANTES-TEATRO, com destaque nas Obras (O VELHO ANTONIO, A IDADE DA PUBERDADE, DE TRAS PARA FRENTE, O REI DO NADA ...). Escreveu e apresentou o programa radiofónico NA MAIOR- Radio Kuanza Sul. Fundou e Dirige a agência de Publicidade, Marketing e Soluções Gráficas – MARIJANA LDA. Participou do Festival Mundial de Publicidade e Marketing em Gramado Brasil pela ALAP – Associação Latino Americano de Publicidade. É membro da U.N.A.C – União Nacional de Artistas e Compositores de Angola Escreveu e produz as Conferencias anuais INSPIRATE- Conferências de Treinamento Motivacional. Realizou e escreveu os filmes: DIMA E A CASA DOS RAPAZES (MongTV) e SOFIA E O MAR; Documentário PICANTES 11 ANOS (Gil produções). Foi homenageado pela liderança e desenvolvimento do teatro convencional no Kuanza Sul pela APROTK- Associação provincial de teatro do Kuanza Sul. Recebeu o Prémio revelação no Festival Internacional de Teatro do Casenga com a Obra: A AGUA DA HÁ, da sua autoria. Foi Director da Companhia MULEMBEIRA TEATRO da fundação Amigos da Cultura, aonde montou e escreveu o espetáculo: LUANDA DESTINO. Foi dirigente e formador da companhia GLOBO NGUNZA referencia dos espetáculos que escreveu: A QUEDA DO AVIÃO; O PAÍS QUE NASCEU MEU PAI; HOMENS E MULHERES. Publicou na Coletânea Afro-brasileira CADERNOS NEGROS vol. 30 - QUILOMBO editora os seguintes contos: MARIA RAPAZ; O JACARÉ VELHO; NA NOITE DO TIC TAC – contos que serviram de dissertação e estudo do mestrado em Letras, pela Universidade de Marília-UNIMAR, do doutorando José Flávio da Paz, professor da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Participou do I Simpósio Nacional sobre a Historia de Angola. Publicou o romance O HERDEIRO pela Viana Editora. Foi Coordenador (Guia Principal) da organização de pioneiro Agostinho Neto (O.P.A), participando em diversos acampamentos nacionais. Idealizou e coproduziu o Movimento Nacional de Teatro em Benguela (Acampamento que reuniu grupos de todas as províncias de Angola).



O MENINO E A CONCHA

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

Muitas pessoas viviam em conchas. Cada qual com suas razões — justificadas ou não — isolavam-se em meio à multidão e, até, perante a própria família. Saíam muito cedo e retornavam muito tarde. Por vezes, até nos finais de semana não se encontravam presentes a pretexto de fazer hora extra a fim de proporcionar melhores condições de vida àqueles que dele dependiam.

— Os fins justificam os meios! — argumentavam.

Paulo Moraes Yoshida era uma dessas pessoas. Casado, pai de um filho de oito anos. Passava a maior parte do tempo ausente de casa. Trabalhando, dizia, mas tanto ele quanto a própria

esposa sabia que, para além do horário regular de serviço, corria para os braços da amante: sua patroa. Inclusive nos finais de semana. A única verdade nisso era a de que, sim, desse jeito ele conseguira um aumento de salário e, materialmente pelo menos, proporcionava um conforto que estava longe de saciar o espírito daqueles a quem deveria amar.

"Os fins justificam os meios", era o que dizia para si.

Fazia pensar em certos políticos que utilizavam-se dos métodos mais sórdidos a fim de atingir seus objetivos ou em seus partidários que aplaudiam tais atitudes fosse por interesse próprio ou por haverem se submetidos à lavagem

cerebral, a qual resumia-se na substituição do cérebro por lavagem.

A esposa, Giovanna de Almeida Yoshida, tolerava isso, pois, tendo perdido o emprego — não por acaso na mesma empresa em que Paulo trabalhava —, por ora era completamente dependente do dinheiro que, bem ou mal, ele trazia para dentro de casa. Mas continuava a procurar serviço, a enviar currículos não obstante a crise e, eventualmente, dar-lhe-ia o merecido troco e àquela ordinária metida a grã-fina que despediu-a a fim de roubar-lhe o marido.

— Bobagem — corrigia-se, magoada. — Ninguém rouba o coração de alguém a menos que esse alguém queira ser roubado.

O pequeno Eduardo Yoshida, o filho, era um garoto mirrado, inseguro e tímido. Gostava de caminhar de manhã ou à tarde pela praia a cata de conchas ou apenas molhar os pés na água do mar.

Sua mãe descendia de italianos e portugueses, já o pai vinha de mãe portuguesa e pai japonês. Assim, Eduardo era um mestiço cujos traços pouco herdaram da ascendência nipônica. Isso não deixava de ser curioso pois, se casasse futuramente com alguém sem sangue oriental, seus filhos teriam traços completamente ocidentais, mas herdando o sobrenome japonês.

Sim, morar próximo ao litoral era um luxo para Paulo Moraes Yoshida e sua família, um bônus para Giovanna e Eduardo por cederem Paulo à amante na maior parte do tempo. E também um jeito de mantê-los distantes da empresa na capital onde, no escritório requintado

da patroa, Paulo prestava outros serviços fora do expediente não relacionados ao seu cargo.

Essas questões mundanas não faziam parte do universo do pequeno Eduardo. Tudo o que ele sentia era um vazio dentro do peito. O pai tornara-se mais uma figura mítica do que de carne e osso. A mãe, por seu turno, transformara-se numa pessoa amarga a chafurdar num poço de rancor contra tudo e todos. Eduardo sequer se lembrava de quando os vira juntos pela última vez, sorrindo um para o outro, compartilhando a mesma cama. Mas esse tempo existira e, nas profundezas da memória do menino, tornara-se uma espécie de conto de fada.

Sendo filho único e sem amigos, Eduardo tinha como única regalia poder andar pela orla de manhã. E ele o fazia prazerosamente. A enormidade de vazio no mar e no céu substituíam durante um certo intervalo de tempo aquele vácuo que ele trazia dentro de si. Não saberia dizer se isso era bom ou ruim, mas driblava um pouco seus pensamentos, evitando que focasse constantemente no pai e o quanto a ausência deste fazia-lhe falta. Ainda podia se recordar do tempo em que eles divertiam-se assistindo televisão na sala, ou quando Paulo explicava algo sobre a natureza como um mestre revelando os mistérios do universo ao seu discípulo. Numa ocasião, visitando um museu, explicara a Eduardo a natureza dos fósseis, conforme lera em um livro.

— Veja, Edu. Está vendo aqui, como aparecem várias camadas?

— Estou — respondera o menino.

— Um dia, esse peixe morreu e foi até o fundo do lago, na lama. Pouco a pouco, seu corpo foi sendo coberto por

mais e mais camadas de lama até ficar todo enterrado. Então, depois de muito e muito tempo, o lago secou e a lama endureceu até transformar-se em pedra.

— Depois de dez anos?

Para Eduardo, uma década representava um tempo enorme, quase infinito.

O pai sorria. E fora radioso de ver, pois fora para ele, Eduardo, que Paulo sorria.

— Muito mais, filho, muito, muito e muitíssimo mais.

— Nossa! — exclamara, arregalando os olhos. — Vinte anos...

E o pai rira.

E Eduardo rira também, contente, embora sem compreender a razão.

Em uma dessas manhãs, o pequeno Eduardo encontrou uma concha enorme.

Não tinha como ele saber, mas o nome científico do molusco era *Charonia variegata*. A concha devia ter sido trazida do fundo do mar, bem fundo, pela tempestade que, à noite, abatera-se sobre a cidade. Todavia, não fora uma correnteza qualquer, mas algo excepcionalmente forte. Tremendo golpe de sorte que ninguém mais a tivesse observado. Alguns diriam destino. Era robusta e pesada, quase do tamanho da cabeça do menino.

Eduardo ficou maravilhado. Quase feliz. Só vira algo comparável numa loja de artesanato no cruzamento da entrada velha da cidade, perto de um posto de gasolina. Ah, como queria que o pai estivesse ao seu lado agora a fim de mostrar seu achado para ele! Ficariam eufóricos. Eduardo ganharia uns tapinhas

nas costas, talvez um abraço, e Paulo, certamente, contaria alguma história empolgante que tivesse a concha por protagonista. Talvez falasse de cidades afundadas, corsários, polvos gigantes ou criaturas medonhas que emitiam luz própria. Era o seu jeito de explicar o mundo — ao contrário da mãe, mais pé no chão — e o pequeno Eduardo Yoshida adorava isso.

Mas o pai encontrava-se longe e suas histórias perderam-se séculos atrás feito poemas escritos na areia do mar.

O menino suspirou. Com todo cuidado, usando ambas as mãos, aproximou a enorme concha do ouvido esquerdo. O rosto miúdo abriu-se num sorriso. Escutou nitidamente o som do mar, o mesmo mar de águas azuis que se desenrolava diante dele: as ondas, a espuma, a areia molhada, a brisa, o odor de maresia, as gaiotas rente à superfície, as ilhas próximas e o horizonte lá distante. Sim, era esse o som. Era alto e profundo como se viesse do fundo de uma gruta. O som de algo imenso e, ao mesmo tempo, vazio. Um imenso vazio. O sorriso morreu.

Num dos raros dias em que conseguiu ver o pai, o pequeno Eduardo correu ao seu encontro todo feliz e ansioso por falar sobre a concha.

Porém, antes que o menino pudesse abrir a boca, Paulo Moraes Yoshida veio informar que teriam de mudar de casa. Sem jeito, contou que a empresa estava deslocando a sua sede para uma grande cidade do interior e ele fora promovido.

— E quanto a sua chefe? — indagou a esposa sem esconder o desprezo.

Paulo relutou, todavia, respondeu à mulher:

— Ela será a vice-presidente. Eu serei um dos diretores.

— Por que será que eu não estou surpresa — retrucou Giovanna, virando-lhe as costas.

Eduardo, sem compreender o que estava acontecendo, exceto pela animosidade entre os pais, cujo sentimento estava familiarizado, aproximou-se de Paulo e, com olhar suplicante, pediu:

— Não dá pra gente ficar, pai?

O menino adorava o mar.

Paulo sentiu essa punhalada em seu coração, porém, ele sabia que colocara tudo a perder fazia muito tempo. Somente não tivera coragem de assumir, pois, assim, perderia o filho para sempre. Apesar de inepto em demonstrar, ele amava o garoto.

— Pense bem, meu anjinho — dissera-lhe a amante. — Não estou pedindo para abandonar a sua família. Eu poderia, mas não estou. Sou boazinha, está vendo? Só quero que você venha comigo. Será um dos diretores da junta... Diretor! Sabe o quanto isso representará em prestígio e aumento na sua conta bancária? Comprará muitos brinquedos para o seu pimpolho. Até um vestido de grife para a sua mulherzinha. Mas, se não vier, sequer um emprego terá e, pessoalmente, cuidarei para que seja muito difícil arranjar outro. Não será pior, anjinho?

Paulo não soube dizer exatamente quando o desejo transformara-se em obrigação e, depois, em tortura, entretanto, estava ciente de que fizera-o

por espontânea vontade e, agora, merecia os frutos colhidos. Também sabia que, eventualmente, seria chutado tão logo a diversão deixasse de ter graça e ela arrumasse um substituto mais aprazível.

"Mas minha família não merece... Que tipo de marido e pai eu sou!"

Eduardo ainda esperava uma resposta.

— Infelizmente, não dá, filho. Preciso trabalhar...

"Preciso trabalhar" era uma frase taxativa. Eduardo sabia ser inútil rebater. O principal argumento era o de que, sem trabalho, eles não teriam o que comer. Algum tempo atrás, Eduardo pensara que, se levasse um, dois ou três dias inteiros para morrer de fome, pelo menos seria um tempo muito maior ao lado do seu pai do que ele costumava ter em meses... Valeria a pena. Mas isso fora no passado.

O mar dentro de sua concha seria a única recordação que levaria da praia, dos passeios solitários, do vento em seu rosto, da chuva a molhar os rochedos, da água em seus pés, do céu, das ondas.

Era um pequeno apartamento.

Não havia céu.

Não havia vento.

Não havia horizonte.

Não havia o seu oceano.

— Aqui? — perguntou baixinho Eduardo, mas não se dirigiu a ninguém.

Foi até a sacada e, através das grades, observou os edifícios, as casas, os veículos que não cessavam de passar pelas ruas e avenidas. Poucas árvores destacavam-se em meio ao concreto e asfalto. O céu era cinzento. O ar fedia. Não havia pássaros.

Aquilo era o seu novo lar?
Assemelhava-se mais a um
aquário.

— Quanto tempo ficaremos aqui,
mãe?

Giovanna, igualmente
desconsolada, refletiu antes de responder.

Em algum lugar, alguém ouvia
funk a todo volume.

Ela respondeu:

— O quanto menos, melhor.

E foi para o computador enviar
mais currículos.

No carnaval, foi aquela baderna.

Eduardo Yoshida ficou assustado.
Não estava habituado.

Pessoas gargalhando e gritando
feito alucinadas, fogos de artifício,
buzinas, músicas horrorosas com letras
piores ainda, um clima de orgia, de final
de mundo.

Eduardo tapava os ouvidos,
porém, era inútil. Como sentia falta da
praia!

Depois de terminada toda aquela
bagunça de multidões se atropelando,
bêbados caindo e mulheres quase
despidas, os noticiários passaram a
veicular notícias sobre um novo vírus
surgido no Oriente e que se espalhara
rapidamente pela Europa, Oriente
Médio, África, Austrália e atingira
também as Américas. A princípio sem
estardalhaço, ocupando notas de rodapé.
Pouco a pouco, porém, tomou um
espaço cada vez maior nos jornais e
noticiários. Após algum tempo, governos
de vários estados decretaram quarentena,
obrigando a maioria dos
estabelecimentos comerciais a fecharem.

— Por que a gente não pode ir
para fora? — perguntou o pequeno
Eduardo.

— Por que não — respondeu
Giovanna, impaciente.

— E o pai?

— Ele também está de
quarentena, junto daquela vagab...

— Do quê?

— Ele não pode vir, tá bom?

Havia respostas que nada
respondiam e somente fazia do mundo
um lugar incerto, desconfortável e um
tanto assustador.

Eduardo, acostumado a ficar
sozinho e ser sozinho, passava o tempo
entre seus brinquedos e, principalmente,
de ouvido colado à concha onde,
melancolicamente, punha-se a lembrar do
mar e da saudade daquelas areias brancas
e o burburinho das ondas. Sua mãe, pelo
contrário, não nutria simpatia alguma
pelo litoral. Vivia sempre reclamando, do
mofo, da umidade e, ultimamente, da
orda de turistas que vinha da periferia da
capital para fazer baderna na baixada.

— Bando de ogros! —
resmungava.

Assim, Eduardo nutria pouca
esperança de que, saindo do "aquário",
retonasse para a praia.

Evitava de ouvir a concha perto de
Giovanna a fim de não irritá-la, mas
ficava com o ouvido colado nela sempre
que podia.

Então, sentia como se tivesse
voltado.

O som do mar.

Os coqueirais.

As gaivotas.

As nuvens.

Um dia, ele deixou a concha cair
ao chão. Arregalou os olhos num
lampejo desesperado, achando que seu

único vínculo com o oceano estava perdido. Contudo, milagrosamente, a *Charonia variegata* continuou intacta. Foi um autêntico milagre, pois ela quicara algumas vezes. Era impossível de crer, mas sim, a concha não se quebrara. O pequeno Eduardo correu para o seu quarto, abraçado a ela, deitando-se na cama e pondo-se a escutar o interior profundo da espiral de calcário.

Foi quando sentiu um calor dentro de si.

Tossiu e o seu corpo arrepiou-se.

A cabeça começou a doer.

E, bem lá no fundo...

... ouviu o mar.

O pequeno Eduardo Yoshida caiu doente.

— A pandemia! — gritou Giovanna.

A febre não abandonava o menino.

Era um caso excepcional, pois, segundo constava, a enfermidade vinha acometendo principalmente idosos e pessoas com a saúde debilitada.

Eduardo, embora retraído e franzino, até então gozava de boa saúde. E era bastante jovem.

Por que a doença o escolhera?

Contradições, manobras políticas e inépcia fomentaram o caos social. Fora proibida a abertura do pequeno comércio sob a alegação de evitar-se o contágio através de aglomerações, não obstante, permitiram a realização do carnaval com milhões de foliões alienados, inclusive turistas estrangeiros; e as redes de supermercados puderam continuar abertas, significando que os fregueses esparsos das pequenas mercearias que

nestas não puderam comprar, juntaram-se aos clientes habituais daquelas. Não tinha sentido, a menos que a intenção fosse levar a falência as microempresas e enriquecer ainda mais os grandes empresários que, de resto, poderiam incluir políticos e apadrinhados. As praias foram vetadas ao público e, quem fosse apanhado caminhando nelas, seria preso; todavia, estavam soltando presos sob o argumento de diminuir a propagação da pandemia nos cárceres... o que levaria a um aumento de criminalidade nas ruas. Por outro lado, programavam o fim da quarentena justamente para o período em que os especialistas acreditavam ser o pico da pandemia. Nesses desencontros, produtos tinham seus valores duplicados, revelando ainda um dos vários sintomas de uma sociedade doente e corrompida. Teóricos da conspiração e alimentadores de boatos falavam de uma estratégia comunista, posto que o vírus surgira na China e este país vinha se infiltrando mais e mais no setor econômico internacional e nacional, para não mencionar seu recente avanço perante às redes de televisão brasileiras. De concreto, somente sinais isolados de uma pernicioso sinofobia, como se os próprios chineses já não houvessem sofrido o suficiente nas mãos de seus sucessivos governantes.

Para Giovanna de Almeida Yoshida, tudo o que interessava era o seu filho.

Os postos de saúde e hospitais abarrotaram-se de enfermos e não conseguiam dar conta. Médicos e enfermeiros também se contaminavam, alguns morriam.

Giovanna foi intimada a permanecer no apartamento. Em desespero, telefonou para o marido.

— Nosso filho está muito ruim.

— Mas eu não posso sair! Eu...

— Venha vê-lo, seu maldito! Ou juro que irei à polícia, à imprensa, na porta de sua firma e armarei o maior barraco sobre você e essa vaca que te tem na coleira. Contarei todos os seus podres nas redes sociais e farei você desejar o inferno. Vem logo, desgraçado!

E desligou, sem esperar a resposta.

O pequeno Eduardo piorou.

Quando Paulo apareceu, pálido feito lençol, o garoto fora internado em isolamento, acessível apenas através de um vidro.

— E a vagabunda? — inquiriu Giovanna, usando uma máscara cirúrgica.

Paulo, lágrimas nos olhos e atento ao filho que respirava com dificuldade, balbuciou:

— Terminei... Enfim, acabou. Perdi o emprego.

— E isso é trágico, não é? — disse a mulher, sarcástica em seu atoleiro de desespero. — Não é?

Observando o menino acenar do outro lado, o pai que sequer conseguira abraçar o garoto, disse:

— Mereço todo o seu ódio e poderá descarregá-lo o quanto quiser depois. A tragédia de fato está ali, no leito, e na importância dos momentos que perdi por não ter estado ao lado dele em troca de tão pouco. Vamos nos concentrar nele?

Ela não respondeu, mantendo uma certa distância.

Foi num final de semana, às vésperas do término da quarentena, que o pequeno Eduardo faleceu.

Os pais não puderam dizer adeus e foram proibidos de aproximarem-se do corpo que, imediatamente, foi levado para o necrotério em caixão lacrado. Os familiares tiveram apenas cerca de dez minutos para a cerimônia de sepultamento. Foram os menos desafortunados. Em outros países, os corpos eram imediatamente cremados e a família só recebia as cinzas ao final.

Nesses poucos e tumultuados dias, Paulo reavaliou o valor das coisas e as coisas de valor. Sabia ser tarde demais, pois perdera literalmente tudo.

Contrariando as determinações das autoridades, apanhou a concha tão querida do menino. E, num impulso, levou-a ao ouvido. Dentro dela, escutou nitidamente o som do "mar". A lógica de sua mente sabia não passar de um efeito de ressonância, todavia, tratou de enviar a lógica para o diabo que a carregasse. Ficou ouvindo e ouvindo, recordando-se das poucas vezes que estivera ao lado do filho e o sorriso deste enquanto caminhavam ou Paulo contava-lhe alguma história que, na hora, inventara.

— O quê?...

Subitamente, mais ao fundo daquele som, Paulo teve a impressão de escutar algo mais.

Apurou o ouvido.

Sim...

E, de lá do fundo, bem no fundo, ele ouviu uma risada.

— Não poder ser!

Era Eduardo.

Assustado, deixou cair a concha a qual, imediatamente, espatifou-se em um milhão de pedaços.

Assim, o pequeno Eduardo livrou-se da moléstia e retornou ao oceano que tanto amava.

Muitas pessoas viviam em conchas...

... poucas faziam-no literalmente.

Eduardo foi uma delas.

Giovanna de Almeida foi aprovada em um concurso público. Ela e Paulo divorciaram-se. Paulo Moraes Yoshida, desempregado, refugiou-se na casa da mãe, passando mais tempo a beber no

botequim da esquina do que em procurar biscates para sobreviver. Sua ex-amante, eventualmente, chegou à presidência da empresa, mantendo um rapaz com metade de sua idade.

Nesse ínterim e nos meses que se seguiram, não obstante o otimismo do governo, a pandemia prosseguiu sua devastação.

Biografia:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

Obs: Informações: *Google, Uiclap, Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br



SUCCUBBUS

POR B. B. JENITEZ

Da Wikipedia:

No campo da medicina, existe a crença de que as histórias relacionadas a encontros com súcubos têm semelhanças com o fenômeno contemporâneo de pessoas relatando abduções por alienígenas, que foi atribuído à condição conhecida como paralisia do sono. Portanto, sugere-se que relatos históricos de pessoas que vivenciaram encontros com súcubos podem ter sido sintomas de paralisia do sono, com a alucinação das ditas criaturas vindo de sua cultura contemporânea. Além disso, a experiência de emissões noturnas ou "sonhos molhados" pode explicar o aspecto sexual do fenômeno.

Conto

Angélica era um súcubo do bem, ou pelo menos ela acreditava nisso. Três ou quatro vezes por semana, visitava B. B. Jenitez em seus sonhos, onde realizava os atos sexuais usuais para um súcubo, extraíndo um pouco de energia mental do sonhador a fim de renovar suas próprias energias. Angélica achava que isto estava correto,

afinal o que é um pouco de energia em troca de um sonho molhado com sexo extasiante?

É verdade que ela não pedia permissão para visitar Jenitez. Mas dado que haviam namorado mais de três anos e mesmo morado oito meses juntos, Angélica achava que isto não era algum tipo de violação ou abuso. Afinal, ela se

lembrava do dia em que Jenitez quis se separar dela, depois de apresentar aquela lista idiota de prós e contras para namorá-la. Com um sorriso angelical, ela rememorou o que aconteceu em seguida: rasgou a lista em pedacinhos olhando nos olhos de Jenitez, pegou na sua mão, levou-o para o seu elegante Logan preto e dirigiu até o motel mais próximo.

Ah sim, também houve o famoso "dia do rapto", como Jenitez reclamava. Ele de novo queria se separar dela (que insistência desarrazoada!) e ela falou que ele precisava assinar urgente um papel no Banco do Brasil, haviam telefonado para isso etc. Colocou-o novamente no automóvel e foram em direção à agência do banco, mas no meio do caminho virou de repente e entrou no (mesmo) motel:

— Não faça escândalo e não saia do carro! Eu já reservei o quarto.

— Angélica, não adianta, eu não te amo e não quero ficar com você!

— Você ama, apenas não sabe disso ainda — disse Angélica, rindo com os dentes muito brancos. — Entre logo no quarto, sem um piul!

— Angélica, vamos apenas conversar, OK — disse Jenitez, um pouco preocupado com a sanidade mental de sua quase ex-namorada.

— OK, apenas conversar... — sorriu Angélica, enquanto se despiu e jogava a camiseta, os shorts, o sutiã e a calcinha no rosto de Jenitez. — E aí, meu bem, ainda quer apenas conversar?

ooOOoo

Angélica, depois de sofrer um acidente automobilístico e se tornar um espírito obsessivo, voltou a visitar Jenitez de noite, dia sim e dia não. No princípio Jenitez ficou surpreso, dado que não amava Angélica, embora sua bunda muito branca sempre o tivesse atraído. Jenitez matutava sobre porque sonhava com Angélica, uma mulher geniosa, muquirana e acumuladora (no sentido psiquiátrico do termo).

Por que sonhar justo com Angélica? Ele se esforçava para sonhar com seu verdadeiro amor, sua atual esposa, Rita Cristina. Mas não funcionava, ele não conseguia controlar aqueles sonhos. Ele não sabia explicar, dado que era ateu e não acreditava em espíritos e muito menos em súcubos. Apenas murmurava baixinho depois daqueles sonhos: — Me perdoe, Rita, meu amor!

Uma coisa podemos dizer de Angélica: era uma namorada muito fiel, nunca visitou outros homens com seu poder de súcubo. Bom, na verdade nunca tentara, parecia que não conseguia ter uma existência além do espaço em torno de Jenitez. Sempre estava ao seu lado, como sua sombra ou anjo da guarda. — Sim — dizia ela para si mesma — sou seu anjo da guarda sexual, afinal me chamo Angélica.

Jenitez estava prestes a procurar um terapeuta, mas estava envergonhado de contar exatamente qual era seu problema. Tinha que ser um da linha cognitivo-comportamental, pois um psicanalista Freudiano diria que todo sonho era a realização de um desejo, logo ele desejava

Angélica. Não, não era verdade, ele desejava Rita! Mas o psicanalista diria que o sonho era uma realização de desejo Freudiano de segunda ordem, ou seja, ele deveria ser masoquista e, portanto, sonhar com Angélica realizava seus desejos fetichistas.

— Psicanálise é uma pseudociência mesmo, como dizia Popper — pensou Jenitez. Mas seu problema era concreto: — Há vários dias não sonho com Angélica, hoje certamente ela vai aparecer no meu sono REM. Ah sim, esqueci de relatar que Jenitez era, neste universo do multiverso, um neurocientista computacional e entendia bastante de cérebro.

E não teve jeito. De noite, entrou em sono REM e Angélica surgiu de repente montada sobre ele. Nua e muito branca. Mas Jenitez havia estudado sobre como tornar seus pesadelos (sim, Angélica era um pesadelo!) em sonhos lúcidos, sonhos conscientes onde se tinha controle sobre o mesmo. Aprendera a técnica com seu amigo Sidarta Ribeiro. Então falou para sua ex-namorada morta:

— Angélica, precisamos conversar!

Angélica levou um susto. Aquilo nunca ocorrera. Jenitez estava como que desperto dentro do próprio sonho.

— Angélica, eu preciso conversar com você, e esclarecer tudo isso — repetiu Jenitez.

— Ah, meu B. B., sorriu Angélica, podemos sim conversar!

— Angélica, você sabe que está morta?

— Mas como estou morta? Você acha que uma morta faz o que fazemos aqui entre quatro paredes?

— Angélica, você morreu faz nove anos. Hoje estou casado com Rita Cristina!

— Claro que não! — respondeu Angélica, surpresa. — Você é meu maridinho e fazemos amor muito gostosinho.

— Não Angélica. Você me obriga a fazer sexo, mas eu não quero, eu não te amo!

— Mas claro que ama! Apenas não sabe disso ainda...

Angélica começou a tentar segurar as mãos de Jenitez contra o colchão, como sempre fazia quando ele estava reticente. Mas naquela vez não conseguiu. Era como se o seu B. B., como ela gostava de chamá-lo, estivesse com uma força de vontade que ela nunca vira. OK, ele podia ser teimoso, mas não podia vencê-la. Ela sabia como seduzi-lo. Então colocou sua testa contra a dele, agarrou ainda mais firme suas mãos, esfregou seu púbis contra o dele iniciando um ritmo alucinante.

Fez mais que isso. Afundou sua testa, entrando em sua cabeça, literalmente. Angélica não percebia que, se estivesse viva, isso não seria possível ou normal. Ela superpôs seu corpo de matéria sutil sobre o cérebro de Jenitez até que suas amídalas cerebrais espirituais tocassem as amídalas materiais de Jenitez. Começou assim a estimular seu sistema límbico, em especial as amídalas basolaterais responsáveis pelo desejo sexual. Não que Angélica entendesse de neurociência, mas entendia de sexo, e aprendera

instintivamente como estimular as amígdalas cerebrais de seu homem.

— Angélica, por favor, não! — exclamou Jenitez, e a empurrou para longe com um gesto brusco. — Chega!

Angélica ficou surpresa. Isso nunca tinha acontecido. Afinal, ela era uma súcubo poderosa. Postando-se em frente de Jenitez, se expôs totalmente, um nu frontal digno de um filme de arte francês. Começou a irradiar uma luz branca, suave, angelical se não fosse tão sexual. Com a mente, foi transformando seu corpo espiritual na forma que tinha com vinte anos de idade, quando era conhecida como a menina mais bonita de Brodowsky-SP.

Mas Jenitez tinha uma carta na manga. Mesmo sofrendo aquela tentação de um corpo jovem, lindo, desejável, Jenitez soube resistir, afinal Angélica era e sempre foi um demônio, não um anjo. Lembrou-se das razões por que se separou dela. Além de muquirana e distímica, Angélica sofria de enxaquecas, ou melhor, de um tipo muito específico de enxaquecas: sempre que tinha um orgasmo, logo em seguida vinham as dores de cabeça. Ou seja, quando faziam sexo e ela não tinha enxaquecas, Jenitez sabia com certeza que ela havia fingido. E se ela tinha as dores de cabeça, isso estragava a noite, pois ela ficava emburrada e desgostosa.

— Angélica, eu posso provar que você está morta!

— Como, meu bem? — disse Angélica, enquanto fazia poses provocantes e sensuais para Jenitez.

— Você não se lembra... das enxaquecas?

— Do que? Angélica começou a avançar para um novo ataque sexual.

— Das dores de cabeça, Angélica! Você não tem mais enxaquecas depois que transamos.

— Ah! — estranhou Angélica, como se uma vaga lembrança aparecesse em seu cérebro espiritual. — Eu... eu... não tenho mais.

— Sim, e me explique essa cura milagrosa! Me explique! Angélica, você está morta, é um espírito. — Jenitez não acreditava em espíritos, mas percebia que tinha que tratar sua fantasia como um ser real, a fim de exorcizá-lo, por assim dizer.

— Claro que não sou. Estou viva e sempre ao seu lado, meu maridinho!

— Sim, pode ser. E não estranha isso? Você ainda é professora de português naquela escolinha? E sua mãe (mais muquirana que ela), como vai?

— Minha mãe? — hesitou Angélica. — A escola...

— Sim, como você se mantém? O que você come? Onde você mora?

— Bom, eu moro com você, afinal você é meu marido. E, eu estou de regime, não ando comendo muito, não.

— OK. E você, por acaso bebe água?

Angélica parou um momento para pensar. Realmente não se lembrava da última vez que bebera algo. Na verdade, ficou surpresa ao constatar que não lembrava muita coisa dos últimos anos, a não ser as deliciosas noites de sexo com seu maridinho. Tudo estava muito nebuloso.

— Angélica, você jogou seu Logan contra um muro, em alta velocidade. Você não se lembra?

— E por que eu faria isso?

— Bom, foi no dia em que te contei que estava apaixonado por Rita.

— Aquela vaca com cabelos escorridos e ridículos? — resmungou Angélica, acariciando seus belos cachos louros. — Impossível.

— Angélica, então olhe! Não para mim, mas para o resto da cama. Olhe aqui, no meu lado direito.

Angélica levou um susto. Nunca tinha percebido isso, mas agora via a tal Rita, deitada ao lado de Jenitez, ressonando em seu pijaminha sem graça.

— Eu... não pode ser. Então Angélica começou a flutuar. Uma luz apareceu, ou melhor, um longo túnel com uma luz brilhante no fim. O túnel a atraía para a luz, e ela de repente não conseguia resistir. Flutuou, entrou no túnel (um wormhole) em direção à luz (um buraco branco).

ooOOoo

Jenitez acordou feliz, sentindo-se liberto de sua obsessão. Foi para a cozinha, onde Rita Cristina já estava preparando o café. Sorriu, sabendo que, de agora em diante, Rita seria a única mulher de sua vida. Não esperava ouvir o que ouviu:

— Você teve mais um daqueles sonhos com a Angélica?

— Angélica?

— Sim, ou você acha que nesses anos todos eu não te ouço falar o nome dela,

quase todas as noites? — disse Rita, com certa frieza no olhar.

— Mas... são apenas sonhos, eu não posso controlar um sonho! — tentou se defender Jenitez.

— Claro que pode. Mas não quer, eu acho que você ainda a ama.

— Mas claro que não. Eu amo você, meu amor!

— Não tenho certeza. Você nunca tirou a Angélica da sua cabeça. Você a deseja, e já não me deseja mais... — disparou Rita, calma e friamente.

— Mas eu não a amo!

— Talvez a ame, apenas não sabe disso ainda.

— Angélica está morta, Rita!

— Sim, e isso é o pior de tudo. Prefere fazer sexo com uma morta. Olha, o sexo não tem funcionado mesmo conosco, não mais. Depois de nove anos, acho que nos tornamos apenas amiguinhos. Não somos mais um casal.

Jenitez hesitou. Seria tudo verdade? Então seria por isso que imaginava Angélica, noite após noite?

— Mas eu te amo!

— Não, não ama mais — Cansei, quero o divórcio — prosseguiu Rita, enquanto bebia seu café.

E foi assim que Jenitez se separou da musa de quase todos os seus contos de ficção científica. Meses depois, sozinho e muito solitário, suspirou desesperado num estado de quase sonho:

— Angélica!

Mas Angélica nunca mais apareceu.



B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor livre-docente no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco e *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial. Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O grande Livro da Ficção Científica* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O espantoso mundo da Antecipação* (Elemental Editoração) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola). Também é colaborador da Revista *Conexão Literatura*.



LUZ DAS GALÁXIAS

POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

A luz percorreu o Universo chegando até nosso planeta. Era o sinal que deveríamos partir e seguir a luz divina, visitaríamos o local onde ele, provavelmente nascera, o Senhor do Amor!

E assim o fizemos, em cinco, entramos na nave e partimos em linha reta, seguindo sempre a luz. Acertamos o mapa estelar e nos deixamos navegar. A trepidação nos acordou e vimos que nos aproximávamos da Terra. E a brilhante luz a qual seguimos, ao entrarmos na superfície do Planeta Azul já não brilhava como antes.

A nave percorreu o planeta em busca da luz, vieram brindar o aniversário do ser que revolucionou o

mundo deles, que transformou com a bondade e o amor os habitantes daquele minúsculo planeta, que estava a 2020 anos da Terra. Por lá, o milagre aconteceu de fato, modificando e moldando os seres a ponto de se tornarem também luz em sabedoria.

— Mas aqui não aconteceu muita coisa, veja que os seres que detém a racionalidade não evoluíram, pois ainda mantêm sentimentos de quando viviam em cavernas, primitivos.

Os cinco invasores continuaram percorrendo pelo Planeta Terra em busca de conhecimento. E quando sobrevoavam uma penitenciária, acompanharam um motim até a fuga de alguns detentos. Estes seriam naquele

momento, instrumentos de conhecimento.

Os presos conseguiram se esconder e os navegantes do Universo entraram em seus corpos, na consciência de cada um, queriam entender como era o pensamento e sentimento

— Não sei o que está acontecendo comigo, — disse um dos presos — talvez o líder do grupo, mas acho que devemos partir para uma cidade pequena e nos estabelecermos por lá, o que vocês acham?

— Sim, também quero uma vida nova longe do crime, de matança e desgraça, completaram os outros presos, que partiram estrada a fora. — O grupo com roupas novas se dividiram e cada um foi tentar a vida em cidades vizinhas.

Apenas um preso não conseguiu seguir esse novo plano, pois quando caiu em si não suportou a carga emocional de seus crimes brutais de todos os estupros que cometeu, e a memória reviveu todos eles, como num filme, mulheres e jovens adolescentes, rostos em desespero e sofrimento ele conseguia enxergar bem de perto, um martírio que dilacerou o seu coração, e o sentimento de culpa, o remorso por todos aqueles crimes foi demais para ele, que não suportou viver com tudo aquilo, e o homem se enforcou. Os outros presos de crimes menores conseguiram se adaptar a nova vida e tornaram-se exemplos nas cidades do interior do Estado de São Paulo onde passaram a residir.

Os viajantes do planeta minúsculo, mas em grandeza espiritual conseguiu transformá-los e trazê-los para a luz, pois assim, desse mesmo jeito eles foram se regenerando em seu planeta e

progredindo a essência, a centelha divina adormecida em todas as criaturas.

Depois do episódio com os presos o grupo seguiu para ajudar mais pessoas em sofrimento, que viviam no martírio de seus próprios fracassos.

O grupo de viajantes do espaço chegou em um momento muito difícil e tumultuado por conta da pandemia, dessa praga que submeteu mais uma vez a Humanidade à desgraça e escuridão.

— Temos um ano pela frente para ajudar, partiremos no aniversário do Messias no próximo ano.

E assim eles conheceram tanta gente nos quatro cantos do mundo. Percorreram por entre os continentes, estudaram e viram de tudo, pessoas cruéis que não aprenderam com o sofrimento, que continuaram com suas vidas do mesmo modo e também aquelas pessoas que transcenderam em bondade, com gestos de solidariedade ajudando idosos, desempregados e pobres de todas as espécies.

Só não conseguiram modificar os viciados, tentaram mudar a essência de cada um que vive nas ruas por causa do vício, mas não conseguiram porque a maioria dessas pessoas perdeu há muito tempo a sua real essência vivendo na casca da sobrevivência, em outro patamar de vida.

Ao chegar 24 de dezembro de 2021 os viajantes do outro planeta partiram, deixaram a Terra seguindo a Luz divina em busca de novos conhecimentos e sentimentos, afinal estamos todos nós dessa Galáxia e de outras aprendendo com nossos erros em busca da perfeição!

Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os leitores da Revista Conexão Literatura por estarem conosco durante o ano e desejar boas novas para 2021, abraços.



Míriam Santiago: jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta de escrever, ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:

<http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianmorganuns@hotmail.com



UM VENTO CORTANDO A TEMPESTADE

POR ROBERTO SCHIMA

A neve, como as nuvens, um dia foi branca e pura, porém ambas toldaram-se de cinza como cinzenta sempre fora a natureza humana. Porém, às vezes, em meio às sórdidas matizes, alguns cristais podem nos surpreender por sua cor, consistência e profundidade. Nesses raros momentos, sentimo-nos recompensados.

("Memórias do Eterno", Sisi)

Conto

1 - CENOURA E AZEITONAS

Já fazia algum tempo, meia hora talvez.

O vento persistia a dilacerar as camadas mais baixas de nuvens, invadir a floresta, afugentar os sonhos e penetrar nos barracos, trazendo pesadelos gelados.

Por entre as sombras sinistras da floresta, o vulto observava o garoto do lugarejo. Espreitava sem se mover e poderia facilmente ser confundido com um tronco morto não fosse pelas emissões ritmadas de névoa provocadas

por sua respiração. Porém, tal qual uma estátua, aguardava com a paciência de quem tinha todo o tempo do mundo a sua disposição. E, a exemplo de uma assombração, não parecia afligir-se sob os rigores do frio.

E não se movia.

E observava.

E esperava.

Era uma cena estranha para quem quisesse ver, e estava tão fora da realidade quanto a irrealidade do mundo em que vivia, onde o estranho tornara-se habitual e o comum era inusitado; onde a

escuridão e a penumbra perambulavam sem rumo e sem se perderem, afinal, como algo ou alguém poderia se perder num mundo onde tudo já se encontrava sem rumo?

A figura esperava... E observava.

Uma intuição a atraía até aquele local.

Incerta quanto ao que seria, prudente, esperou.

A frustração tomava conta do menino e projetava-se de seus punhos numa raiva incontida. Ajoelhado, esmurrava com vontade o monte de neve diante de si. Xingava e xingava inutilmente numa voz fraca, sumida, rapidamente abafada pelo frio e pela ventania. Ergueu-se e pôs-se a chutar. Torrões de neve esparramaram-se nas mais diferentes direções diante dele.

Subitamente, perdeu o equilíbrio e caiu sobre a cenoura e as azeitonas pretas zelosamente guardadas para aquele momento. Afundaram na camada fofa de neve.

— Não! — gemeu numa voz esganiçada, pondo-se de joelho. — Essa não!

Cavou e cavou. Para alívio seu, a cenoura não havia se partido e as azeitonas...

— Uma, duas, três, quatro...

Sim, estavam todas ali.

A cenoura era velha, murcha e toda torta, mais parecendo um nariz de bruxa, porém, tinha um significado todo especial para ele. Só ele estava ciente do quanto trabalhara para comprá-la e as azeitonas.

O vendedor na feira hidropônica mirara o garoto maltrapilho com ares de suspeita, ao que o garoto retrucara:

— Estou comprando... Não estou roubando!

— Só depois de eu conferir se é dinheiro de verdade — retrucara o sujeito.

Não que o menino não tivesse cogitado em tal possibilidade, era franco o bastante para admiti-lo, mas sabia: seu pai não aprovaria. Ainda que ninguém fosse se importar com uma raiz feia e algumas azeitonas jogadas pelo chão, pois mesmo num mundo de carências, os prósperos persistiam em desperdiçar e pouco se importavam com isso. E naquele instante, enquanto limpava a cenoura da neve, recordou-se do quanto se esforçara pelos trocados que ganhara. No bairro dos bem-nascidos, retirara a neve da entrada das casas, carregara compras, cortara lenha. Dias seguidos sob o frio intenso, deixando a neve se acumular na sua própria entrada, levando mercadorias que jamais teria, mal dispendo de lenha para a sua própria lareira. E só ele sabia a vontade que tinha de usar a cenoura murcha e as azeitonas para fazer uma sopa. Colocou-as um pouco mais distante de si e mais próximo do chapéu de palha e do casaco velho, quase na porta do barraco.

Foi quando sentiu uma espécie de fisgada em seu cérebro.

Estranho...

2 - O BONECO DE NEVE

De repente, o vulto viu o garoto tirar os olhos da cenoura, das azeitonas, do montículo de neve. Girou a cabeça a sua volta. Era como se procurasse algo. Passou a vista dos barracos, das ruas e da neve para pousar diretamente sobre onde a figura estava, na floresta, oculta pelas árvores e pelas sombras. Podia sentir os olhos pequeninos vasculhando,

presentindo qualquer coisa, mas sem ter idéia do que quer que fosse. Ouvidos atentos buscaram por um som diferente acima do uivar do vento e nada encontraram além do farfalhar de ramos mais finos de ciprestes e chapas de metal batendo. O vulto sequer piscou e segurou a respiração até perceber a suspeita da criança diluir-se num dar de ombros cansado. "Extraordinário!", pensou.

Coincidência?

Um sexto sentido apurado?

Herança do mesmo fenômeno que a criou?

Ainda ofegante, o menino tornou a reunir bocados de neve. Num lampejo em sua mente, acreditara ter escutado algo esquisito, um sussurro. Agora, não tinha certeza... Não, não aparentava ser um som. Era mais um vislumbre, uma comichão, um relâmpago partindo seu cérebro. Relembrou histórias de criaturas peludas a vagar pela floresta durante noites tempestuosas e um calafrio apoderou-se de seu corpo. Nunca acreditara nisso e em outras lendas narradas pelos velhos do povoado, como os Espíritos da Neve, entretanto, crença e medo nem sempre foram bons parceiros. E a floresta sempre lhe parecera agourenta, à espreita, vigiando. Balançou a cabeça e continuou a cavoucar.

— Vou conseguir! — falou consigo. — Preciso!

Durante a manhã toda, ele procurara dar forma à neve, compactá-la, fazê-la crescer e transformar-se em algo reconhecível: cara de bolacha, barriga proeminente, nariz de cenoura, olhos e sorriso de azeitonas pretas. Suas roupas mal conseguiam amenizar a baixa

temperatura. Tremia de frio. Mas não queria desistir.

— Eu tenho que conseguir — ficou repetindo. — Eu tenho!

E o monte de neve cresceu.

As mãos e os pés estavam dormentes. Procurou ignorar a dormência, o inverno sem fim, os barracos cobertos pela neve na favela esquecida. Tudo o que importava era um monte de neve teimoso que não queria saber de obedecer.

A avalanche em miniatura desceu até seus joelhos.

— Aaaahh!!! — O grito misto de choro, desespero e raiva foi devorado pela intempérie. Usou de toda a força para esmurrar o topo da pequena montanha. — Drogaaa!

A figura escondida na floresta de coníferas, finalmente, decidiu-se a sair da imobilidade. Aproximou-se do menino sem produzir som algum. Não havia pressa. Até segunda ordem, pelo que sabia, possuía todo o tempo do mundo. Postou-se atrás do garoto e um dos torrões de neve atingiu-lhe as botas forradas de pele.

Aquela espécie de corrente elétrica voltou a atravessar a mente do jovenzinho. Levantou-se. Quando se deu conta de não estar sozinho, sobressaltou-se.

— Quem é?

Não distinguiu as feições do intruso sob o capuz até este se mover, erguendo o rosto para a claridade cinzenta.

Não era um monstro das neves preparando-se para atacar a presa.

Não era um fantasma pronto a assombrá-lo.

Era somente uma mulher.

No entanto...

O garoto foi tomado por um sentimento de tranquilidade. Alcançou-o em ondas mornas e bem-vindas. Aqueceu-o de dentro para fora. E o mundo não pareceu mais um lugar tão hostil de se viver.

— O que é que há? — perguntou a forasteira.

Lampejos de pensamentos que não eram os da criança assolaram-na. O menino, confuso, chacoalhou a cabeça. Apontou para o monte de neve desmoronado.

— Preciso erguer um boneco de neve.

— Não está dando certo.

— Não — concordou, limpando os olhos.

Ela viu a aflita determinação no rosto miúdo. Não fazia sentido. A neve vertia incessantemente e, nos arredores, não havia viva alma para aconselhar ao menino a entrar em sua casa, tomar um gole de chá quente e dormir até o clima amainar. Sob luvas em farrapos, as mãozinhas dele tremiam. O corpo todo tiritava. Ela quis saber.

— Por quê?

— Meu pai está doente, de cama... Quero que veja o meu boneco antes dele... Quero que veja! Será o meu presente de aniversário. Assim, ele vai melhorar.

"Como assim?", indagou ela em pensamento, sem coragem de formular a pergunta em voz alta.

As pessoas apegavam suas esperanças a cada coisa...

3 - O PAI

Ajoelhou-se outra vez e afundou as mãos em concha na neve cinzenta. Sua

respiração condensada numa nuvem fina dissolveu-se rapidamente. Não queria chorar. Precisava erguer o boneco. Então, sentiu um toque em seu ombro e levantou o rosto. Todavia, a atenção da mulher voltava-se para a favela. Ela fitava a casa de José. Como poderia saber? Sob o capuz, ele viu as maçãs salientes, mechas de cabelos encaracolados e castanhos. Era bonita e olhava para a parede do barraco de modo inquisitivo.

A parede era feita principalmente de tábuas e folhas de zinco, construída sem o auxílio de um carpinteiro, tampouco através de uma planta.

Ela via a parede. Seu olhar ficou vidrado. Subitamente, a parede derreteu para si. Surgiu o interior escassamente mobiliado e com o mínimo de utensílios necessários à sobrevivência. Era dividido em pequenos cômodos por meio de tapumes caindo aos pedaços. Percorreu cada canto até encontrar o que queria. Sim... Estava lá. Era um homem velho e muito magro. Jazia deitado na cama — pouco mais do que um estrado sobre tijolos —, enovelado num cobertor puído, manchado e imundo. De repente, ele dissolveu para si. E ela não mais viu o velho, nem seu corpo, mas dentro dele. O coração batia fraco, muito fraco, cada vez mais fraco... Havia coisas que ela podia fazer, coisas maravilhosas e não maravilhosas. Em outros tempos, tentariam torturá-la e queimá-la — não que a época atual estivesse muito diferente. Entretanto, restituir àquele velho aquilo que dele escoava a cada minuto era algo que nem mesmo ela conseguiria. Estava longe demais de seu alcance, do alcance de qualquer pessoa. O melhor que podia fazer seria proporcionar ao pai do garoto uma passagem sem dor.

E o coração sumiu para ela.

Viu o corpo desnutrido.

Viu o velho doente.

Viu o barraco.

A parede.

A neve.

Ele.

— Você já parou para pensar que seu pai está cansado? — indagou pausadamente, a fim do garoto digerir a idéia.

— Ele vai melhorar! Assim que eu fizer meu boneco, ele melhorará. Eu sei disso. Ele vai vê-lo, sorrirá e irá me abraçar.

Conseguiu moldar um esboço de cabeça e, agora, tentava esculpir o que seria um toco de braço.

— Você vai ficar pronto — disse para a massa cinzenta de quase um metro de altura. Era mais uma súplica do que uma ordem. — Vail!

Quantas vezes na vida as pessoas depositaram esperanças impossíveis nas coisas mais insólitas? Quantas vezes os sonhos não se afiguraram inalcançáveis diante da verdadeira vontade? E quantas vezes as esperanças e as ilusões não se mostraram nada mais do que uma fuga, um refúgio longe da razão diante da inevitável tempestade?

Com suas mãos pequenas, o menino ajeitou em cima, embaixo, pressionou aqui e ali delicadamente. Dedos miúdos imprimiram-se na neve.

O toco de braço conseguiu permanecer no lugar e desafiar a gravidade.

O garoto, ansioso, afastou-se devagar.

Cristais unidos e cristais num emaranhado microscópico; bizarras flores hexagonais formando uma rede, condensando esperanças. Todavia, do

outro lado do "corpo" não havia um toco para equilibrá-lo. E mesmo os sonhos necessitam de algum tipo de equilíbrio para não mergulharem no precipício da realidade. O deslocamento do centro de gravidade fez com que aquilo que seria o tórax do boneco se partir e rolar aos pés dos dois, esfarelado-se. Definitivamente, o boneco era um sujeitinho muito teimoso.

4 - TERROR INDESCRITÍVEL

Frustrado era pouco.

O garoto bramiu sua agonia para a camada de nuvens sobre sua cabeça. A seguir, enxugou as lágrimas e suplicou para a mulher.

— Por favor, ajude-me.

A princípio, ela hesitou. Estava refletindo sobre sua própria vida e nos anseios que um dia tivera, parte dos quais ainda teimava existir dentro de si, sufocada no decorrer do tempo pela natureza crua da vida e, particularmente, do ser humano. Pensou nos líderes políticos que conduziram a humanidade à catástrofe. Contudo, sabia que a culpa não fora só dos desgraçados, mas da massa em sua cegueira obstinada ao ser ordenada, manipulada e servir de bom grado a lobos que nem pele de cordeiro utilizavam. "Certas pessoas são idólatras por natureza. Elas necessitam de um totem diante do qual ajoelhar". Suspirou. Compreendia o menino muito melhor do que gostaria. Só havia uma coisa pior do que procurar alcançar um ideal impossível: podá-lo antes de ter a oportunidade de tentar. Decidiu-se.

— Ajudarei. Como se chama?

Os olhos do garoto brilharam.

— Meu nome é José.

— Um nome antigo e muito bonito.

Ele não soube o que dizer. E, ante seu silêncio, ela apresentou-se:

— José, vamos fazer o boneco antes que você se transforme em um. Eu me chamo Sisi.

José conseguiu sorrir.

— Sisi... Engraçado.

— O quê? — perguntou ela, franzindo a testa, já agachada e trabalhando. — O que foi que disse?

José também se abaixou e recomeçou a cavoucar. Falou:

— Seu nome. Lembra o vento cortando a tempestade... *Sssiiisssiii...* Tá vendo? *Sssiiisssiii...* Gozado, né?

Sisi interrompeu seu trabalho e, com as mãos enluvadas em concha, totalmente tomadas pela neve, observou o menino. A neve escorreu através de seus dedos numa torrente de sonhos desfeitos.

José mal percebeu. Estava de rosto abaixado e atacava energicamente o manto macio. Catara um pedaço de tábua para usar como pá. Concentrado, esquecera-se completamente de suas palavras.

Seu comentário martelava na mente de Sisi, provocara ondas e mais ondas nas marés secretas de sua memória. Regozijou-se interiormente em um mundo que tão pouco motivo dava para isso.

"Tenho um nome que lembra o vento cortando a tempestade... Ao longo dos séculos, muitos comentários e comparações foram feitos em relação ao meu nome, entretantes, de todos eles, somente esta criança sem estudo conseguiu dar uma interpretação tão semelhante e tão poética quanto a de Jenon. É um menino extraordinário."

Um grande volume vagamente esférico foi moldado a título de barriga. Na sua base, Sisi colocou protuberâncias pontudas, cujos bicos encurvavam-se para cima.

— São os sapatos — explicou.

José torceu os lábios, desconfiado.

Em seguida, ergueram outra esfera menor, sobre a maior, que ficou sendo o tórax. Tomaram todo o cuidado para que o peso desta não compromettesse o ventre do boneco, certificando-se simultaneamente que a parte de baixo estaria suficientemente rígida a ponto de não desmoronar. Deu certo. Estava tudo se saindo bem até agora.

— Vamos fazer os braços — falou José.

— O que você disse? — perguntou Sisi, não escutando direito devido ao uivar do vento.

— Vamos fazer os braços!

— Acho melhor a gente fazer a cabeça primeiro.

— O quê?

— A cabeça! Vamos fazer a cabeça.

O menino estacou. O vento parou de gemer.

— Por quê? De que adianta se tudo cair de novo no chão?

— A cabeça — insistiu Sisi, assumindo uma expressão distante. — Dará sorte. Ela vigiará nosso esforço e torcerá pelo nosso sucesso, pois saberá que depende disso. Só com a cabeça no lugar o boneco terá noção do que acontece a sua volta e o próprio ato de existir. Através de seus olhos de azeitona, verá o amor que você carrega. Com os ouvidos de neve, escutará nossa respiração cansada. Através do nariz de cenoura, sentirá o odor da tristeza e a friagem. E, tendo a boca de azeitonas,

sorrirá para nós em agradecimento pelo carinho e sacrifício desprendidos.

José levou as mãos à cintura. Dir-se-ia estar preso a divagações filosóficas. Enfim, falou:

— Está me gozando?

— De modo algum — respondeu Sisi, esforçando-se por não sorrir. Pressionou a bola de neve até ter o tamanho de uma bola de futebol. — Ele será a personificação de um dos espíritos que vagueiam pela neve e, como tal, terá sentimentos como nós.

José apanhou mais um bocado de neve cinzenta.

— Quem foi que disse isso?

— Minha mãe, há muito e muito tempo.

Sem querer, Sisi lembrou o assassinato dela. Tristeza, angústia e desespero revividos.

Em sequência, recordou-se do que fizera ao assassino. Ódio, júbilo e alívio reconfortaram.

Hipócritas, tolos e ingênuos negavam, contudo, para aplacar uma dor sem fronteiras, apenas uma vingança ilimitada poderia amenizar. E assim ela fizera.

— Eu nunca tive mãe — falou José. — Mas se esse tal espírito existe mesmo, é bom que traga saúde para o meu pai. Então, acreditarei.

— Não foi isso o que eu quis...

— Está feito, Sisi. Agora... Nossa! Ficou pesado! Assim, assim... É, agora tá parecendo um boneco de verdade. Deixa eu pegar a cenoura e o resto.

— Espere! Deixe-me explicar — pediu Sisi, arrependida.

"Por que é que não fiquei calada?"

— Não, não quero explicações!

E, no fundo daqueles olhos, Sisi teve a visão de um medo lancinante e mortal.

"Ele sabe! Eu não preciso explicar... Ele sabe."

Havia um terror indescritível que, se pudesse ser exposto em palavras, falaria de um monstro peludo, negro, imenso e sobrenatural, a vagar durante as nevascas, a perambular pelas florestas em busca de crianças perdidas. Sisi sentiu os pelos dos braços arrepiarem-se. Deu uma ligeira passada de olhos pelos arredores e perguntou-se se não haveria alguém ou alguma coisa observando-os sorratamente como ela fizera momentos atrás. Apenas o ranger de tábuas e o lamuriar do vento vieram em resposta. Não trouxeram alento algum.

5 - VIVAAA!

Os traços de cara de bolacha do boneco foram concluídos.

Inicialmente, José colocara a cenoura com a extremidade afilada apontando para baixo, mas achou que isso dava um ar muito rabugento ao boneco. Então, apontou a cenoura ligeiramente para o alto, dando-lhe um ar distinto, um pouco esnobe até. O sorriso de azeitonas pareceu expressar sua aprovação. O toque final foi dado pelo chapéu de palha, firmemente preso com gravetos para que a ventania não pudesse furtá-lo.

Admiraram a obra inacabada.

— Bonito — falou o garoto.

— Magnífico — concordou a mulher. — Só faltam os braços.

— Um Espírito da Neve bem poderia ficar sem eles — falou, temendo o pior.

Seguindo as instruções de Sisi e tendo em mente a compactação da neve, José colocou, ao mesmo tempo que ela o fazia do outro lado, o primeiro toco de braço. Segurou-o e moldou à esfera central — o "tórax" —, até que fizesse parte desta, como um bloco único e firme.

— Pode soltar.

— Mas, Sisi...

— Solte — disse ela, calmamente.

José mordeu o lábio inferior, temendo o desastre. Fechou os olhos e soltou. Esperou ouvir o som macio e inexorável de avalanche, o desmoronar da cabeça e do tórax do boneco. Aguardou. Não escutou nada além do uivar do vento entre os barracos e sua própria respiração aflita. Tomou coragem e abriu um dos olhos.

O boneco continuava no lugar. Sorria o seu sorriso encorajador de azeitonas pretas.

Sisi pôde sorrir, igualmente satisfeita.

— VIVAAA! — gritou José a plenos pulmões, esmurrando o céu, sentindo um renovado calor aquecer seu rosto pálido e magro. — VIVAAA!

Até os céus teriam ouvido se tivessem sensibilidade para tal.

De algum lugar, veio o ruído de uma tranca de janela não lubrificada sendo mexida e ambos tiveram a certeza absoluta de estarem sendo observados. A favela adormecida não dormia mais, espreitava meio escondida por entre frestas e buracos, partilhando um momento mágico sem nada entenderem de magia. Era uma lagarta de madeira, zinco, gelo, tijolos reciclados de escombros, formada por quase quatrocentos barracos a espremerem-se numa estreita faixa entre a floresta e um

rio congelado. E, dentro dela, mais de duas mil almas sobreviviam não obstante as agruras do clima. Sussurros foram passados de boca a boca, curiosos e simpáticos, outros nem tanto, infelizes em suas glaciais infelicidades. Era um gigante lendário de mil olhos... e para o menino e a mulher fitava.

Mostrando-se mais seguro, José apanhou um roto casaco de lã perto da porta e, cuidadosamente, vestiu o boneco antes de concluírem o restante dos braços. A pança ficou para fora, como não poderia deixar de ser.

Finalmente, a personificação de um dos Espíritos da Neve — ao menos conforme José supunha — estava pronta.

Sisi perguntou:

— Como vamos chamá-lo?

Nome?

Ele pensou por um momento.

— Bom... Hum... Ah! Será Ézio de Souza Vieira.

— ?

— É o nome do meu pai — respondeu, sério.

— !

E lá estava Ézio de Souza Vieira sorrindo para eles e para a paisagem a evocar um Natal sem fim, estendendo-se por toda a região e mais além, pelo mundo afora.

— Venha — falou o garoto, apanhando a mão enluvada de Sisi.

— Aonde?

— Por favor — insistiu.

Uma parte dela preferiria dizer adeus e prosseguir a sua peregrinação errante pela terra devastada. Queria continuar na sua busca... Busca do quê? Ela mal o sabia. Todavia, deixou-se levar, fascinada por aquele menino tão singelo, ingênuo e especial. A voz dele reverberou em sua mente:

Seu nome. Lembra o vento cortando a tempestade... Sssiiisssiii...

6 - PAI E FILHO

A porta de madeira choramingou ferrugem e uma cortina de neve escorregou até o chão.

Não era novidade para ela aquele quadro de miséria. Ela tinha visto tudo através da parede derretida, a parede que, agora, encontrava-se intacta. As reduzidas mobílias judiadas pelo tempo perdiam suas cores de um amarelo esmaecido. A lenha na lareira crepitava convulsivamente de frio e esforçava-se por não perecer. Todas as chamas do mundo eram heroínas anônimas e enfrentavam diariamente um inimigo incomensuravelmente superior: o inverno eterno. Sempre resistindo, sempre morrendo, sempre ressurgindo. E sempre tremendo. Os tapumes cheiravam a mofo e cada qual contava uma história em sua origem distinta. Enfeites simples adornavam o barraco: desenhos, ilustrações de santos, ramos de araucária, pinhas, páginas de revistas de super-heróis em quadrinhos... e super-heroínas.

"Desde que inventaram os mitos, o mundo nunca mais foi o mesmo. Precisamos de lendas, heróis, demônios e deuses, batalhas, a vitória do bem sobre o mal. Sempre precisaremos de mitos para confortar ou justificar nossos medos, projetar nossos sonhos e temores, explicar o desconhecido. Sem mencionar o cerne de verdade que existe por baixo deles e do qual eu sou parte..."

Sisi nunca tivera escolha em relação aos dons que possuía e

acompanharam-na desde o ventre, senão mais além.

— Pai! — chamou o menino. — Eu tenho uma surpresa!

Atravessaram aquilo que seria a sala de visitas.

O piso de tábuas estalou a cada passada. Uma tábua diferente da outra. Madeira, estado e idade de diferentes origens, separando o interior mal aquecido do *permafrost* duro feito ferro.

Penetraram em outro cômodo do barraco cujo caminho Sisi conhecera em sua visita mental.

O velho estava lá. Aparentava mais magreza visto de perto. O pouco que tinha de músculos afundava no vão entre os ossos como uma barraca de acampamento mal armada. O rosto cadavérico exibia diversas cicatrizes, uma delas vinha do canto da boca até o lado da vista esquerda, outra acompanhava as rugas da testa.

Sisi reparou que, sob a coberta manchada e gasta, ele usava um uniforme do Exército tão velho quanto tudo o mais naquela casa, a exceção do garoto.

— Pai, acorde — José tocou-o de leve. — Papai!

— Deixe-o dormir — disse Sisi.

— Não. Ele precisa ver o boneco antes que os meninos das outras casas derrubem tudo. Precisa ver o meu presente. Pai, por favor, acorde!

O Sr. Ézio de Souza Vieira demorou para erguer as pálpebras. Era como se o esforço fosse grande demais, ou, quem sabe, tivesse apenas optado permanecer mais tempo imerso na paz da inconsciência. Quem poderia censurá-lo por isso?

José insistiu.

— Pai...

— Estou ouvindo, Zé. O que foi?

— Fiz um presente para o senhor. Vem ver! Esta é minha amiga, Sisi. Ela me ajudou. Sem ela eu não teria conseguido. Vamos ver!

— José... — advertiu Sisi novamente, tocando-o no braço —, ele não está em condições.

O menino fez que não ouvia e sua voz confundiu-se com um gemido sufocado.

— Pai... Por favor, vem ver o que eu fiz.

Os olhos do velho clarearam. Reconheceu as formas ao seu redor e onde se encontrava. Tirou um dos braços de sob o cobertor e apanhou a mão pequena e gelada do filho.

— Tem que se aquecer — falou.

A luva de José estava cheia de buracos e remendos. O calor fluíu de uma mão a outra e logo havia uma firmeza nos dedos enrugados que surpreendeu o juvenzinho. Cobriu a mão do pai com sua outra mão.

O velho perguntou:

— Quem é a moça?

— É Sisi, minha amiga — repetiu o menino. — Foi quem me ajudou com o presente.

— Ah, sim... Estou me lembrando. Prazer, senhora, meu nome é Ézio...

— ... de Souza Vieira. Eu sei, José me contou.

O velho esboçou um sorriso fatigado. Virou-se para o filho.

— Você falou... um presente?

— Isso, pai. Está lá fora. Quer ver?

Sr. Ézio assentiu.

— Claro, Zé, ajude-me a levantar. — E olhando para Sisi. — Senhora, também poderia...

— Tem certeza? — perguntou Sisi, inquieta pela saúde do velho.

— No meu estado, certezas são das poucas coisas que restam.

7 - ÉZIOS

O velho passou a falar numa voz suave, vinda de muito longe e que, gradativamente, foi adquirindo vida e energia. Parecia nutrir forças de suas próprias palavras e conquistar um resquício de juventude nas suas memórias. Reviver as recordações era como retornar no tempo e ser moço outra vez, estar cheio de vitalidade, longe das doenças e da decrepitude.

— Sabe, senhora, este uniforme pertenceu ao meu pai. Ele vestiu-o na época do conflito com a Antártida. Eu ainda era criança de colo, mas minha mãe contou tudo. Ele lutou na guerra lá no sul, no fim do mundo. Os antarticanos usavam rifles glaciais; disparavam dardos de gelo, dá para imaginar? Todos acreditavam estar fazendo o que era justo e correto de acordo com a vontade de Deus... A vontade de Deus...

— Pai?

— Estou bem, filho. Como eu ia dizendo?... Ah, claro. A vontade divina. Meu velho ficou um longo tempo longe da família, num território tão primitivo quanto o nascer da Terra, sobrevivendo a uma luta que não lhe pertencia ou a qualquer outro. E retornou. Não foi um antarticano o autor de sua morte, mas o governo de seu próprio país. Ele foi sacrificado por aquilo que pensava ser o correto. E eu, por minha conta, segui seus passos. Fiz minha parte lutando contra a ditadura que assolou a nação: os malditos vermelhos. Eu cresci sob seus

grilhões. Vi amigos serem fuzilados. Atravessei um inferno frio, cada vez mais e mais frio que nem Dante imaginaria, ou os mamutes. E cá estou, recauchutado, porém, vivo. — Apoiou-se num dos cotovelos. — Não será a idade que me impedirá de ver o meu presente. Vim de uma linhagem de rebeldes e... Raios me partam!... Ora se não vou.

Sisi gostou de imediato daquele homem naqueles poucos instantes que o conheceu. Gentilmente, passou o braço esquelético dele sobre seus ombros e José fez o mesmo. Vestiram-no com o máximo de casacos possível, cachecól e gorro. E antigas botas militares para neve.

Uma rajada de vento invadiu o interior do barraco quando a porta foi aberta.

Enfim, o Sr. Ézio de Souza Vieira pôde conhecer e ser apresentado ao seu homônimo.

Olhos vivos e cintilantes de azeitona encontraram olhos meio mortos e opacos do velho.

O Sr. Ézio de carne murcha e ossos fracos assentiu em aprovação.

A criança não suportou a expectativa.

— Então, pai, o que acha?

— É lindo, filho, lindo demais — balbuciou o pai, comovido. — Obrigado.

— É um Espírito da Neve — explicou José. — Traz boa sorte.

— Todos precisamos disso.

— Acho que ele já andava por aí, e foi quem trouxe Sisi da floresta até nós.

— Oh, naturalmente. — Riu. — Obrigado, senhora, por ajudá-lo e pelo boneco.

Sisi limitou-se a balançar a cabeça, reprimindo seus sentimentos. Não queria, não devia, porém de todo não

conseguia. Fazia bastante tempo que não se deixava emocionar... Boas emoções, pelo menos.

O boneco de neve postava-se heróico, enfrentando a ventania e os flocos cinzentos que caíam. Não temia a neve a acumular-se sobre o casaco e o chapéu, tampouco os relâmpagos a brilharem sobre sua cabeça feito arautos do fim dos tempos. Tampouco temia a solidão: naquele mundo de neve eterna — a sua "carne" —, jamais estaria sozinho.

— Dei seu nome a ele — disse o pequeno José orgulhosamente.

— Estava na cara, filho. Logo me reconheci pelo nariz.

José achou graça. Sisi não conseguiu evitar de rir.

O Sr. Ézio foi acometido por um acesso de tosse.

Levaram-no depressa de volta ao barraco. Atendendo a seu pedido, colocaram-no numa das duas cadeiras que tinha na sala.

— Faça um pouco de chá de espruce para a moça, Zé.

O garoto sumiu atrás de um dos tapumes. Passos ágeis revelavam uma alegria que havia muito não se ouvia sob aquele teto.

O velho estreitou a vista cansada.

— Quem é a senhora? De onde veio?

Sisi ergueu a mão num gesto indiferente.

— Vim de vários lugares.

— Onde está morando? Obviamente, não pertence a este povoado. — Vê-se que é uma moça fina.

— Não sou não, Sr. Ézio, por outro lado, o senhor não é propriamente um bárbaro. Não sou uma mulher rica, exceto, talvez, de experiências... nem

sempre bem-vindas. Moro atualmente do outro lado da floresta. — Acenou vagamente. — Gosto de caminhar sozinha e avistei seu filho.

— Do outro lado... Vila Guilhermina, não é? Bom... Não é um lugarejo miserável como o nosso. Ah, senhora... — Tossiu. — Gostaria de ter disposição e tempo para conversar melhor. É uma boa ouvinte e eu adoro narrar histórias tanto quanto ouvi-las. Eu tinha mais ou menos a idade do meu filho quando me tornei um ativo contrarrevolucionário. Guardo marcas das torturas para comprovar — completou, alisando a face esquerda. — Nem queira saber sobre todos os eventos ocorridos naquela época...

Sisi admirou o homem que mal sustentava o próprio corpo. Fazia um esforço supremo para manter-se ali, altivo, encostado no espaldar gasto da cadeira.

"Eu sei", pensou amargamente, "e de outros anteriores à guerra e ao colapso do clima. Estive lá. Também militei na contrarrevolução a minha maneira. Vários conhecidos morreram. Inúmeros desconhecidos matei. Perambulei gerações antes, quando a neve ainda era branca. E, até, quando não nevava nesta parte do mundo. Milhares de vidas em uma só... Vidas demais. Porém, isso são outras histórias e vocês dois jamais acreditariam."

8 - DURA REALIDADE

José surgiu, trazendo um bule amassado e uma xícara de asa quebrada.

— Desculpa. Eu...

— Está excelente. Obrigada.

Sisi sorveu o líquido fumegante e quase sem gosto. O calor esparramou-se por seu corpo e sentiu-se muito melhor.

— Delícia!

O menino ficou embaraçado, porém, satisfeito.

Seu pai recusou e José serviu outra xícara para si próprio, ainda tiritando de frio. Tomou um bom gole e disse, triunfante:

— Eu sabia!

— Como? — Sisi ficou confusa. — Sabia?

— Claro. Eu sabia que meu pai iria melhorar. — Aproximou-se do velho e pousou a mãozinha num dos ombros caídos.

Sisi não soube o que dizer. Trocou olhares com o homem idoso.

Sr. Ézio deu uns tapinhas amistosos na mão miúda do filho único e soltou o ar preso em seus pulmões. Tossiu uma, duas, três vezes. Seu corpo estremeceu e encolheu sobre a cadeira enferrujada, dentro do uniforme gasto e dos casacos carcomidos. Amava o filho mais do que a própria vida e sentiu um pesar profundo por ele. Antes não tivesse sido tão egoísta a ponto de querer ter um filho em idade avançada, de desposar uma mulher muito mais jovem, acreditando que ela viveria muitos anos e cuidaria de sua educação, enquanto ele, satisfeito, morreria em paz na certeza de ter deixado um herdeiro de suas memórias e de sua carne. "Egoísta! Maldito egoísta!" Ter ou não ter um filho era sobretudo um ato de egoísmo. E, como castigo, quis o destino que a esposa apanhasse uma pneumonia um ano depois do parto e percesse meses após. Era uma culpa que ele carregaria até o fim. Se sobreviveu até agora, acreditava, foi por sua recusa em morrer,

deixando o menino a mercê do mundo. Resistira o quanto pôde. O mais que pôde. Agora, porém...

— Não, filho, não vou melhorar. Leve-me de volta para a cama. Meu corpo todo está moído.

— Mas o senhor viu o boneco de neve! — Os olhos se encheram de lágrimas e a voz saiu rouca, sumida, entrecortada por soluços. — Ficaré bom. Irá levantar-se e fará outros bonecos comigo, como aqueles que fazíamos. É seu aniversário, pai. Tudo o que desejamos torna-se realidade. O Espírito da Neve sabe disso. O boneco sabe disso. E eu desejo que fique bom!

— Lamento, filho. Eu...

O vento assobiou mais forte através das frestas do barraco. A chama da lareira agitou-se e muitas sombras dançaram nos tapumes, nas paredes e no teto. Uma das ilustrações foi arrancada, todavia, nenhum dos três deu-se conta disso. A neve roçava em carícias no telhado. Ao longe, sons de trancas sendo cerradas mal foram percebidos. E o boneco de neve absorvido por aquele cenário cinzento continuava a sorrir.

As mãos enfraquecidas do velho seguraram os ombros do garoto e conseguiram trazê-lo para perto de si. A voz saiu de seus lábios com uma nitidez antes inexistente. Todos os outros sons do mundo morreram, a ventania se calou, a neve deixou de afagar o telhado. Na curta distância que separava pai e filho, só existia um som, o daquela voz, e ela mergulhou feito uma cunha através do coração de José. Os olhos pequenos ficaram ainda mais marejados.

— Não, filho, não ficarei bom e você sabe disso. Estou tremendamente agradecido pelo boneco, por seu gesto de amor e sua fé. Deus bem sabe que não

mereço. Foi o maior presente do mundo depois de você! Ele é lindo como o seu coração. Mas eu não serei curado.

O menino atirou-se aos braços do pai, quase derrubando-o. As lágrimas finalmente vieram, de frustração, de raiva, e, finalmente, de aceitação.

— Feliz aniversário, pai — soluçou.

— Obrigado, Zé.

9 - NÃO SENTIRÁ DOR

"Eu não posso me emocionar. Eu não quero me emocionar", disse Sisi para si. Todavia, sentiu algo dentro de si romper-se. Era uma dor intensa que ela conhecia bem e por muito tempo guardara no calabouço escuro de sua alma. Sabia o que era a agonia de perder um ente amado e nada poder fazer, pois sentira isso vezes sem conta a começar por sua própria mãe. Conhecia o significado do desamparo, da solidão, de ver o chão sob os pés evanescer.

O Sr. Ézio de Souza Vieira curvou ainda mais seu corpo e um esgar de dor cruzou suas faces.

Sisi percebeu.

"Não sentirá dor. Não há dor. Não sentirá coisa alguma além de alívio, além de uma imensa paz por saber que está em comunhão com os deuses eternos da floresta, com o céu, com a Mãe Terra oculta nas entranhas de gelo, com os Espíritos da Neve. A dor é uma chuva que cai e retorna para as nuvens imaculadas, a espera de um novo dia."

As cores retornaram às faces do velho. Um brilho de incredulidade atravessou seus olhos e ele baixou as pálpebras, agradecido.

Cuidadosamente, José e Sisi levaram o velho contrarrevolucionário de volta ao quarto.

Pelo trajeto, Sisi continuou a pensar: "Não há dor, não existe nenhuma dor. Ela retorna para as nuvens..."

Ele pesava pouco mais de quarenta quilos. Deitou-se, tornando a tossir.

— José — chamou.

— Pronto, pai.

— Quero que você arrume suas coisa e vá para a casa da tia Dina. Ela cuidará bem de você.

— Eu não quero a tia Dina! — protestou veementemente, cerrando os punhos. — Eu quero o senhor! Quero... Eu... Eu quero que viva! Quero que fique comigo, que fale da guerra, que fale do vovô, que conte da rebelião. Quero ficar aqui!

Sisi fez menção de sair, mas o Sr. Ézio acenou-lhe que ficasse. Era um momento muito íntimo e ela se sentiu uma intrusa. Preferiria ter se retirado e deixado pai e filho entregues as suas emoções, a troca de um amor verdadeiro, sem barreiras. A despedida. Ficou somente pela consciência de poder assim ser mais eficiente no combate ao mútuo sofrimento. "Mas quem irá combater o meu?" Trouxe as mãos para junto do peito como se quisesse segurar o coração, impedi-lo de cair e congelar na neve.

O velho sorriu para o menino e, por um átimo, as rugas desapareceram e uma alegria infinita apossou-se do aposento sombrio. Riqueza material nenhuma se compararia à riqueza, à pureza e à força daquele sorriso, um sorriso capaz de dissolver todo o gelo da Terra e trazer novamente o Sol de trás da barreira de nuvens perpétua.

— A mim você já tem e sempre terá, esteja eu onde estiver, meu filho.

José cambaleou até um dos tapumes e a ele se escorou, cobrindo o rosto, enquanto lágrimas rolavam. O som de seus soluços foi abafado por um trovão e pelo granizo que principiou a cair.

O teto passou a tamborilar rude e monotonamente.

O vento aumentou de intensidade, lamuriando-se pelas frestas.

— Ah, Zezinho, não sofra — pediu o Sr. Ézio. — Tudo faz parte da vida, até mesmo isso.

"Não sofra", concentrou-se Sisi, de olho no garoto. "Não sofra".

Os soluços diminuíram, embora o rosto continuasse coberto. Cabisbaixo, a voz de José saiu quase inaudível.

— Então, eu não gosto da vida.

O velho ficou sério. Um brilho triste aflorou dos olhos fatigados.

— Não diga isso! Nunca mais diga isso... A vida é um dom maravilhoso emprestado por Deus. Dela, podemos tirar lições de tudo, até do sofrimento. Não fale contra ela, mas contra a nossa imperfeição em compreender o que ela tem a ensinar. A beleza da vida está a nossa frente. Nem todos os ferimentos do mundo fariam com que eu deixasse de amar a vida. Nem os pecados por mim cometidos ao ceifá-la de outros durante a guerra... Já disse um sábio: "Quem não ama esta vida não a merece". Estou convencido de que você tem tudo para fazer jus a ela, a essa dádiva. Não estou certo, senhora?

Sisi respondeu com um profundo respeito.

— Sim, senhor. A vida tem muito a ensinar e o senhor acaba de dar-nos uma lição completa.

— De qualquer maneira — retrucou José —, não temos dinheiro para eu viajar. Tia Dina mora tão longe! Também não sei ir até lá, pai.

— Onde é que ela mora e quanto é a passagem? — inquiriu Sisi.

— Ela vive no interior, em Salto — respondeu o velho, acrescentando o quanto achava que, aproximadamente, custaria a viagem.

Sisi remexeu nos bolsos do capote, da calça e das blusas interiores. Tinha algum dinheiro consigo, porém, era pouco, somente o suficiente para comprar alguma coisa durante suas andanças, caso necessitasse. A carteira ficara em sua casa, do outro lado da floresta.

— Não, não tenho dinheiro o suficiente. Talvez se...

Não conseguiu concluir o pensamento. Algo começou a acontecer e somente ela viu. Na penumbra oscilante a reinar no quarto, uma luminosidade de fogo começou a brotar do corpo enfraquecido do velho. Era uma luz espectral que nascia de dentro dele, expandia-se por todas as direções. Não queimava, mas Sisi reconhecia o seu significado e sabia que essa luz carregava um tipo especial de calor.

A sonolência tomou conta do Sr. Ézio de Souza Vieira cada vez mais. Mal estava podendo conservar suas pálpebras erguidas. Os lábios se moveram, tentou pronunciar alguma coisa, contudo as palavras relutaram em sair.

"NÃO SENTIRÁ DOR! Não há dor. Há somente paz, serenidade, quietude. Seguirá por um rio sem turbulência até um porto seguro no reino das sombras. Despertará do sono da vida em uma outra margem onde encontrará

o merecido descanso... NÃO EXISTE A DOR!"

— Por favor — conseguiu articular o velho à mulher —, faça o melhor que puder por ele. É um bom garoto. Avoado, mas um bom menino. Faça-o chegar às mãos da tia em segurança. Não tenho como pagar, mas...

Sisi precisou aproximar o ouvido dos lábios trêmulos do Sr. Ézio para ouvir as últimas palavras e, sem hesitar, prometeu:

— Farei.

— PAI! — gemeu José. Ajoelhou-se junto ao leito, tomando as faces enrugadas nas mãos. — PAI!

O velho sorriu e acenou afirmativamente. Havia tantas palavras naquele olhar, tanto a dizer para o filho, mas não conseguiu. Sua vida inteira corria diante de seus olhos em etapas sucessivas, numa retrospectiva que só fez com que ele reafirmasse seu fascínio pela vida. Ainda tentou num último esforço falar algo, contudo, a voz não emergiu. Cerrou as pálpebras.

Ele estava lá.

Ele não estava lá.

Nada mais havia nele além de um halo de tranquilidade. Ele quase brilhava.

Para Sisi, ele brilhava de fato. Observou a nuvem de fogo sair daquele corpo e pairar sobre o corpo do pai e o filho. Depois, flutuou até o teto, sendo absorvido por este. E ecos de uma voz — sua própria voz — tornaram a fazer-se ouvir:

"Sob o gelo e a neve, um coração deixa de envelhecer. Sem batidas, sem calor, sem sangue a percorrer... Sem tempo a correr. Sem sofrer. Sem viver. A eternidade é fria, vazia, sem a menor empatia pelas aspirações, aflições, emoções. Sob o gelo e a neve vicejam a escuridão e o silêncio. O tempo deixa de existir. A

existência deixa de perecer, de sofrer, de viver, de ser."

O coração de Sisi tornou a bater. Fazia muito tempo que não presenciava uma cena assim.

10 - MAGIA NO AR

— PAI!... PAI!...

Sisi caminhou para junto do garoto órfão e colocou ambas as mãos sobre seus ombros. Sabia a dor que ele sentia. "Não sofra, pequeno José..."

— Pai... — soluçou.

— Existe magia no ar. — A voz de Sisi soou mais hipnótica que o tamborilar insistente do granizo. — O frio e a neve estão repletos de espíritos, deuses e formas obscuras que coabitam o mundo dos homens. Eles sussurram palavras doces para aqueles que tiverem o dom e quiserem ouvir. As pedras falam. As árvores aconselham. A neve concede. O vento perdoa. E até a madeira dos abrigos murmuram e sensibilizam nossos sentidos. Eles falam sobre a vida, do quanto é bela apesar de todas as amarguras. E, em que pese a beleza da vida, murmuram ainda sobre a inegável sabedoria da morte. A morte é o complemento da vida, tal qual a noite em relação ao dia. Um sem o outro se reduz a nada. O sentido de um está na continuidade e constância que o outro proporciona, a palavra que emudece, o filtro que purifica e permite à essência dos seres retornar imaculada para casa. A morte é um milagre, uma magia, o recomeço de uma nova vida, a gênese do fim.

A luz do relâmpago atravessou frestas e, por um segundo, ofuscou a chama da lareira. O trovão fez o barraco

estremecer. Foi como se o céu confirmasse as palavras de Sisi e o amor dedicado pelo Sr. Ézio ao filho.

O menino continuou ajoelhado por mais algum tempo. Enxugou às últimas lágrimas. Ergueu-se enfim.

— Acho que entendo o que você e papai querem dizer. Agora, ele está livre da dor. Está em paz. Mas levará muito tempo até meu coração se acostumar à saudade.

Sisi assentiu, pois ela bem compreendia a dor de perder um ente querido. Desde a primavera de sua vida, que os milênios engoliram, até o romper das eras em que cada afeição foi seguida de uma perda. Afeição e perda sempre entrelaçados até seu coração exausto desenvolver uma couraça nem sempre eficaz.

— Eu sei, José — suspirou, envolvendo o menino em seus braços, levando-o para o cômodo de entrada.

Novo relâmpago inundou a casa de uma claridade fantasmagórica. Flocos de neve penetraram por um buraco no teto como se alguém tivesse atirado um punhado de farinha de trigo. A lenha crepitou em sua luta inglória contra o frio.

Sisi alimentou o fogo um pouco mais.

A madeira seria suficiente até o dia seguinte apenas.

José continuou em choque, sua mente perdida em outro lugar, procurando recordações por mais ínfimas que fossem. O que viu no final do túnel da memória foi a imagem de seu pai, rosto magro e enrugado, não muito diferente do rosto atrás do tapume. Ele já era velho e fraco quando José nasceu. Não havia juventude nas lembranças do menino, não havia um calor de mãe.

Vasculhou tudo, qualquer coisa que lhe indicasse um rumo a seguir. Não viu nada. Repensou nas palavras do pai e de Sisi... Pouco confortaram.

Sisi, abraçada ao garoto, pressentiu seu vácuo.

Os pensamentos de José se tornaram seus pensamentos.

A respiração irregular do garoto tornou-se sua própria respiração.

Não era mais uma questão de minorar o sofrimento e sim de encontrar matizes para uma tela em branco. Deixou José se sentar na cadeira e ficou de pé a seu lado. Fechou os olhos e concentrou-se muito, expandindo sua mente para além daquele barraco, daquela favela e da floresta de coníferas. Viajou por outros lugares, outros tempos, outros mundos. Bilhões de imagens, sons, cheiros, sensações em séculos de histórias e memórias.

José permaneceu por um longo tempo com o olhar sumido por entre as chamas da lareira.

Sisi sussurrou feito o vento:

— O Amanhã é a lagarta do Ontem que ganhou asas. E Hoje nos perguntamos como seria o mundo se pudéssemos voar...

11 - VISITA INESPERADA

Apesar do frio, o suor porejou da testa da mulher.

O tempo correu com a ventania para longe.

Outra ventania, diferente, surgiu.

Então, a porta se abriu.

José gritou:

— QUE É ISSO?!

A língua gelada da tempestade lambeu o interior da casa toda de uma só

vez, acompanhada de neve e granizo. Penetraram atrevidos, rodopiaram e rolaram pelo assoalho. Papéis foram erguidos. Metais tilintaram. Tábuas rangeram. O fogo apavorou-se. Santos e os super-heróis prosseguiram serenos e apáticos nos tapumes. Uma pinha caiu num estalido seco, espalhando sementes.

Como se uma centelha houvesse tocado o menino, José pulara assustado, derrubando a cadeira. Por pouco não caíra e arrastara Sisi consigo.

Não fora por menos.

Parado no batente da porta, lá estava: Ézio de Souza Vieira!

Sim, ele.

Não o de carne e osso.

O presente de aniversário de seu pai!

Lá estava o boneco de neve a exhibir os seus olhos brilhantes de azeitonas pretas, o nariz de cenoura velha orgulhosamente erguido para o ar, as bochechas rechonchudas de neve cinzenta e o sorriso congelado de quem estava à vontade no frio glacial.

— DEUS DO CÉU! — berrou José, apavorado.

Não percebera a aproximação e o toque de Sisi com seus dedos delicados e morenos, livres das luvas. Ela continuou calma atrás do menino e, por meio de outro toque, fê-lo relaxar. O corpo miúdo foi perdendo a tensão e os músculos afrouxaram. Todo o mundo que conhecera havia desmoronado e, agora, enlouquera de vez. E, por entre as ruínas daquilo que até então conhecera, saltou aquela coisa tragicômica construída de sonhos e punhados de neve. José divisou até marcas de seus próprios dedos por toda a criatura que, segundo qualquer lógica, deveria ser inanimada.

Mas não era.

O boneco movimentou seu braço direito, erguendo-o sem medo de que fosse partir. Ouviu-se um ruído de arrepiar a pele, gelo riscando gelo, um som afiado. Tirou seu chapéu de palha, chacoalhando-o do lado de fora, antes de se voltar e fechar a porta. Fragmentos de graveto caíram.

As dobradiças gemeram.

Os tapumes ficaram tranquilos.

A tempestade viu-se expulsa de casa.

Através do tamborilar do granizo no telhado, Sisi sussurrou junto ao ouvido de José. Sua voz saiu feito um filete de brisa roçando as paredes.

— Há magia na neve. Há magia no ar. É aniversário, época em que os desejos tornam-se realidade e também época em que a realidade converte-se em desejos frios e brumosos qual um vento cortando a tempestade.

O boneco de neve avançou em passos macios sobre o assoalho. Flocos de neve caíram de seu casaco e do corpo redondo, deixando um rastro acinzentado. Aproximou-se sem pressa do garoto e da moça, gigando seu corpo feito um pinguim sobre os sapatos pontudos. Deveriam ter-lhe dado ao menos uns tocos de perna, entrementes, como José iria adivinhar? A neve continuou a cair, deixando no ar a fragrância de um permanente inverno.

— Sisi...

— Calma.

— Estou vendo o que estou vendo?

Ela sorriu.

— Está. Não fale. Sinta.

— Sinto frio!

— Não — murmurou —, não sente frio.

E não ficou tão frio.

Já próximo à mesa e aos dois, o boneco de neve deixou cair de sua "mão" esquerda um maço de notas novinhas.

O menino arregalou os olhos ainda mais e suspirou. A última vez que vira tanto dinheiro fora quando seu pai fizera um trabalho extra na lavoura hidropônica da prefeitura e retornara com o primeiro salário. Durante uma semana inteira seus estômagos ficaram satisfeitos. Mas devido a saúde delicada, o Sr. Ézio fora dispensado pouco tempo depois. Para sobreviver, fizera peças de artesanato com ferro-velho e tudo o que pudesse colocar as mãos, restaurando ou transformando em um utilitário qualquer. Depois, José saía pela vizinhança, vendendo.

O boneco chamado Ézio de Souza Vieira dirigiu-se a seguir para o cômodo onde se encontrava o Sr. Ézio de Souza Vieira.

O garoto ficou apreensivo.

Sisi fez sinal para que não se preocupasse.

O rastro de neve traçou uma curva à direita. O boneco quase não conseguiu passar pela abertura entre os tapumes. Sua enorme barriga encostou num canto da cama e ele deu um toque gelado no corpo do homem com sua mão sem dedos.

12 - DESPEDIDAS

O mundo havia virado do avesso, torcido e retorcido e, por fim, despedaçado.

Diante dos olhos assombrados do garoto, o velho abriu as pálpebras carentes de vida e, em movimentos lentos, porém não mais cansados ou

doloridos, ergueu-se, pondo-se em pé sem qualquer auxílio como havia muitos anos não fazia. A coberta puída caiu a seus pés, permitindo a José e a Sisi verem o uniforme rasgado de um ex-combatente da Antártida. O cadáver andou e saiu do quarto seguido de perto pelo homem de gelo. Acariciou os cabelos do filho num toque que esfriava rapidamente, tornando-se gelado como o toque do boneco, como as sombras que envolviam o lugarejo miserável e deserto. Voltou-se, então, em direção à porta num andar lento e rígido.

Os Espíritos da Neve invadiram novamente a casa e açoitaram o rosto do menino. Papéis fugiram para debaixo das mobílias carcomidas e outra pinha caiu.

José quis falar algo, os lábios tremeram, entreabriram-se e, de seu interior, veio somente uma respiração quente, prontamente condensada num gemido de ar dentro de uma caverna. Viu o pai descer o degrau com os pés descalços e por um momento irreal teve o pensamento de ir buscar os sapatos. Porém, no momento seguinte seu pai já estava lá fora, o uniforme tremulando no corpo magricela feito uma bandeira desfraldada no mastro de um galeão à deriva. A criança correu em seu encalço.

Sisi também se moveu.

— Pai! — gritou José. Tremia por várias razões e a voz emergiu engasgada.
— Pai!

A nevasca recebeu a todos com a voracidade típica daqueles acostumados a devorar até a saciedade. Abraçou-os em seus múltiplos arcos pincelados ao acaso. A chuva de granizo prosseguia forte e bombardeou generosamente as quatro cabeças. Trovejou e trovejou o gigante sombrio cuja mortalha envolvia todo o céu: "*Quem são vocês, insignificantes criaturas,*

que invadem meus domínios como se coisa alguma pudesse afetá-los?" Mas os quatro seres ignoraram os brados que se perderam no horizonte, naquele cenário de apocalipse. Algumas trancas de janelas voltaram a se mover, algumas frestas se abriram nas portas vizinhas. Olhos incrédulos e duvidosos da própria sanidade piscaram inúmeras vezes antes de sumirem na escuridão, seguidos do baque seco de tábuas em conflito.

— Meu pai!

Os dois Ézios avançaram sem demonstrar cansaço através da espessa camada de neve. Encontravam-se em seu elemento, estavam em harmonia com a baixa temperatura, estavam em casa.

José parou a poucos metros de casa, ficando Sisi a alguns passos atrás, olhar vidrado na dupla.

O boneco colocara novamente o chapéu de palha e, apesar do vento fustigante, apesar dos buracos na palha envelhecida, continuou grudado à cabeça de gelo. Os passos desengonçados deixavam estranhas pegadas ao lado das pegadas firmes e descalças do Ézio-pai.

— Pai! — gritou o menino mais uma vez, chorando.

O vento parou de uivar e o granizo parou de cair. Tudo ficou quieto, muito quieto.

O Sr. Ézio estacou, sendo imitado pelo boneco de neve. Era pouco mais que um vulto mergulhado num oceano de brumas. O uniforme pendia frouxo em seu corpo. Os pés estavam ocultos pela camada fofa de neve. Não tremia e, ainda que não respirasse, era pouco mais que uma estátua na orla da floresta.

— Pai, sempre te amarei. Estarei sempre contigo; e o senhor, comigo... Adeus, papai!

Não soube dizer se todas as suas palavras foram compreendidas naqueles milhares de quilômetros de gelo que os separavam. Viu o velho se virar. Viu o sorriso surgir em seus lábios apesar de toda a distância que os separavam. O boneco também se voltou, gíngando o corpo como um pinguim o faria.

Sim, o Sr. Ézio de Souza Vieira havia compreendido e para sempre saberia. Tornou a dar as costas ao filho, desta vez para jamais retornar.

O boneco ergueu o braço em sinal de despedida, gelo cortando gelo, e acompanhou o homem idoso ao seu último destino. Nenhum moleque da favela atrever-se-ia a desmanchá-lo agora.

Não demorou muito para que ambos se transformassem em sombras naquele universo feito de penumbras, até que nada mais pairasse no ar além do gemido do vento que voltou, juntamente com o tamborilar do granizo nas árvores e nos telhados. Relâmpagos foram seguidos de trovões: a grande batalha celeste havia recomeçado.

13 - ESPÍRITO DA NEVE

— Vamos, José, vamos voltar para casa — disse Sisi, exausta, respirando profundamente.

— Obrigado, Sisi.

— O quê você disse? — indagou, ofegante.

O sorriso do menino era franco e puro.

— Obrigado.

— Por quê?

— Pela magia que me presenteou e por você existir. Agora eu sei que o boneco de neve não era um dos Espíritos da Neve.

Subiram o degrau do barraco.

— Não?

— O Espírito da Neve era você o tempo todo, Sisi.

Sisi sorriu.

A porta se fechou atrás dos dois. Dobradiças guincharam.

A neve continuou a cair. A tarde findou escura com seus fantasmas à solta atrás dos perdidos. Galhos se romperam, estalaram e caíram, afundando, desaparecendo. Todos os rastros foram apagados como um sonho engolido pela escuridão da madrugada.

Na manhã seguinte, Sisi acompanharia o pequeno José em sua viagem até Salto ao encontro da tia.

Ela jamais se esqueceria do menino, assim como ele sempre iria se lembrar de Sisi.

Longe dali, do outro lado da floresta, na cidade, uma mulher enfeitada de jóias e vestindo um aconchegante casaco de peles, com gorro combinando, entrou esbaforida em sua casa, manchando o carpete de neve derretida. O marido assistia com interesse ao noticiário, onde um cientista falava qualquer coisa sobre tentativas de comunicar-se com os selenitas.

— Doido — murmurou.

Mal deu ouvidos à esposa quando esta contou que fora assaltada por um monstruoso boneco de neve. O melhor que pôde fazer foi recomendar a ela que tomasse algumas pílulas para dormir e que não se aventurasse mais a fazer compras sozinha.

O aparelho de TV exibiu um radiotelescópio em construção em algum lugar do hemisfério norte.

A mulher gritou e gritou sobre o homem de gelo que arrancou sua bolsa, e

não tinha dedos e não tinha pernas e um monte de coisas sem sentido.

O marido, paciente, pensamentos distantes, jurou a ela reembolsar tudo o que havia perdido tão logo a reportagem terminasse.

Ela apanhou um vaso caríssimo e espatifou-o de encontro ao vídeo.

Discutiram.

— Doida! — xingou ele.

— Dê-me o dinheiro! — exigiu

ela.

O marido retrucou:

— Você acabou de destruí-lo. Vou precisar dele para comprar uma televisão nova!

E a briga prolongou-se a noite toda.

Para todos aqueles que quisessem ouvir, durante dias seguidos o vento emergiu da favela e da floresta, infiltrou-se por entre a cidade, cortando a tempestade:

"S.siii.sssiii..."

NOTA DO AUTOR:

A versão original desta história foi escrita entre 19.06.1990 e 23.06.1990, revista e ampliada em abril do ano seguinte. Teve como inspiração o conto "O Desejo", de Ray Bradbury, o qual li em um dos volumes da célebre coleção portuguesa, *Argonauta*. Reescrevo-a agora, no segundo semestre de 2020, três décadas depois. A personagem Sisi nasceu no final do romance "O Olhar de Hirosaki", ressurgindo, ainda, no conto "Indagações na Chuva" (Conexão Literatura nº 49).

Biografia:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquele Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

Obs: Informações: *Google*, *Uiclap*, *Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br

Participe das nossas
edições mensais:

CLIQUE AQUI

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

PORQUE AMAMOS
LIVROS

conexão

Literatura

Dezembro/2020

Nº 66

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DESEJAMOS UM
FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO



CONFIRA
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS